



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

XXXII Jornada Giulio Massarani
de Iniciação Científica, Artística e Cultural UFRJ

LIVRO DE RESUMOS

Forum de Ciência e Cultura

2010

Jornada de Iniciação Científica
(04 a 08 de outubro de 2010, Rio de Janeiro - RJ - Brasil)

Livro de Resumos da XXXII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica,
Artística e Cultural – Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro,
2010.

68 p.; 210 x 290 mm

1. Ciência – Congressos

I. Jornada de Iniciação Artística e Cultural
II. UFRJ

Nota: Os resumos impressos não sofreram revisão por parte da equipe de diagramação dos livros de resumo, sendo, portanto, reprodução fiel do texto preparado pelos autores.

APRESENTAÇÃO

A UFRJ realiza este ano a 32ª versão de sua Jornada de Iniciação Científica, Artística e Cultural, que anualmente congrega a participação de alunos de graduação, pós-graduação e docentes das diferentes áreas do conhecimento. Esta Jornada constitui-se num importante fórum de debates sobre os estudos e pesquisa em desenvolvimento nos 173 cursos de graduação dos sete (7) Centros da UFRJ, com efetiva vinculação aos seus mais de 93 programas de pós-graduação.

A Jornada de Iniciação Científica foi criada em 1978 pelo Prof. Giulio Massarani, envolvendo apenas o Centro de Tecnologia (CT) e o Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN). Em 1985, o evento alcançou toda a UFRJ e teve participação de praticamente todos os Centros, notadamente do CCMN, do CT e do Centro de Ciências da Saúde (CCS). A partir de 1993, quando a UFRJ passou a participar do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Jornada passou a ser, também, o fórum de apresentação dos trabalhos dos bolsistas deste Programa.

Os resumos dos trabalhos da XXXII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural estão apresentados em cinco volumes: dois para a área de Ciências da Vida (Centro de Ciências da Saúde), um para a área das Ciências Exatas (Centro de Tecnologia e Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza), um para as Ciências Humanas e Sociais (Centro de Letras e Artes, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas e Centro de Filosofia e Ciências Humanas) e um que reúne os trabalhos do Fórum de Ciência e Cultura / Museu Nacional (áreas das Ciências da Vida, Exatas e Humanas). No total, são 3760 trabalhos aceitos para apresentação após processo de revisão.

Em 2009/2010 a UFRJ contou com 804 bolsistas CNPq-PIBIC e 700 bolsistas da UFRJ, além de um grande número de bolsas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico de Iniciação Científica Balcão (CNPq-IC Balcão) e Programa de Recursos Humanos para Atividades Estratégicas em Apoio a Inovação Tecnológica (CNPq-RHAE); da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Programa de Educação Tutorial (CAPES-PET); da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ); do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica de outra Instituição (CNPq-PIBIC de outra IES); da Agência Nacional do Petróleo (ANP) e de Bolsas de Projeto de Pesquisa. Como acontece desde 1995, a UFRJ tem patrocinado, também, bolsas de Iniciação Científica Júnior para os alunos do seu Colégio de Aplicação.

Pelos números da Jornada deste ano, fica claro o crescente interesse e participação da comunidade acadêmica. Os trabalhos apresentados em 2010 referem-se àqueles desenvolvidos por alunos de graduação sendo 3162 autores bolsistas e 1889 autores não-bolsistas. A grande maioria dos alunos não-bolsistas se prepara para concorrer às novas bolsas no próximo ano. Percebe-se que o PIBIC está estimulando eficazmente a Iniciação Científica na UFRJ. A boa notícia deste ano é que, pelo 2º ano consecutivo, houve um aumento de 100 de bolsas UFRJ para o programa de Iniciação Científica de 2009/2010. Esse é o resultado do esforço e da contribuição da PR2 para a consolidação do PRE (Plano de Reestruturação e Expansão da Graduação) e para atender parcialmente a demanda qualificada.

*Comitê Local e
Coordenação Geral da Jornada*

AGRADECIMENTOS

É inegável a contribuição do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa da UFRJ. Essa contribuição pode ser aferida diretamente pela evolução da Jornada de Iniciação Científica e Artística e Cultural nos últimos anos.

A realização da XXXII Jornada Giulio Massarani de Iniciação Científica, Artística e Cultural, com 3760 trabalhos a serem apresentados por 5051 autores-discentes e 3651 orientadores, reflete essa contribuição.

O sucesso da atividade como um todo é o resultado da dedicação e do esforço de toda a comunidade da UFRJ. Mas, nesse momento, não podemos deixar de destacar o trabalho daqueles diretamente envolvidos com as Jornadas. Expressamos, portanto, o nosso reconhecimento a todos que participaram desta organização, seja na coordenação e apoio na PR2, seja na coordenação e apoio nos Centros e Unidades.

Reconhecemos e agradecemos, ainda, a contribuição do Comitê Externo no processo de acompanhamento e avaliação do PIBIC/UFRJ. Naturalmente, não podemos deixar de mencionar o Comitê Institucional, que tem cada vez mais aprimorado o acompanhamento do PIBIC na Universidade.

Não podemos deixar de mencionar e agradecer a participação da Ayra, uma empresa júnior da UFRJ, na análise e consultoria para o aprimoramento da Jornada.

Registramos, finalmente, que os apoios recebidos da Fundação Universitária José Bonifácio (FUJB), da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa (FAPERJ), do Banco do Brasil e da Eletrobrás foram fundamentais para a realização deste evento.

Prof^a Belkis Valdman
Pró-reitora de Graduação

Prof^a Angela Maria Cohen Uller
Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO (UFRJ)

Reitor

Prof. Aloisio Teixeira

Vice-Reitora

Profª Sylvia da Silveira de Mello Vargas

Pró-Reitora de Graduação (PR-1)

Profª Belkis Valdman

Superintendente Geral

Prof. Eduardo Mach Queiroz

Superintendente Administrativa

Mara Lúcia Silva de Moraes

Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa (PR-2)

Profª Angela Maria Cohen Uller

Superintendente Acadêmico de Pós-Graduação

Prof. Roberto dos Santos Bartholo Junior

Superintendente Acadêmico de Pesquisa

Profª Sandra Maria Feliciano de Oliveira e Azevedo

Superintendente Administrativa

Marília Moraes Lopes

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento (PR-3)

Prof. Carlos Antônio Levi da Conceição

Superintendente de Planejamento e Desenvolvimento

Regina Célia Aves S. Loureiro

Superintendente de Administração e Finanças

Prof. Milton Reynaldo Flores de Freitas

Pró-Reitor de Pessoal (PR-4)

Prof. Luiz Afonso Henriques Mariz

Superintendente Geral

Roberto Antônio Gambine Moreira

Pró-Reitora de Extensão (PR-5)

Profª Laura Tavares Ribeiro Soares

Superintendente Administrativa

Almaisa Monteiro Souza

Superintendente Acadêmica

Profª Ana Inês Sousa

Prefeito da Universidade

Prof. Hélio de Mattos Alves

Coordenadora do Forum de Ciência e Cultura

Profª Beatriz Resende

Superintendente Administrativa

Heliane Rocha

Comitê Institucional de Iniciação Científica

Profª Russolina Benedeta Zingali
Profª Maria da Graça Derengowski Fonseca
Prof. Ângelo da Cunha Pinto
Prof. Ricardo Martins da Silva Rosa
Profª Walcy Santos
Prof. Luca Roberto Augusto Moriconi
Prof. Mario Alberto Cardoso da Silva Neto
Prof. Afrânio Lineu Kritski
Prof. Mauro Sola Penna
Prof. José Roberto Lapa e Silva
Prof. Paulo Cesar de Paiva
Profª Celuta Sales Alviano
Prof. Antonio Ferreira Pereira
Profª Maria das Dores Campos Machado
Prof. Marcio da Costa
Profª Regina Maria da Cunha Bustamante
Profª Rachel Coutinho Marques da Silva Carvalho
Prof. Marcelo Jacques de Moraes
Prof. Luiz Paulo da Moita Lopes
Prof. Sérgio Álvaro de Souza Camargo Junior
Profª Leila Lea Yuan Visconte
Prof. José Manoel de Seixas
Profª Ana Maria Rocco
Profª Maria Dulce Barcellos Gaspar de Oliveira

Coordenação PIBIC/UFRJ

Profª Russolina Benedeta Zingali (Coordenador Acadêmico)
Elton Teixeira Machado (Coordenador Administrativo)
Gisele Barbosa Pessanha
Julio Gravina Marques (Diretor de Programas e Bolsas)

Organização da Jornada

Coordenação Geral

Profª Russolina Benedeta Zingali
Maria de Fatima Bastos Freitas
Renata Gaspar Nascimento
Jorge Luis Silva da Costa

Coordenação da Jornada dos Centros

Centro de Letras e Artes

Profª Flora de Paoli Faria
Hilda Regina Vasconcelos Senna

Representes de Unidades

Profª Cybele Vidal Neto Fernandes - EBA
Profª Sonia Hilf Shultz - FAU
Profª Claudia Fatima Morais Martins - FL
Profª Maria Beatriz Licurci Conceição - EM

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

Prof. Antonio Jorge Gonçalves Soares
Profª Regina Maria da Cunha Bustamante

Representes de Unidades

Prof. Mauro Luis Iasi - ESS
Profª Kátia Sento-Sé Mello - ESS
Profª Kátia Augusta Maciel - ECO
Profª Cristiane Henriques Costa - ECO
Profª Miriam Waidenfeld Chaves - FE
Profª Daniela Patti do Amaral - FE
Profª Karina Kuschnir - IFCS
Prof. Rafael Haddock Lobo - IFCS
Profª Rosa Maria Ribeiro Pedro - IP
Profª Cláudia Tavares Ribeiro - CAP
Profª Regina Célia de Souza Pugliese - CAP
Prof. Elidio Alexandre Borges Marques - NEPP-DH

Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas

Prof. José Ricardo Maia de Siqueira
Profª Ana Lúcia Sabadell da Silva

Representes de Unidades

Profª Mônica Visconti de Melo - FACC
Prof. Ronaldo Fiani - NEI
Prof. Daniel de Pinho Barreiros - IE
Prof. Luiz Eduardo Figueira - FND
Profª Cláudia Pfeiffer - IPPUR

Centro de Ciências da Saúde

Prof. Mauro Sola Penna
Profª Valéria do Monti Nascimento Cunha
Profª Irene de Almeida Biasoli
Prof. João Pedro Saar Werneck de Castro
Profª Cristiane Alves Villela Nogueira
Profª Ângela Hampshire de Carvalho Santos Lopes
Profª Ligia Maria Torres Peçanha

Representes de Unidades

Profª Yraima Moura Lopes Cordeiro - FF
Profª Lucianne Cople Maia de Faria - FO
Profª Mirian Struchiner - NUTES
Profª Daniela MaedaTakiya - IB
Profª Elisa Maria de Aquino Lacerda - IJNC
Profª Maria Aparecida Vasconcelos - EEAN
Prof. Bruno Diaz - IBCCF
Profª Sandra Konig - ICB
Prof. Rodrigo Tinoco de Figueiredo - ICB
Profª Carla Ribeiro Polycarpo - IBqM
Profª Vera Lucia Patrocínio Pereira - NPPN
Profª Luciane Cláudia Barcellos - EEFD
Profª Tatiana Ungaretti Paleo Konno - NUPEM
Profª Cristiane Alves Villela e Profª Irene de Almeida Biasoli - FM, HESFA, HUCFF, IDT, IG, IPUB, IPPMG, NESC, ME, INDC

Centro de Ciências

Matemáticas e da Natureza

Prof. Emilio Velloso Barroso
Prof^a Andréa Ferreira Borges
Representantes de Unidades
Prof^a Leticia Parente Ribeiro - IGEO
Prof. William Ribeiro da Silva - IGEO
Prof. Rafael Winter Ribeiro - IGEO
Prof. Leonardo de Faria Peres - IGEO
Prof. Rodrigo Volcan Ameida - IQ
Prof^a Ligia Maria Marino valente - IQ
Prof. Heudson Mirandola - IM
Prof. Marcello Goulart Teixeira - IM
Prof. Hugo Luna - IF
Prof^a Érica Polycarpo - IF
Prof^a Thaís Mothé Diniz - OV

Centro de Tecnologia

Prof. Antônio Carlos Ferreira
Prof. Ladimir José de Carvalho

Representes de Unidades

Prof^a Eliana Mosse Alhadeff - EQ
Prof. Fernando Gomes de Souza Junior - IMA
Prof. Marcos Vicente de Brito Moreira - Esc. Politécnica

Fórum de Ciência e Cultura

Prof. Gabriel Luis Figueira Mejdalani
Prof^a Valéria Cid Maia
Prof. Marcelo Carvalho de Araújo

Representes de Unidades

Prof. Gabriel Luis Figueira Mejdalani - MN
Prof. Marcelo Carvalho de Araújo - MN
Prof^a Valéria Cid Maia

FCC
Forum de Ciência e Cultura
PROGRAMAÇÃO

05/10 • terça-feira

Sessão: 70 - Nome: Antropologia e Arqueologia

Hora: 09:00 às 16:20

Tipo de Apresentação: Oral

Local: Museu Nacional - Auditório da Biblioteca

Coordenação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI (Coordenador)

VALÉRIA CID MAIA (Coordenador)

MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO (Coordenador)

Página

09:40 às 10:00	Código: 245 Os Cientistas e os Emancipados: O Cotidiano dos Africanos Livres no Museu Nacional3 Autor: FERNANDA SANTA ROZA AYALA MARTINS (UFRJ/PIBIC) e TADEU BARRIA BARROSO TAVARES (CNPq/PIBIC) Orientação: OLÍVIA MARIA GOMES DA CUNHA
10:00 às 10:20	Código: 304 O “Outro” Como Objeto do Conflito: Análise das Representações Acerca de Raposa-Serra do Sol e os Seus Usos Políticos nos Discursos dos Setores Contrários à Sua Demarcação Contínua - O Julgamento da Ação Popular nº 3.388 no Supremo Tribunal Federal, 2005-20093 Autor: IVAN GOMES DORO FILHO (UFRJ/PIBIC) Orientação: ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA LIMA
10:20 às 10:40	Código: 724 Jamugikumalu: O Travestismo Ritualizado3 Autor: JÚLIA OLIVEIRA FRANCESCHINI TANDETA (UFRJ/PIBIC) Orientação: CARLOS FAUSTO
11:00 às 11:20	Código: 1289 História e Pré-História do Município de Central, Bahia, Através da Literatura de Cordel4 Autor: JULIANA DE SOUZA MARIANO (CNPq-IC Balcão) Orientação: MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO e MARTHA LOCKS GUIMARAES
11:20 às 11:40	Código: 1288 Sítio Arqueológico Histórico Fazenda de Macacu, Itaboraí, Rio de Janeiro: Micromamíferos4 Autor: JULIANA DE SOUSA NOGUEIRA (FAPERJ) e LEONARDO BATISTA AZEREDO QUINTANILHA (Sem Bolsa) Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARAES e MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO
11:40 às 12:00	Código: 1486 Os Bronzes da Coleção Egípcia do Museu Nacional: Estudo e Classificação5 Autor: JULIANA MORAIS DANEMBERG (CNPq/PIBIC) Orientação: ANTÔNIO BRANCAGLION JUNIOR
13:40 às 14:00	Código: 1955 Anatomia do Lenho Carbonizado de Espécies de <i>Combretaceae</i>5 Autor: CAMILA DE MATTOS LINS VAZ (UFRJ/PIBIC) Orientação: RITA SCHEEL YBERT
14:00 às 14:20	Código: 2291 Antracologia de Casas Subterrâneas: Estudo de um Sítio em Bom Jesus, Estado do Rio Grande do Sul5 Autor: JULIANA DA SILVA COELHO (Outra Bolsa) Orientação: RITA SCHEEL YBERT e GINA FARACO BIANCHINI
14:20 às 14:40	Código: 2295 Constituição de uma Carpoteca no Laboratório de Paleocologia Vegetal, Museu Nacional, UFRJ6 Autor: SABRINA QUEIROZ DE FARIAS (CNPq-IC Balcão) e ANA LUIZA PAIOLA DE ALMEIDA SANTOS (CNPq/PIBIC) Orientação: RITA SCHEEL YBERT e GINA FARACO BIANCHINI
15:00 às 15:20	Código: 2297 O Potencial de Análise e Identificação de Sementes Carbonizadas em Sítios Arqueológicos da Amazônia Central: Um Estudo de Caso no Sítio Hatahara7 Autor: BIANCA VICTORIANO NOGUEIRA (CNPq/PIBIC) Orientação: RITA SCHEEL YBERT, CAROLINE FERNANDES CAROMANO e GINA FARACO BIANCHINI
15:20 às 15:40	Código: 2586 Entre Plantation e Senzalas: Família Escrava, Cultura Material da Escravidão e Possibilidades Arqueológicas7 Autor: LUANA DOS SANTOS CORREIA (CNPq-IC Balcão) e MAÍRA DE OLIVEIRA RIBEIRO (CNPq/PIBIC) Orientação: FLÁVIO DOS SANTOS GOMES

05/10 • terça-feira

- 15:40 às 16:00 Código: 3836 Reconstrução Espacial dos Remanescentes
Esqueléticos Humanos Recuperados no Sambaqui de Cabeçuda, Santa Catarina, SC8
Autor: RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA (UFRJ/PIBIC) e VERÔNICA REIS DE CASTRO (Outra Bolsa)
Orientação: CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO, ADILSON DIAS SALLES,
SÍLVIA MACHADO e FLÁVIA DE CARVALHO C. M. CERQUEIRA
- 16:00 às 16:20 Código: 3957 Reconstrução Virtual e Remanescentes Humanos
Recuperados em Contexto Arqueológico.....8
Autor: VICTOR DE SOUZA BITTAR (Sem Bolsa)
Orientação: CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO,
JORGE ROBERTO LOPES DO SANTOS e ANTÔNIO BRANCAGLION JUNIOR

06/10 • quarta-feira

Sessão: 72 - Nome: Botânica, Zoologia e História das Ciências

Hora: 09:00 às 15:40

Local: Museu Nacional - Auditório da Biblioteca

Tipo de Apresentação: Oral

Coordenação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI (Coordenador)
VALÉRIA CID MAIA (Coordenador)
MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO (Coordenador)

Página

- 09:40 às 10:00 Código: 252 Dinâmica Nictemeral do Fitoplâncton
no Reservatório de Manso (MT) em Dois Períodos Climatológicos.....8
Autor: MARINA PRINCIPE CARDOSO PINTO (UFRJ/PIBIC)
Orientação: LÚCIA HELENA SAMPAIO DA SILVA e VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR
- 10:00 às 10:20 Código: 414 Análise Palinológica da Formação Whisky Bay (Albiano),
Sub-Bacia James Ross, Península Antártica9
Autor: RAFAELA COUTO DE REZENDE (UFRJ/PIBIC)
Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO
- 10:20 às 10:40 Código: 417 Paleomicrofitoplâncton Marinho do Devoniano da Bacia do Parnaíba, Brasil9
Autor: BRUNA RODRIGUES PEREIRA (UFRJ/PIBIC)
Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO e VIVIANE SEGUNDO FARIA TRINDADE
- 11:00 às 11:20 Código: 2552 Espécies de *Lamiaceae marynov*
- Uso pelas Comunidades Tradicionais da Região Sudeste do Brasil10
Autor: MARA ALBUQUERQUE FREIRE (IC-Junior)
Orientação: LUCI DE SENNA VALLE e DÉBORA MEDEIROS
- 11:20 às 11:40 Código: 2559 Espécies de *Fabaceae lindley*
e Seu Emprego Medicinal em Comunidades Tradicionais10
Autor: LUDMILA MOREIRA COSTA (FAPERJ)
Orientação: LUCI DE SENNA VALLE e DÉBORA MEDEIROS
- 11:40 às 12:00 Código: 3068 Ocorrência de Galhas de Insetos
na Floresta Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)11
Autor: IGNEZ MENDONÇA BATISTA (Sem Bolsa)
Orientação: VALÉRIA CID MAIA
- 13:40 às 14:00 Código: 96 A Contribuição de João Martins da Silva Coutinho às Coleções Geológicas
do Museu Nacional na Segunda Metade do Século XIX.....11
Autor: MARINA JARDIM E SILVA (UFRJ/PIBIC)
Orientação: ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES
- 14:00 às 14:20 Código: 264 O Nascimento da Paleontologia Brasileira:
A Contribuição de Frederico Leopoldo César Burlamaque ao Museu Nacional.....12
Autor: CECÍLIA DE OLIVEIRA EW BANK (CNPq/PIBIC)
Orientação: ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES

06/10 • quarta-feira

- 14:20 às 14:40 Código: 1142 As Memórias da UFRJ em Seus 90 Anos de História12
Autor: KATHERINE NUNES DE AZEVEDO (CNPq/PIBIC), CLARISSA PEREIRA COGO (Outra Bolsa) e
ANA PAOLA DA SILVA SALGADO ARAÚJO (Outra Bolsa)
Orientação: ANDRÉA CRISTINA DE BARROS QUEIROZ
- 15:00 às 15:20 Código: 1722 Antes e Agora: Os Meteoritos e a Civilização12
Autor: MIGUEL ALENCAR ROSA TEIXEIRA MENDES (IC-Junior)
Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTI
- 15:20 às 15:40 Código: 3726 Paulo de Miranda Ribeiro:
Correspondência Internacional Analisada por Meio de Seu Arquivo Pessoal13
Autor: MYRTÔ DA SILVA CUNHA (Sem Bolsa) e GABRIEL RODRIGUES SOARES (Sem Bolsa)
Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS e SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO

Sessão: 26 - Nome: História Natural

Hora: 13:00 às 16:00

Tipo de Apresentação: Painel

Local: Museu Nacional - Hall da Biblioteca

Coordenação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI (Coordenador)

VALÉRIA CID MAIA (Coordenador)

MARCELO DE ARAUJO CARVALHO (Coordenador)

Página

- 13:00 às 16:00 Código: 424 Ontogênese dos Estames e Estaminódios
de *Garcinia brasiliensis* Mart. (*Clusioideae*, *Clusiaceae*)13
Autor: CÁSSIA MALAFAIA FERREIRA DA SILVA (Sem Bolsa)
Orientação: BÁRBARA DE SA HAIAD, HELOÍSA ALVES DE LIMA CARVALHO,
DANIEL DE OLIVEIRA LEAL e LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES
- 13:00 às 16:00 Código: 428 Vascularização do Gineceu em *Eugenia neonitida* Sobral (*Myrtaceae*)14
Autor: DIEGO PEREIRA SPALA (CNPq/PIBIC)
Orientação: RAFAEL RIBEIRO PIMENTEL e LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES
- 13:00 às 16:00 Código: 568 Estudo Polínico da Subfamília *Rubioideae* (*Rubiaceae* Juss.)
Ocorrentes nas Restingas do Estado do Rio de Janeiro14
Autor: GABRIELLE REBOREDO MENEZES VIEIRA (CNPq/PIBIC)
Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES e CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA
- 13:00 às 16:00 Código: 662 Floração de Cianobactérias e Derramamento de Rejeito Industrial:
Dois Eventos Atípicos em um Rio Tropical do Sudeste do Brasil.....15
Autor: ROBERTO ABRANTES FIRME (UFRJ/PIBIC)
Orientação: LUCIANA SILVA DA COSTA e VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR
- 13:00 às 16:00 Código: 824 Biodiversidade Fitoplanctônica de Reservatórios
do Semi-Árido do Rio Grande do Norte15
Autor: AMANDA REBOUÇAS COSTA (CNPq/PIBIC)
Orientação: VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR e JANDESON BRASIL DIAS
- 13:00 às 16:00 Código: 859 Influência da Altitude sobre o Meio Abiótico Afeta a Composição
e Abundância do Fitoplâncton em Sistemas Lóticos da Bacia do Rio Uruguai, RS, Brasil16
Autor: MARIANA ORICHIO MELLO APPEL (Outra Bolsa)
Orientação: VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR
- 13:00 às 16:00 Código: 1060 *Myrtaceae* do Cordão Interno da Apa de Maricá:
Levantamento e Fenologia das Espécies.....16
Autor: ALEXANDRE VERÇOSA GRECO (CNPq/PIBIC)
Orientação: HELOÍSA ALVES DE LIMA CARVALHO,
MARIA CÉLIA RODRIGUES CORREIA e ANA TEREZA ARAÚJO RODARTE
- 13:00 às 16:00 Código: 1713 Estudo Polínico de Espécies do Gênero
Lippia L. (*Verbenaceae- Lantaneae*) Ocorrentes no Brasil17
Autor: JULLIANA PASSOS DOS SANTOS (CNPq/PIBIC)
Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES,
ANA CAROLINA DA SILVA FOURNY e MARIANA ALBUQUERQUE DE SOUZA

06/10 • quarta-feira

13:00 às 16:00	Código: 1807 Palintaxonomia de Três Espécies de <i>Gentianaceae</i> Juss.....17 Autor: ANA LUÍSA LEMOS CORRÊA (CNPq-PIBIC Outra Universidade) Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES e ELSIE FRANKLIN GUIMARAES
13:00 às 16:00	Código: 1976 Anatomia de <i>Eriocaulon</i> L. (<i>Eriocaulaceae</i>) Neotropicais Como Subsídio à Filogenia18 Autor: THIAGO VIEGAS DE OLIVEIRA (CNPq/PIBIC) e NATHÁLIA DE BARROS GOMES PINHEIRO (CNPq/PIBIC) Orientação: ADRIANA LUIZA RIBEIRO DE OLIVEIRA, LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES e CLÁUDIA PETEAN BOVE
13:00 às 16:00	Código: 2307 Vascularização do Gineceu em <i>Myrcia acuminatissima</i> O. Berg (<i>Myrtaceae</i>): Inferências sobre a Origem do Ovário Ífero na Tribo <i>Myrteae</i>18 Autor: PAMELA DE EGÍDIO COELHO (Sem Bolsa) Orientação: RAFAEL RIBEIRO PIMENTEL e LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES
13:00 às 16:00	Código: 2313 Estrutura Floral de <i>Clusia lanceolata</i> Cambess. (<i>Clusioideae, Clusiaceae</i>)19 Autor: ROSA CRISTINA VITORINO DE PAULA (Sem Bolsa) Orientação: THABATTA ALMEIDA GONÇALVES DA SILVA, DANIEL DE OLIVEIRA LEAL, LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES e BÁRBARA DE SA HAIAD
13:00 às 16:00	Código: 2326 Anatomia Floral de <i>Myrcia ilheosensis</i> Kiaersk (<i>Myrtaceae</i>)19 Autor: DIEGO PEREIRA SPALA (CNPq/PIBIC) Orientação: BRUNO CARDOSO LOPES e LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES
13:00 às 16:00	Código: 2526 Estudos Reprodutivos em <i>Bromeliaceae</i> de Restinga - Resultados Preliminares.....20 Autor: CAMILA VENTURINI SUIZANI (Sem Bolsa) Orientação: HELOÍSA ALVES DE LIMA CARVALHO, MARIA CÉLIA RODRIGUES CORREIA e ANA TEREZA ARAÚJO RODARTE
13:00 às 16:00	Código: 2633 Estudo Palinológico de Espécies dos Gêneros <i>Ophryosporus</i> e <i>Chionolaena</i> (<i>Eupatorieae, Asteraceae</i>) Ocorrentes no Rio de Janeiro20 Autor: GLÓRIA CAROLINE CARVALHO DE SOUZA (FAPERJ) Orientação: ROBERTO LOURENÇO ESTEVES e VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES
13:00 às 16:00	Código: 2634 Estudo Palinológico de Espécies de <i>Paralychnophora macleish</i> (<i>Vernonieae - Asteraceae</i>).....21 Autor: RAQUEL MARIA BATISTA SOUZA DE SOUZA (FAPERJ) Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES, ROBERTO LOURENÇO ESTEVES e CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA
13:00 às 16:00	Código: 3841 Coleção de Glaziou no Herbário do Museu Nacional21 Autor: FERNANDA BARRROS DOS SANTOS (Sem Bolsa) Orientação: LUCI DE SENNA VALLE
13:00 às 16:00	Código: 28 <i>Scarabaeinae</i> (<i>Insecta, Coleoptera</i>) do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.....21 Autor: MARIO JARDIM CUPELLO (Sem Bolsa) Orientação: MIGUEL ANGEL MONNE BARRIOS
13:00 às 16:00	Código: 250 Uma Nova Espécie de <i>Burseromyia möhn</i> 1960 (<i>Schizomyiina, Asphondyliini, Cecidomyiidae, Diptera</i>) do Brasil22 Autor: KARINA DE FIGUEIREDO FONSECA (UFRJ/PIBIC) Orientação: MARCIA SOUTO COURI
13:00 às 16:00	Código: 255 Descrição da Fêmea de <i>Aguatala compsa</i> (<i>Insecta: Hemiptera: Cicadellidae: Cicadellini</i>)23 Autor: LUIZ GABRIEL NOGUEIRA RODRIGUES (CNPq/PIBIC) Orientação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI
13:00 às 16:00	Código: 286 Um Novo Gênero e Espécie de <i>Lasiopteridi</i> (<i>Cecidomyiidae, Diptera</i>) Indutora de Galhas em <i>Psychotria carthagenensis</i> (<i>Rubiaceae</i>)23 Autor: MARCELO ANTÔNIO BOGGI (CNPq/PIBIC) Orientação: VALÉRIA CID MAIA
13:00 às 16:00	Código: 322 Coenosia Meigen, 1826 (<i>Diptera, Muscidae</i>) da África do Sul24 Autor: PEDRO VITOR SAINT-CLAIR DE FREITAS (CNPq-IC Balcão) Orientação: MARCIA SOUTO COURI

06/10 • quarta-feira

13:00 às 16:00	Código: 357 Uma Nova Espécie de Egidemia da Colômbia (<i>Insecta: Hemiptera: Cicadellidae</i>).....	24
	Autor: CLÁUDIA REGINA LIRA GARCIA (FAPERJ) Orientação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI	
13:00 às 16:00	Código: 779 Variação nas Contagens de Escamas de <i>Prochilodus nigricans</i> nas Bacias do Xingu e Tapajós (<i>Prochilodontidae, Characiformes, Teleostei</i>).....	24
	Autor: LUCAS GABRIEL POERNER SORRENTINO (Sem Bolsa) Orientação: PAULO ANDREAS BUCKUP	
13:00 às 16:00	Código: 837 Taxonomia do Gênero <i>Sceptrella</i> (<i>Porifera: Demospongiae</i>) do Arquipélago das Cagarras e Adjacências, Rio de Janeiro, RJ.....	25
	Autor: CAROLINE CORDONIS BORGES DA SILVA (Sem Bolsa) Orientação: GUILHERME RAMOS DA SILVA MURICY	
13:00 às 16:00	Código: 977 Variabilidade Morfológica Carpal em Marsupiais Brasileiros (<i>Didelphimorpha, Didelphidae</i>)	25
	Autor: ANA PAULA AZEREDO NUNES VILA (Sem Bolsa) Orientação: JOÃO ALVES DE OLIVEIRA	
13:00 às 16:00	Código: 1940 A Coleção de Vertebrados de Jorge Jim Adquirida pelo Museu Nacional.....	26
	Autor: MARIA CLARA COSTA DOS SANTOS (IC-Junior), JOÃO PEDRO DIAS (Sem Bolsa) e JULIANY SÁ DE CARVALHO (Sem Bolsa) Orientação: MARCELO RIBEIRO DE BRITTO	
13:00 às 16:00	Código: 1944 Caracterização das Espécies de <i>Corydoras lacépède</i> 1803, da Ecorregião Xingu-Tapajós	26
	Autor: ANNA CLÁUDIA CARMO DA SILVA COUTO (Sem Bolsa) Orientação: MARCELO RIBEIRO DE BRITTO	
13:00 às 16:00	Código: 2419 Preparação de Material para Catalogação na Coleção Ictiológica do Museu Nacional	27
	Autor: RAFAEL LIRA TEIXEIRA SANTOS (FAPERJ), MARIA CAROLINA ARAÚJO DE SOUZA (Sem Bolsa) e WAGNER PATRÍCIO PEREIRA DO NASCIMENTO (Sem Bolsa) Orientação: PAULO ANDREAS BUCKUP	
13:00 às 16:00	Código: 2563 Organização da Coleção Ictiológica de Tecidos do Museu Nacional	27
	Autor: ISABELA PESSÔA BARBIERI BASTOS (FAPERJ), ANDRÉ LUIZ LOPES SAMPAIO (Sem Bolsa) e RICARDO AUIP WOLTER JUNIOR (Sem Bolsa) Orientação: PAULO ANDREAS BUCKUP	
13:00 às 16:00	Código: 3506 Dezesesseis Novas Espécies do Gênero <i>Turbonilla</i> (<i>Gastropoda: Pyramidellidae</i>) de Mar Profundo da Cadeia de Montes Submarinos Vitória-Trindade, Sudeste do Brasil	28
	Autor: RACHEL TURBA DE PAULA (UFRJ/PIBIC) Orientação: ALEXANDRE DIAS PIMENTA e RICARDO SILVA ABSALAO	
13:00 às 16:00	Código: 788 <i>Cerradomys</i> (<i>Rodentia, Cricetidae, Sigmodontinae</i>) do Serviço Nacional de Peste.....	28
	Autor: ALDO CACCAVO DE ARAÚJO (Sem Bolsa) Orientação: JOÃO ALVES DE OLIVEIRA	
13:00 às 16:00	Código: 1105 Estudo da Bionomia de <i>Wiedomys pyrrhorhinos</i> (<i>Rodentia, Muridae</i>) no Nordeste do Brasil a Partir das Amostras do Serviço Nacional de Peste.....	29
	Autor: GISELA BARBOSA SOBRAL DE OLIVEIRA (CNPq/PIBIC) Orientação: JOÃO ALVES DE OLIVEIRA	

07/10 • quinta-feira

Sessão: 78 - Nome: Geologia e Paleontologia

Hora: 09:00 às 16:20

Local: Museu Nacional - Auditório da Biblioteca

Tipo de Apresentação: Oral

Coordenação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI (Coordenador)
VALÉRIA CID MAIA (Coord.) e MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO (Coord.)

	Página
09:40 às 10:00	Código: 323 Descrição da Cavidade Nasal, Seios Paranasais e Seios Timpânicos em <i>Mariliasuchus amarali</i> (<i>Crocodyliformes</i> , <i>Notosuchia</i>) do Neocretáceo Brasileiro29 Autor: FABIANO DE CASTRO MARIA (CNPq/PIBIC) Orientação: SÉRGIO ALEX KUGLAND DE AZEVEDO, LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO e DEISE DIAS REGO HENRIQUES
10:00 às 10:20	Código: 333 Reconstrução Preliminar do Ouvido Interno de <i>Mariliasuchus amarali</i> (<i>Crocodyliformes</i> , <i>Notosuchia</i>) do Neocretáceo do Brasil.....30 Autor: IGOR FERNANDES RODRIGUES (Sem Bolsa) Orientação: LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO e SÉRGIO ALEX KUGLAND DE AZEVEDO
10:20 às 10:40	Código: 432 Evidências do Mais Antigo Plesiossauro (<i>Reptilia</i> , <i>Sauropterygia</i>) da Antártida.....30 Autor: TIAGO RODRIGUES SIMÕES (Sem Bolsa) Orientação: ALEXANDER WILHELM ARMIN KELLNER, DOUGLAS RIFF GONÇALVES, ORLANDO NELSON GRILLO, PEDRO SEYFERTH RIBEIRO ROMANO, HÉLDER DE PAULA SILVA e TAÍSSA RODRIGUES MARQUES DA SILVA
11:00 às 11:20	Código: 666 Análise dos Minerais Pesados da Praia de Vik Bay, Sudeste da Islândia31 Autor: PALOMA DE BRITO GUIMARÃES (CNPq/PIBIC) e LUIZ FELIPE LOPES DIAS (CNPq/PIBIC) Orientação: JOÃO WAGNER DE ALENCAR CASTRO
11:20 às 11:40	Código: 723 Estudo dos Minerais Pesados de Saprólitos do Ortognaisse Tonalítico Canoas, Minas Gerais31 Autor: VICTOR HUGO PROENÇA SOUZA (Sem Bolsa), DOUGLAS RUAN TAVARES LISBOA (Sem Bolsa), RÔMULO DE CAMPOS STOHLER (CNPq/PIBIC) e FILIPE VIDAL CUNHA SANTA ROSA SOARES DE OLIVEIRA (Outra Bolsa) Orientação: CIRO ALEXANDRE AVILA
11:40 às 12:00	Código: 830 Descrição da Cavidade Nasal, Seios Paranasais e Seios Timpânicos em <i>Gryposuchus sp.</i> (<i>Crocodylia</i> , <i>Gavialidae</i>), Mioceno Superior do Acre32 Autor: ROBERTA VERONESE DO AMARAL (UFRJ/PIBIC) Orientação: LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO e SÉRGIO ALEX KUGLAND DE AZEVEDO
13:40 às 14:00	Código: 857 O “Beachrock” de Jaconé (Saquarema/RJ) e Seu Enquadramento Como Patrimônio Geológico32 Autor: GISELE GISEÉ FURUKAWA (CNPq/PIBIC) Orientação: KÁTIA LEITE MANSUR e RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS
14:00 às 14:20	Código: 876 “Resgate Geológico” de Afloramento da Formação Macacu em Santa Cruz da Serra (Duque de Caxias/RJ)33 Autor: GISELE GISEÉ FURUKAWA (CNPq/PIBIC) Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS e WILSON APARECIDO LEAL BOIÇA
14:20 às 14:40	Código: 1616 Partículas de Sílica Amorfa (Fitólitos) do Cretáceo da Bacia Larsen, Ilha de James Ross, Península Antártica33 Autor: ISIS GONÇALVES DA SILVA (CNPq/PIBIC) Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO e LEANDRO MATTHEWS CASCON
15:00 às 15:20	Código: 1889 O Emprego de um Produto para Polimento Como Substituto para Pastas de Diamante e Alumina que Pode Reduzir em 90% o Preço Assim Como o Tempo de Preparação de Amostras Polidas, Sendo a Técnica Eficaz Tanto para Estudo de Minerais em Luz Refletida Como para Preparação de Amostras para Exposição34 Autor: GUILHERME DOMINGOS RAMIRES SANTANA (Sem Bolsa) Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO
15:20 às 15:40	Código: 2031 Levantamento e Espeleogênese da Gruta da Lagoa Feia, Município de São Sebastião do Alto (RJ)34 Autor: FREDERICO ZAVAM (CNPq/PIBIC) e GUILHERME PANNO VIEIRA (UFRJ/PIBIC) Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS

07/10 • quinta-feira

- 15:40 às 16:00 Código: 2714 Pedras de Raio, Machados Indígenas, Meteoritos ou Fulguritos?35
Autor: MARIANA ROCHA CARDOSO (IC-Junior)
Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO
- 16:00 às 16:20 Código: 2818 Tem um ET em Seu Quintal? Atuação do Projeto Meteoritos Brasileiros
nos Colégios Brasileiros Participantes da OBA.....35
Autor: DEBORAH ACEDO GUEDES (Sem Bolsa)
Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO

Sessão: 27 - Nome: Geociências e História das Ciências

Hora: 13:00 às 16:00

Local: Museu Nacional - Hall da Biblioteca

Tipo de Apresentação: Painel

Coordenação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI (Coordenador)
VALÉRIA CID MAIA (Coord.) e MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO (Coord.)

- 13:00 às 16:00 Código: 1291 Pesquisa Oral Auxiliando na Identificação
de Perfurações em Conchas de Moluscos, Bahia.....36
Autor: YASMIN CAVENDISH DA SILVA (Sem Bolsa)
Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARAES,
MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO e ANDRÉIA ALVES SOARES
- 13:00 às 16:00 Código: 448 Coleção de Sedimentologia do Setor de Geologia Sedimentar
e Ambiental – DGP (Museu Nacional) UFRJ: Catalogação e Revisão36
Autor: CAROLINE MELO RIBEIRO (IC-Junior), PALOMA DE BRITO GUIMARÃES (CNPq/PIBIC) e
DANIEL FELIPPE MOTTA PINHO (IC-Junior)
Orientação: JOÃO WAGNER DE ALENCAR CASTRO
- 13:00 às 16:00 Código: 1348 Reorganização da Coleção de Mineralogia
do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional37
Autor: DIMITRI COSTA RIBEIRO (IC-Junior) e GUILHERME PANNO VIEIRA (UFRJ/PIBIC)
Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS e CIRO ALEXANDRE AVILA
- 13:00 às 16:00 Código: 1752 Espeleotemas Carbonáticos do Museu Nacional da UFRJ37
Autor: DIMITRI COSTA RIBEIRO (IC-Junior) e GUILHERME PANNO VIEIRA (UFRJ/PIBIC)
Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS e ELIZA CRISTINA CELIS CORRÊA
- 13:00 às 16:00 Código: 2708 Reorganização, Manutenção e Informatização
do Banco de Dados de Meteoritos Pertencente ao Museu Nacional/UFRJ38
Autor: THÁIS DE JESUS PASSOS (Sem Bolsa) e TATIANA XIAO WEI QIU (Sem Bolsa)
Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO
- 13:00 às 16:00 Código: 2774
Análise de Folhas Fósseis do Cretáceo da Ilha James Ross, Península Antártica38
Autor: NATHÁLIA PAIXÃO VIEIRA (Sem Bolsa)
Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO, LUCIANO GANDIN MACHADO e LUCIANA WITOVISK GUSSELLA
- 13:00 às 16:00 Código: 3845 Diversidade de *Chiroptera (Mammalia)* do Quaternário
de Serra da Mesa, Goiás: Fragmentos Fósseis Associados ao Membro Anterior39
Autor: KÁYO RITTER DA COSTA (Bolsa de Projeto)
Orientação: LEANDRO DE OLIVEIRA SALLES e CARLOS RODRIGUES DE MORAES NETO
- 13:00 às 16:00 Código: 3026 O Museu Nacional/UFRJ e Sua Contribuição
para Educação em Ciência: Roquette Pinto e Sólon Leotinsinis39
Autor: CAROLINA DAMAZIO MEDEIROS (Outra Bolsa) e MARIANA SAAD FERREIRA BARBOSA (Outra Bolsa)
Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS,
SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO e CÉLIA MARIA GOMES MAIA
- 13:00 às 16:00 Código: 3752 O Periódico Arquivos do Museu Nacional:
Mais de um Século de Comunicação na Ciência40
Autor: ANA BEATRIZ MARTINS NASCIMENTO (Sem Bolsa) e GUILHERME DOS SANTOS REGO (Sem Bolsa)
Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS,
CÉLIA MARIA GOMES MAIA e SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO

07/10 • quinta-feira

- 13:00 às 16:00 Código: 3769 Alberto José de Sampaio (1881-1946)
e Sua Contribuição para Botânica Brasileira40
Autor: BRUNA BARROS POZES DA SILVA (Outra Bolsa),
MARCUS VINICIUS DE OLIVEIRA DA SILVA (Outra Bolsa) e THAÍS PUCU NEVES (Outra Bolsa)
Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS e SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO
- 13:00 às 16:00 Código: 3885 A Coleção D. Pedro II e a História do Museu Nacional41
Autor: FLÁVIO RENATO MORGADO F. DA SILVA (Outra Bolsa)
Orientação: REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS e NADJA PARAENSE DOS SANTOS
- 13:00 às 16:00 Código: 3888 Iniciação à Pesquisa Institucional:
O Levantamento Documental para a História do Museu Nacional41
Autor: FELIPPE SANTOS DA COSTA (Sem Bolsa)
Orientação: REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS e GUSTAVO ALVES CARDOSO MOREIRA

FCC
Forum de Ciência e Cultura

RESUMOS

Código: 245 - Os Cientistas e os Emancipados: O Cotidiano dos Africanos Livres no Museu Nacional

FERNANDA SANTA ROZA AYALA MARTINS (UFRJ/PIBIC)

TADEU BARRIA BARROSO TAVARES (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ANTROPOLOGIA URBANA

Orientação: OLÍVIA MARIA GOMES DA CUNHA

Inserida em um projeto que visa analisar as relações de trabalho urbano na cidade do Rio de Janeiro no pós-emancipação, a pesquisa busca compreender o cotidiano da produção dos fatos e do conhecimento científicos através das relações entre pesquisadores e trabalhadores designados “Africanos Livres”. Cientistas e ‘auxiliares’ de origem africana apreendidos no tráfico escravo Atlântico, emancipados ao aportarem no país e cedidos à instituições públicas, compartilhavam diferentes atividades e conhecimentos no Museu Nacional em meados do século XIX. A pesquisa visa relacionar reflexões sobre a produção dos fatos científico, tal qual explorada nos estudos antropológicos de ciência e tecnologia (STS) com fontes primárias e secundárias sobre a experiência da escravidão e da emancipação na segunda metade do século XIX. A apresentação consistirá em divulgar uma síntese dos resultados da pesquisa no na Seção Memória e Arquivo do Museu Nacional e na documentação sobre o trabalho de Africanos Livres em instituições do Império existentes no Arquivo Nacional entre 1842 e 1902.

Código: 304 - O “Outro” Como Objeto do Conflito: Análise das Representações Acerca de Raposa-Serra do Sol e os Seus Usos Políticos nos Discursos dos Setores Contrários à Sua Demarcação Contínua - O Julgamento da Ação Popular nº 3.388 no Supremo Tribunal Federal, 2005-2009

IVAN GOMES DORO FILHO (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ETNOLOGIA INDÍGENA

Orientação: ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA LIMA

O trabalho realizado teve como foco de análise o julgamento da Ação Popular nº 3.388 no Supremo Tribunal Federal, movida em abril de 2005 com a proposta de invalidação da Portaria 534/05 do Ministério da Justiça e do Decreto presidencial que homologam uma área de 1.747.464 hectares para as etnias Ingarikó, Macuxi, Wapichana, Patamona e Taurepang do nordeste de Roraima, reconhecida como a Terra Indígena (T.I.) Raposa-Serra do Sol. O objeto empírico de pesquisa consistiu na montagem de um arquivo dos discursos veiculados pelos atores contrários ao modelo demarcatório contínuo homologado para essa T.I., principalmente no que tange ao setor agropecuarista de Roraima, suas representações políticas, e membros da alta hierarquia militar nacional com atuação na Amazônia brasileira. O objetivo deste trabalho residiu na identificação das imagens e representações que esses discursos ativam, sobre Raposa-Serra do Sol em si e os indígenas nela territorializados; assim como contextualizar essas representações quanto às suas funcionalidades na estratégia de tais atores para deslegitimar juridicamente a citada homologação, e ainda quanto aos interesses presentes na proposta de revisão do modelo demarcatório oficializado. Tratou-se, portanto, de buscar delinear os diferentes aspectos discursivos, e o recurso às representações, envolvidos nessa disputa jurídico-fundiária acerca da questão de manutenção ou fragmentação de um território pluri-étnico indígena, entre os anos de 2005 e 2009, período tratado aqui como o dos conflitos pós-homologatórios referentes a tal Terra Indígena. A metodologia de trabalho consistiu em diferentes etapas de coleta e busca por fontes aplicáveis à elaboração do arquivo de enunciados, principalmente em meio digital. Este arquivo foi composto por reportagens, material jornalístico e outras formas de registro que trouxessem, integral ou parcialmente, transcrições dos discursos produzidos pelos atores sociais analisados. Para a análise desse arquivo e a interpretação de tais discursos, segui as orientações de Paul Ricouer em Teoria da Interpretação - discurso e o excesso de significação (1976) - ou seja, busquei compreender os eventos discursivos a partir de si mesmos e de seus contextos, no intuito de ressaltar os interesses envolvidos na ocasião de suas veiculações; assim como o recurso à extensa utilização metafórica e significativa como parte da construção das representações identificáveis.

Código: 724 - Jamugikumalu: O Travestismo Ritualizado

JÚLIA OLIVEIRA FRANCESCHINI TANDETA (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ETNOLOGIA INDÍGENA

Orientação: CARLOS FAUSTO

A proposta deste trabalho é explorar o contraste entre a figura do travesti nas obras de Margaret Mead (1935) e de Don Kulick (1998), como subsídio para a análise do material etnográfico de minha pesquisa; a saber, o ritual das Jamugikumalu no povo indígena Kuikuro, Alto Xingu. Trata-se de um ritual feminino onde as mulheres, em forma de performance, trabalham com a inversão de papéis e insultos aos homens. Margaret Mead trata o travestismo como inversão ou desajustamentos de indivíduos que não se enquadram no temperamento de seu próprio sexo. Já Kulick labora o tema de maneira mais complexa recorrendo à noção de construção do sexo, não apenas do gênero, por meio da fabricação do corpo. Viso aqui uma comparação com a figura ritual das Jamugikumalu, no que tange à questão da inversão, neste caso ritualizada, e a fabricação do corpo, uma vez que o mito de origem deste ritual é todo calcado no tema da transformação corporal. Por fim, farei uma breve incursão na discussão sobre o travestismo sexual no ritual do Naven descrito por Bateson (1936) e, posteriormente, reanalisado por Houseman e Severi (1998).

Código: 1289 - História e Pré-História do Município de Central, Bahia, Através da Literatura de Cordel

JULIANA DE SOUZA MARIANO (CNPq-IC Balcão)

Área Básica: ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Orientação: MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAES C. BELTRÃO
MARTHA LOCKS GUIMARAES

A Região Arqueológica de Central, situada numa área de 100.000 km², na micro-região de Irecê, interior do estado da Bahia, ficou conhecida pela sua riqueza natural: os sítios arqueológicos, fontes de pesquisa da equipe do Projeto Central (setor de Arqueologia - Museu Nacional, UFRJ), desde 1982. O presente trabalho pretende mostrar outro lado da cultura de Central: a Literatura de Cordel. Esse tipo de literatura, grande registro do saber popular, teve sua origem na Península Ibérica e estabeleceu-se no Brasil por volta do século XIX, fixando-se principalmente no Nordeste. O cordel é fruto da tradição oral e recebeu esse nome pela forma como eram comercializados os folhetos, sua versão impressa: pendurados em cordões, cordéis. Central, confirmando a tradição nordestina, também produz esse tipo de literatura. Em 2009, foram coletados na área, com a ajuda da população local, vinte e dois cordéis. Iremos, contudo, dedicar maior atenção a oito deles, por se adequarem melhor ao propósito do trabalho. Esses cordéis narram o modo de vida do homem sertanejo, sua valentia e seus amores (como os cordéis O Romance do Vaqueiro, Sanção e Rosita - saga de sertanejo e Abílio, o anti-herói do Sertão, todos de Miguel Viola). Narram também a história de figuras marcantes, como Joaíza Mena Gades, mais conhecida como “Dona Joana, a rainha do Sertão”, lembrada até hoje pela construção da estrada que leva seu nome e que ligaria Jacobina à Barra do Rio Grande (no cordel Dona Joana, “A Rainha do Sertão”, de Miguel Viola). Além disso, contam a história da formação do Município de Central? desde sua ocupação e seus primeiros habitantes à atual luta pela preservação do patrimônio local?, registrando a passagem da Coluna Prestes pelo sertão em 1926, assinalando a emancipação do município em 1958, a seca de 1998 na região e revelando o resultado das pesquisas arqueológicas desenvolvidas na área (como nos cordéis Central - história, pré-história e preservação ambiental e Pintura Rupestre - as marcas do tempo, ambos de Paulo Cordel). Desse modo, ajudam a construir, de forma poética, misturando elementos reais e ficcionais, a identidade de Central. É a história do povo contada pelo próprio povo. Dentro do corpus analisado, merecem destaque os cordéis escritos por Miguel Viola, o “poeta do Sertão” e por Paulo Cordel, pela pertinência temática. Com esse trabalho, queremos mostrar um pouco mais do fazer poético do povo, um pouco mais da cultura do povo centralense.

Código: 1288 - Sítio Arqueológico Histórico Fazenda de Macacu, Itaboraí, Rio de Janeiro: Micromamíferos

JULIANA DE SOUSA NOGUEIRA (FAPERJ)

LEONARDO BATISTA AZEREDO QUINTANILHA (Sem Bolsa)

Área Básica: ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARAES
MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO

O sítio arqueológico histórico fazenda Macacu localizado no Município de Itaboraí, no Estado do Rio de Janeiro, Brasil, delta do rio Macacu próximo ao Porto das Caixas à 22°39'28.27"S e 42°53'15.59"O. A vila teve suas origens em 1567, com a concessão das sesmarias na região da baixada do Rio Macacu, com a finalidade de ocupação da área e de estímulo à criação de engenhos de açúcar. Em 1648 é fundado, pelos padres franciscanos, o Convento de São Boaventura. Esta vila representou um importante papel no entreposto comercial brasileiro e entrou em decadência em torno do ano 1840, devido à incidência das febres de Macacu. Foi totalmente abandonada em 1872 e hoje, restam apenas as Ruínas do Convento e a Torre Sineira da Igreja Matriz de Santo Antônio de Sá. O presente trabalho objetiva a análise e identificação de ossos pertencentes à microfauna de mamíferos encontrada nas escavações do Sítio Arqueológico Histórico Fazenda de Macacu, bem como o levantamento da biodiversidade e a correlação da presença de certos táxons na área. A escavação arqueológica nesta área ocorreu no período de 2007 a 2009. O sítio possui uma área de 173.883,9 m² que foi dividida em quadrículas de 20mx20m (setor), sendo que o material analisado foi retirado das proximidades e no interior da Torre Sineira com profundidade máxima de 20 cm. A metodologia usada nas análises osteológica constitui em triagem, medição, identificação da peça osteológica e identificação do táxon. Alguns exemplares foram, também, fotografados para melhor interpretação dos dados. Para a identificação foram utilizadas peças previamente identificadas e bibliografia pertinente. O material estudado pertence ao acervo do Setor de Arqueologia, Museu Nacional, UFRJ. Na Jornada de 2009 foi apresentado um estudo preliminar da fauna, enquanto neste trabalho foram analisados somente os ossos e dentes dos micro-mamíferos. Nos registros há maior proporção de ossos longos, por sua maior resistência, seguidos dos ramos mandibulares. A partir da análise dos ossos e dentes, obtiveram-se até o presente os seguintes resultados: Ordens: Rodentia - Famílias Cricetidae e Caviidae (Cavia sp.), Marsupialia - Didelphidae e Chiroptera, em ordem de representatividade. Como a microfauna está restrita às proximidades da torre sineira, nos direciona possivelmente a: Ordem Chiroptera - habitat natural; Fam. Cricetidae e Didelphidae - devido ao elevado número de espécimes jovens, considerados restos alimentares de predadores (coruja); Fam. Caviidae e Didelphidae, tanto restos alimentares de predadores, como alimentação humana (índios e escravos). A biodiversidade dos mamíferos provenientes da escavação compreende, então, três Ordens. Estas sendo compatíveis com a fauna atual identificada para região e, portanto, podem ser resultantes do habitat natural, de predadores ou de provável alimentação humana.

Código: 1486 - Os Bronzes da Coleção Egípcia do Museu Nacional: Estudo e Classificação

JULIANA MORAIS DANEMBERG (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Orientação: ANTÔNIO BRANCAGLION JUNIOR

O Museu Nacional (UFRJ) possui a maior e a mais antiga coleção egípcia da América Latina, com um acervo de aproximadamente 700 objetos. A maior parte dos objetos data de 1826 quando Nicolau Fiengo, um comerciante italiano, trouxe de Marselha (França) uma coleção de antiguidades egípcias proveniente das escavações do famoso explorador italiano, Giovanni Battista Belzoni que escavou na Necrópole Tebana e no Templo de Karnak. Os objetos foram arrematados, em leilão, pelo Imperador D. Pedro I que os doou ao então Museu Real, mais tarde Museu Nacional. Este acervo possui um significativo número de objetos feitos em bronzes - 36 no total - a sua maioria imagens votivas de divindades, depositadas nos santuários e locais sagrados como forma de agradecimento por bênçãos alcançadas. Estes ex-votos foram particularmente importantes na prática religiosa popular durante a Baixa Época até o Período Romano. Dentre os bronzes destaca-se uma das poucas imagens conhecidas de Menkheperê, “pontífice” de Amon, que governou o Alto Egito com poderes iguais aos de um faraó. O presente trabalho apresentará uma análise das estatuetas em bronze do Museu Nacional e de sua funcionalidade com expressão das crenças e práticas religiosas dos egípcios antigos a partir do Terceiro Período Intermediário (cerca de 1045 a.C.) até o Período Romano.

Código: 1955 - Anatomia do Lenho Carbonizado de Espécies de *Combretaceae*

CAMILA DE MATTOS LINS VAZ (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: RITA SCHEEL YBERT

O presente trabalho tem como objetivo caracterizar e descrever a anatomia da madeira de espécies da família Combretaceae a partir de amostras depositadas na antracoteca (coleção de madeiras carbonizadas) do Laboratório de Paleocologia Vegetal do Museu Nacional, UFRJ. No Brasil, análises antracológicas (estudo de fragmentos de carvão) de sítios arqueológicos têm sido fundamentais para ampliar nosso conhecimento sobre aspectos os mais diversos, como paisagem, recursos do meio, área de captação de recursos, economia do combustível e rituais funerários. A Antracologia é uma disciplina privilegiada para desenvolver estas pesquisas, pois fragmentos de carvão são abundantes na maioria dos sítios arqueológicos e conservam informações inestimáveis sobre o uso de vegetais na pré-história. No entanto, de um modo geral a anatomia de madeiras tropicais é muito pouco conhecida, especialmente no Brasil. Em consequência, a elaboração de coleções de referência e de bancos de dados de madeiras e de carvões atuais para as diferentes associações vegetais encontradas na região de estudo e sua correta descrição taxonômica é indispensável. A identificação taxonômica dos carvões se baseia essencialmente na comparação da estrutura anatômica dos fragmentos carbonizados com amostras de madeiras atuais de uma coleção de referência, o que permite uma maior eficiência metodológica, na medida em que se pode comparar material do mesmo tipo, com utilização de equipamento semelhante (Scheel-Ybert et al., 2006). Neste trabalho foram estudadas 14 amostras de nove espécies da família Combretaceae (*Buchenavia kleinii*, *Combretum leprosum*, *Conocarpus erectus*, *Laguncularia racemosa*, *Terminalia amazonica*, *T. argentea*, *T. bilata*, *T. brasiliensis*, *T. januariensis*). A análise e morfometria dos carvões foi feita a partir da quebra manual dos fragmentos nos três planos anatômicos fundamentais da madeira. As descrições seguiram as recomendações do IAWA Committee (1989). Os resultados foram comparados com a bibliografia especializada, tomando-se por base especialmente a base de dados InsideWood (2010). De modo geral, todas as espécies mostraram anéis de crescimento com limites indistintos, porosidade difusa, poros solitários e em múltiplos; placas de perfuração simples; pontoações intervasculares alternas, guarnecidas; pontoações radiovasculares semelhantes às intervasculares; raios geralmente unisseriados heterogêneos. Apoio: CNPq, FAPERJ. Referências: INSIDEWOOD. 2004. Disponível na Internet via www. URL: <http://insidewood.lib.ncsu.edu/search>. Acesso em 05 de abril de 2010. SCHEEL-YBERT, R.; CARVALHO, M.A.; GONÇALVES, T.A.P.; SCHEEL, M. & YBERT, J.-P. 2006. Coleções de referência e bancos de dados de estruturas vegetais: subsídios para estudos paleoecológicos e paleoetnobotânicos. *Arq.Mus.Nac.* 64: 255-266 IAWA COMMITTEE. 1989. IAWA list of microscopic features for hardwood identification. In: Wheeler, E.A.; Baas, P. & Gasson, P.E. (eds.). *IAWA Bulletin*, Leiden, n.s., 10 (3): 219-332.

**Código: 2291 - Antracologia de Casas Subterrâneas:
Estudo de um Sítio em Bom Jesus, Estado do Rio Grande do Sul**

JULIANA DA SILVA COELHO (Outra Bolsa)

Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: RITA SCHEEL YBERT
GINA FARACO BIANCHINI

A tradição ceramista “Taquara-Itararé” ocorre no Sul do país, principalmente na região do Planalto, mas também nas terras altas da Encosta e no Litoral. Ela se caracteriza por um padrão de assentamento complexo envolvendo sítios que provavelmente desempenharam diferentes funções (casas semi-subterrâneas, sítios a céu aberto, montículos funerários,

muros e abrigos). Estes grupos fabricavam uma cerâmica simples, de pequenas dimensões, com rara decoração plástica, paredes finas e coloração escura, e tinham uma indústria lítica relativamente abundante. Seu sistema de subsistência é ainda pouco conhecido, provavelmente baseado na coleta sistemática de pinhões de araucária, associada à caça, coleta, e agricultura, esta última considerada incipiente. A utilização de estruturas subterrâneas como unidades residenciais, cerimoniais ou para finalidades econômicas específicas tem ampla dispersão, tanto em termos temporais quanto espaciais (Reis, 2007). No caso da tradição Taquara, estas casas eram feitas pela escavação do solo formando uma depressão de formato circular ou oval de diâmetro bastante variado; as paredes eram compactadas com argila mais fina, resultando em uma camada de revestimento; o teto era apoiado sobre estacas: uma estaca principal no centro, que descia até o chão da casa, e estacas laterais, que irradiavam do mastro central e se apoiavam na superfície do solo, na parte externa. A construção era feita com o uso de madeira, pedras e palhas secas. O presente estudo visa apresentar a análise antracológica de amostras descritas como estacas carbonizadas do telhado de uma casa semi-subterrânea, associadas ao sítio arqueológico RS-AN-03, situado no município de Bom Jesus, no Estado do Rio Grande do Sul. Várias datações foram feitas para este sítio, a maior parte das quais situa sua ocupação entre os séculos X e XIV (Copé & Saldanha, 2002). A análise anatômica dos carvões foi feita com base na quebra manual dos fragmentos seguindo os três planos anatômicos fundamentais da madeira, de acordo com as normas da Associação Internacional dos Anatomistas da Madeira (IAWA Committee, 1989). Foram identificadas até o momento amostras constituídas por troncos de *Araucaria angustifolia*, de um gênero da família Euphorbiaceae (cf. Senefeldera) e de outras angiospermas dicotiledôneas. Referências Bibliográficas: Reis, M.J. 2007. A problemática arqueológica das estruturas subterrâneas no Planalto Catarinense. Erechim: Habilis. Copé, S.M. & Saldanha, J.D.M. 2002. Em busca de um sistema de assentamento para o Planalto Sul Riograndense: escavações no sítio RS-NA-03, Bom Jesus, RS. *Pesquisas, Antropologia*, 58: 107-120. IAWA Committee. 1989. IAWA list of microscopic features for hardwood identification. Wheeler, E.A.; Baas, P. & Gasson, P.E. (eds.). *IAWA Bulletin*, Leiden, n.s., 10 (3): 219-332.

**Código: 2295 - Constituição de uma Carpoteca no Laboratório de Paleoecologia Vegetal,
Museu Nacional, UFRJ**

SABRINA QUEIROZ DE FARIAS (CNPq-IC Balcão)
ANA LUIZA PAIOLA DE ALMEIDA SANTOS (CNPq/PIBIC)
Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: RITA SCHEEL YBERT
GINA FARACO BIANCHINI

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a coleção de referência de frutos e sementes que está sendo constituída no Laboratório de Paleoecologia Vegetal (LAPAV) do Museu Nacional, UFRJ. Frutos e sementes estão entre os mais importantes indicadores de dieta e padrão de subsistência, aspectos que sempre estiveram entre os principais interesses da pesquisa arqueológica. O investimento nesta disciplina vem aumentando no Brasil nos últimos anos, mas ainda há profunda escassez de dados a este respeito. Estudos recentes identificaram a presença de frutos e sementes em vários tipos de sítios arqueológicos, apontando para a necessidade imperiosa de multiplicação dos estudos de restos vegetais em sítios brasileiros e de um maior investimento em análises paleoetnobotânicas sobre uso de vegetais, tanto no que se refere a coleta e manejo, quanto a cultivo e domesticação (Bianchini, 2008). Usualmente, a determinação de frutos e sementes é feita com base em caracteres morfométricos, por isso, a melhor forma de se obter uma identificação é pela comparação dos restos arqueológicos com amostras atuais bem identificadas (Scheel-Ybert et al., 2006), ressaltando a importância da constituição de uma carpoteca. Os frutos e sementes são obtidos através de coletas de campo, doações, ou pela aquisição de espécies domesticadas em feiras e mercados. Foram reunidos até o momento 240 exemplares, distribuídos em 41 famílias, 153 gêneros e 188 espécies. Os espécimens são devidamente etiquetados e catalogados em sacos plásticos zipados, para isolá-los do contato com o ar, e armazenados em “via seca” num armário provisório de polietileno, organizados taxonomicamente e de acordo com sua origem (nativa ou exótica). Frutos frescos são previamente envelopados em papel e colocados em estufa a 70°C para desidratação. Todas as amostras são constantemente acompanhadas, uma vez que são alvos de fitopatógenos e insetos; técnicas de esterilização são utilizadas para evitar ataques. Após os procedimentos de coleta, armazenagem e organização, são levantados dados referentes aos frutos e sementes e editados, juntamente com as informações botânicas, num banco de dados. Embora a constituição da carpoteca do LAPAV ainda esteja em fase inicial, ela já representa uma ferramenta essencial para a realização de estudos paleoetnobotânicos. Apoio: CNPq, FAPERJ. Referências: BIANCHINI, G.F. 2008. Fogo e Paisagem: evidências de práticas rituais e construção do ambiente a partir da análise antracológica de um sambaqui no litoral sul de Santa Catarina. Mestrado em Arqueologia, Museu Nacional, UFRJ. SCHEEL-YBERT, R.; CARVALHO, M.A.; GONÇALVES, T.A.P.; SCHEEL, M. & YBERT, J.-P. 2006. Coleções de referência e bancos de dados de estruturas vegetais: subsídios para estudos paleoecológicos e paleoetnobotânicos. *Arq.Mus.Nac.* 64: 255-266 SOUSA, R.C.; ESTEVES, R. & PASTORE, J.A. 2007. Carpoteca do Herbário D. Bento Pickel: organização e incremento. *IF Sér. Reg.*, São Paulo, 31: 159-162.

Código: 2297 - O Potencial de Análise e Identificação de Sementes Carbonizadas em Sítios Arqueológicos da Amazônia Central: Um Estudo de Caso no Sítio Hatahara

BIANCA VICTORIANO NOGUEIRA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: RITA SCHEEL YBERT
CAROLINE FERNANDES CAROMANO
GINA FARACO BIANCHINI

O estudo de restos botânicos em sítios arqueológicos tem se desenvolvido em nível mundial. Novas técnicas de análise e a aplicação de métodos já consagrados em áreas ainda não contempladas com estudos arqueobotânicos têm oferecido informações sobre a importância das plantas para populações no passado. Na região Amazônica, sítios com alto potencial de preservação, como abrigos localizados no leste amazônico, revelaram vestígios diversos de vegetais não queimados, fornecendo dados importantes sobre a alimentação dos primeiros habitantes da região (Roosevelt 1996). Por outro lado, sítios a céu aberto apresentam fraco potencial de preservação de restos vegetais, que se conservam apenas pela carbonização. Análises antracológicas de material vegetal carbonizado em sítios arqueológicos da Amazônia Central revelaram a presença não somente de lenhos carbonizados, mas também de fragmentos de tubérculos, raízes e sementes (Caromano 2009). A identificação de sementes carbonizadas pode fornecer resultados significativos tanto com relação ao ambiente passado quanto aos usos de vegetais para alimentação e fins medicinais por grupos amazônicos pré-cabralinos (Morcote-Rios 2008). No entanto, ao contrário do estudo dos lenhos, que permite determinações taxonômicas e interpretações paleoambientais e paleoetnobotânicas, o potencial de análise e identificação destas sementes ainda precisa ser testado. Para isso, foi selecionado o material proveniente da escavação de uma unidade de 1x1m no sítio Hatahara, localizado no município de Iraduba, às margens do rio Solimões, próximo a Manaus, Amazonas. Nesta unidade de escavação foram coletados 12 litros de sedimentos em cada nível artificial de 10cm até 1m de profundidade. Este material foi peneirado com água, em campo, com malhas de 3mm e 1mm. Posteriormente, o sedimento retido nas peneiras foi flotado em laboratório, respeitando a divisão das malhas. O material resultante foi triado e as sementes encontradas na fração grossa (3mm) e na fração fina (1mm) foram separadas do restante dos carvões e quantificadas. Estas sementes foram então observadas em microscópio estereoscópico e, quando necessário, em microscópio de luz refletida, para avaliar seu estado de preservação e fragmentação, com o objetivo de verificar o potencial de análise e de identificação das sementes carbonizadas neste contexto arqueológico. Referências: Roosevelt AC; Costa ML; Machado CL; Michab M; Mercier N; Valladas H; Feathers J; Barnett W; Silveira MI; Henderson A; Silva J; Chernoff B; Reese DS; Holman JA; Toth N; Schick K. 1996. Paleosites in the Amazon: the peopling of the Americas. *Science* 272:373-384. Caromano CF. 2009. Fragmentos de um Passado: ensaio antracológico no sítio arqueológico Maria de Jesus, Amazônia Central. Monografia, Especialização em Geologia do Quaternário, Museu Nacional, UFRJ. Morcote-Ríos G. 2008. Antiguos habitantes em rios de águas negras. Bogotá, Biblioteca José Jerónimo Triana 9.

Código: 2586 - Entre Plantation e Senzalas: Família Escrava, Cultura Material da Escravidão e Possibilidades Arqueológicas

LUANA DOS SANTOS CORREIA (CNPq-IC Balcão)
MÁIRA DE OLIVEIRA RIBEIRO (CNPq/PIBIC)
Área Básica: ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

Orientação: FLÁVIO DOS SANTOS GOMES

Apresentamos nesta comunicação algumas reflexões iniciais sobre redes sociais e compadrio na freguesia de Campo Grande entre os séculos XVIII e XIX. A partir da análise de registros paroquiais, especialmente de grandes proprietários percebemos a presença de padrinhos escravos de outros senhores e a constituição de comunidades de parentesco entre plantation e senzalas. Pretendemos avançar nas possibilidades analíticas de entender o cotidiano e a cultura material em torno destas comunidades escravas, envolvendo africanos e crioulos. Como se formavam as famílias escravas? A escolha de padrinhos era fruto do interesse do senhor? Por que não apadrinhar seus cativos com seus próprios escravos? Outra possibilidade é uma escolha dos próprios cativos, que por um interesse específico, procuraram apadrinhar seus filhos com escravos de outros engenhos ou fazendas. É possível assim questionar que tipo de relação se dava entre as escravarias em determinadas áreas e contextos. Eram escravos vizinhos que se encontravam cotidianamente indo para as lavouras e áreas de pastagens? Existiriam espaços para trocas culturais entre escravos de plantation e senzalas? Outra problemática que se coloca para estudos futuros é localização destas unidades de plantation, são cartografias em mapas e plantas coloniais, assim como as possibilidades de se localizar sítios arqueológicos nas áreas de plantation do recôncavo da Guanabara. Nesse sentido a arqueologia histórica se apresenta como perspectiva original para a localização e análise desses espaços, identificando redes de sociabilidades e ambientes de produção da cultura material da escravidão. Como resultados iniciais apresentamos a agregação de alguns dados dos registros paroquiais, assim como indícios de localização espacial de áreas de plantation e senzalas - envolvendo grandes proprietários e engenhos - na direção de futuras investigações no campo da arqueologia histórica.

**Código: 3836 - Reconstrução Espacial dos Remanescentes Esqueléticos Humanos
Recuperados no Sambaqui de Cabeçuda, Santa Catarina, SC**

RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA (UFRJ/PIBIC)

VERÔNICA REIS DE CASTRO (Outra Bolsa)

Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO

ADILSON DIAS SALLES

SÍLVIA MACHADO

FLÁVIA DE CARVALHO C. M. CERQUEIRA

Neste trabalho apresentamos a reconstrução espacial dos remanescentes esqueléticos humanos recuperados no Sambaqui de Cabeçuda em Santa Catarina. Tal coleção constitui-se numa das maiores coleções osteológicas humanas de construtores de sambaquis já recuperada no país e a primeira a ser recuperada a partir de uma intervenção arqueológica sistemática. A reconstrução especial foi elaborada a partir das informações disponíveis nas cadernetas de campo do responsável pela intervenção arqueológica em 1950 e 1951, Luis de Castro Faria. As cadernetas integram o acervo documental deste pesquisador sob a guarda do Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST). As informações e croquis obtidos foram confrontados com os registros existentes no Livro de Tombo do Setor de Antropologia Biológica do Depto. de Antropologia do Museu Nacional, onde a coleção osteológica encontra-se albergada. A partir deste confronto foi possível reconstruir a distribuição espacial de parte significativa dos sepultamentos evidenciados. Espera-se, com essas informações fornecer elementos para o estabelecimento de uma ou mais séries para investigações bioarqueológicas futuras.

Código: 3957 - Reconstrução Virtual e Remanescentes Humanos Recuperados em Contexto Arqueológico

VICTOR DE SOUZA BITTAR (Sem Bolsa)

Área Básica: MULTIDISCIPLINAR

Orientação: CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO

JORGE ROBERTO LOPES DO SANTOS

ANTÔNIO BRANCAGLION JUNIOR

O Laboratório de Antropologia Biológica, do Museu Nacional, tem em sua coleção um bloco (nº de tomo 00892), contendo remanescentes humanos, estimado como tendo mais de 8.000 anos, encontrado e extraído no Sítio da Lapa do Caetano. A extração dos ossos, por meios físicos tradicionais, poderia facilmente acarretar em quebras e perda de material, já que o bloco se encontra muito consolidado. Sendo assim, graças a técnicas e equipamentos, hoje disponíveis para o Museu, pode-se começar a trabalhar-lo através de mecanismos virtuais - que consistiram na tomografia do bloco, o trabalho digital dessas imagens, a segmentação dos ossos, em um programa específico, e a geração de modelos 3D, possíveis de prototipagem. Tais técnicas, por não serem invasivas nem destrutivas, garantem a preservação integral do exemplar original. No trabalho de segmentação do bloco já foram extraídos (virtualmente) as seguintes peças anatômicas: 1 crânio, 2 tíbias, 2 vértebras, osso meta tarsal, 3 fragmentos de escápula, 2 costelas e mais alguns fragmentos não possíveis de serem identificados. Este trabalho funcionou como um teste destas metodologias, na busca de iniciar um processo para uso contínuo e identificar suas capacidades e desvantagens.

**Código: 252 - Dinâmica Nictemeral do Fitoplâncton no
Reservatório de Manso (MT) em Dois Períodos Climatológicos**

MARINA PRINCIPE CARDOSO PINTO (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: ECOLOGIA DE ECOSSISTEMAS

Orientação: LÚCIA HELENA SAMPAIO DA SILVA

VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR

Diferentes padrões nictemeris de biomassa e distribuição vertical do fitoplâncton em ambientes continentais tropicais e subtropicais foram documentados e, a maioria desses estudos, relacionou essa variação como dependente de propriedades de mistura da massa d'água, ocorrência de populações auto-reguladoras e de espécies de crescimento rápido. O trabalho a ser apresentado, objetiva analisar a dinâmica nictemeral do fitoplâncton colaborando, dessa forma, para entender suas flutuações espaciais (perfil vertical) e temporais (dois ciclos de 24 horas) em um sistema profundo tropical. O reservatório de Manso é resultante do represamento no Rio Manso, entre os municípios de Chapada dos Guimarães e Brasilândia. As coletas foram realizadas em 2004, sendo uma na estação chuvosa (março) e outra na estação seca (julho), em cinco profundidades (superfície, 5m, 10m, 20m, 40m). Variáveis abióticas foram avaliadas a partir de metodologia adequada e, o fitoplâncton, coletado com garrafa de Ruttner, foi quantificado pelo método de sedimentação de Utermöhl. A profundidade média da zona eufótica foi maior no período de chuvas, tendo alcançado 13,5m, enquanto na seca a zona eufótica atingiu 5,7m. O reservatório esteve estratificado térmicamente durante todas as coletas no período quente-chuvoso e, no horário da

tarde no período seco-frio. Quimicamente, a estratificação ocorreu nos dois períodos com anoxia e maiores concentrações de nutrientes dissolvidos na camada mais profunda, principalmente o nitrogênio inorgânico dissolvido (NID), sendo que as concentrações médias dos nutrientes permitiram caracterizar o reservatório como mesotrófico. Com relação à comunidade fitoplanctônica, foram identificados 94 táxons, sendo 23 cianobactérias, dois dinoflagelados, duas criptofíceas, cinco crisofíceas, três xantofíceas, cinco diatomáceas, duas euglenofíceas, 12 zignematofíceas e 45 clorofíceas. Nas chuvas, a riqueza de espécie flutuou entre zero (40m - 19h) e 36 táxons/amostra (5m - 15h) e, na seca, entre 4 (10m - 17h, 40m - 21h e 40m - 1h) e 45 táxons/amostra (10m às 17h), com predominância das clorofíceas, seguidas das cianobactérias, fato comum em outros reservatórios tropicais. A biomassa fitoplanctônica no reservatório esteve estratificada nos dois períodos de estudo, principalmente, no período quente-chuvoso. As maiores concentrações foram observadas nas camadas mais superficiais, coincidindo com a zona eufótica, tendo flutuado entre zero (40m às 15h) e 1,3 mg L⁻¹ (10m às 15h; chuvas) e, entre 0,005 (40m às 1h) e 1,73 mg L⁻¹ (5m às 6h; seca). Com relação ao tamanho, a biomassa fitoplanctônica foi composta, sobretudo, por táxons até 50µm, sendo que as classes <20 e entre 20-50 µm contribuíram, em geral, entre 70 e 90% da biomassa total, nos dois períodos de estudo. Assim, além do gradiente térmico, outros fatores podem influenciar a distribuição vertical do fitoplâncton, como a densidade específica dos organismos, radiação solar e pressão de herbívoros.

**Código: 414 - Análise Palinológica da Formação Whisky Bay (Albiano),
Sub-Bacia James Ross, Península Antártica**

RAFAELA COUTO DE REZENDE (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO

A Formação Whisky Bay compreende uma sucessão de brechas sustentadas pelos clastos e pela matriz e vaques seixosas intercaladas com arenitos finos e siltitos. A unidade exhibe variações abruptas de fácies e sua espessura atinge, na Ilha James Ross, até 950 m. Trabalhos anteriores indicam que seus depósitos representam um paleoambiente deposicional típico de sopé de talude (slope-apron) e de leques submarinos. Treze níveis amostrados do depósito da Formação Whisky Bay aflorante na praia de Bibby Point (norte da Ilha James Ross) foram investigados para palinologia. O material palinológico recuperado apresenta-se em bom estado de preservação. Foram identificados 23 tipos de esporos de pteridófitas e 11 tipos de grãos de pólen, sendo 1 tipo esporo de briófitas: *Foraminisporis* sp., 22 tipos de esporos de pteridófitas: *Appendicisporites* cf. *insignis*, *Biretisporites* sp., *Cicatricosisporites* sp., *Contignisporites* sp., *Cyatheacidites annulatus*, *Cyatheacidites archangelskii*, *Cyathidites* sp., *Foveogleichenudites conf. sus*, *Gleicheniidites* sp., *Ischyosporites volkheimeri*, *Klukisporites* sp., *Microcachryidites antarcticus*, *Nodosisporites* cf. *crenimurus*, *Ornamentifera* sp., *Polypodiaceoisporites elegans*, *Punctatisporites* sp., *Retitriletes austroclavitudites*, *Rugulatisporites mallatus*, *Rugulatisporites neuquensis*, *Rugulatisporites* sp., *Stoverisporites microverrucatus*, *Triletes tuberculiformis*, 10 tipos de grãos de pólen de gimnosperma: *Alisporites grandis*, *Araucariacites australis*, *Ashmoripollis reducta*, *Calliasporites trilobatus*, *Cyclusphaera radiata*, *Dacrycarpites australiensis*, *Lygistepollenites florinii*, *Rugubivesiculites* sp., *Rugubivesiculites* sp., *Trichotomosulcites* sp., e 3 tipos de grãos de pólen de angiosperma: *Nyssapolienites* sp., *Retistephanocolporites* sp e *Tricolpites trilobatus*. Foi possível, para alguns tipos de palinómorfs sugerir a afinidade botânica. Grande parte dos esporos está relacionada às filicáceas. Já entre os grãos de pólen, destacam-se as gimnospermas com grãos de pólen relacionados à família Aracauriaceae e nas angiospermas à dicotiledônea. A diversidade e abundância dos esporos é conspicuamente superior aos de grãos de pólen. O gênero *Cyathidites* é o mais abundante dos esporos, enquanto que a espécie *Alisporites grandis* dos grãos de pólen. A curva de abundância dos palinómorfs indica uma tendência progressiva para o topo da seção refletindo um maior aporte continental no ambiente, essa tendência é acompanhada também pela diversidade.

Código: 417 - Paleomicrofitoplâncton Marinho do Devoniano da Bacia do Parnaíba, Brasil

BRUNA RODRIGUES PEREIRA (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO
VIVIANE SEGUNDO FARIA TRINDADE

Amostras de sedimentos marinhos do Devoniano (entre 416 e 359 milhões de anos) da Formação Pimenteira foram analisadas para paleomicrofitoplâncton marinho (acritarcos e prasinófitas). Quinze amostras de sedimentos que compreendem 21,6 m de espessura do poço PM-10 perfurado na bacia sedimentar do Parnaíba foram preparadas pelo método padrão de Palinologia. O método utilizado incluiu a identificação qualitativa e contagem dos acritarcos e prasinófitas. Concomitantemente elementos de origem continental (esporos) também foram contados para identificar a intensidade de entrada de terrígenos no ambiente marinho através da razão Continental/Marinho (C/M). A contagem do material marinho foi submetida à análise de agrupamento (modo-R) com objetivo de identificar associações do paleomicrofitoplâncton. Além disso, foi verificada a diversidade, dominância e equitabilidade. Nas amostras analisadas foi possível recuperar palinómorfs que se encontram bem preservados possibilitando a identificação. Oito espécies de prasinófitas e 55 de acritarcos

foram identificadas. A espécie *Tasmanites* sp.1 é a mais abundante. As curvas de abundâncias dos acritarcos e prasinófitas são coincidentes mostrando uma tendência a diminuição para topo da seção estudada, exceto na base da seção onde ocorre uma inversão, sendo que as prasinófitas muito mais abundantes. A análise de agrupamento permitiu identificar 7 associações (A1-A7), sendo A1 a mais abundante. Refazendo a análise de agrupamento, agora entre as associações, observou-se que a A1 se agrupou com os elementos continentais, A2 com a A5, A3 com A7 e A4 com A6. A relação da A1 com continental pode está relacionada a grande abundância do gênero *Tasmanites* que na literatura de forma geral são indicadores de ambientes mais proximais. Embora a curva de diversidade mostre uma oscilação muito grande, a tendência é de aumento para o topo da seção. A maior queda na diversidade e equitabilidade ocorrem na profundidade 34,5 m associada a um pico de dominância que coincide com o maior pico da razão C/M, logo se supõe que a queda da diversidade tenha relação direta com a entrada de terrígeno no ambiente. Podemos preliminarmente concluir que a diversidade do material estudado é significativa e que esse resultado corrobora a interpretação para o paleoambiente plataformar da Formação Pimenteira.

**Código: 2552 - Espécies de *Lamiaceae marynov*
- Uso pelas Comunidades Tradicionais da Região Sudeste do Brasil**

MARA ALBUQUERQUE FREIRE (IC-Junior)
Área Básica: BOTÂNICA APLICADA

Orientação: LUCI DE SENNA VALLE
DÉBORA MEDEIROS

A família *Lamiaceae* (*Labiatae* Juss.) possui cerca de 23 gêneros e 232 espécies, nativas do Brasil, que são muito usadas, em diversas categorias de uso, por comunidades tradicionais tanto para cosmético, como condimentar, aromática e/ou medicinal. Dentre as famílias das angiospermas, *Lamiaceae* é uma das mais empregadas pelas populações tradicionais. Esta pesquisa objetiva o levantamento das espécies, da família em estudo, utilizadas por comunidades tradicionais situadas na região sudeste do Brasil e usadas em diversas categorias de uso. A metodologia aplicada consiste no levantamento detalhado dos táxons de *Lamiaceae* em publicações etnobotânicas, etnofarmacológicas e etnomedicinais através do Portal CAPES, Scielo, Bireme e ISI Web of Knowledge. As comunidades tradicionais pesquisadas são representadas por grupos rurais, rurais negras (quilombolas), sítiantes, urbanas, indígenas e caiçaras. Das 30 referências levantadas, até o momento, foram registradas 25 espécies. As mais citadas foram: *Mentha pulegium* L., *Ocimum basilicum* L. e *Plectranthus barbatus* Andrews. Foi constatado como principal categoria de uso a medicinal com 92% de citações. (FAPERJ).

Código: 2559 - Espécies de *Fabaceae lindley* e Seu Emprego Medicinal em Comunidades Tradicionais

LUDMILA MOREIRA COSTA (FAPERJ)
Área Básica: BOTÂNICA APLICADA

Orientação: LUCI DE SENNA VALLE
DÉBORA MEDEIROS

A utilização de plantas medicinais pelo homem ocorre desde a antiguidade. Ainda hoje, diversas espécies são usadas por várias populações tradicionais, para a cura de suas doenças. *Fabaceae* (*Leguminosae* Juss.) se destaca dentre as outras famílias das Angiospermas pelo grande número de registros de etnoespécies com aplicações medicinais. Esta família possui ampla distribuição geográfica sendo que no Brasil, ocorrem cerca de 200 gêneros e 1500 espécies. Encontra-se distribuída em três subfamílias: *Caesalpinioideae* Candolle, *Mimosoideae* Candolle e *Faboideae* Rudd. O presente trabalho consiste na comparação da utilização de etnoespécies medicinais de *Fabaceae* entre as comunidades tradicionais rurais de Galdinópolis e Rio Bonito de Cima, localizadas no distrito de Lumiar, Nova Friburgo, e em outras comunidades, também pertencentes à região sudeste do Brasil. O objetivo desta pesquisa é comprovar se as espécies de leguminosas que ocorrem nas duas comunidades friburguenses estão presentes, também, em outras comunidades da mesma região geográfica e verificar se são indicadas para o mesmo uso medicinal. Os dados das populações de Nova Friburgo foram coletados segundo as técnicas usadas nos trabalhos de campo em taxonomia e etnobotânica. Para a obtenção dos dados das outras comunidades investigadas, foi feito o levantamento através do Portal da CAPES, Scielo, Bireme e ISI Web of Knowledge. As comunidades tradicionais pesquisadas são representadas por grupos rurais, rurais negras (quilombolas), sítiantes, urbanas, indígenas e caiçaras. Nas comunidades de Galdinópolis e Rio Bonito de Cima, foram identificados 10 gêneros e 11 espécies da família em estudo nas práticas medicinais e nas demais comunidades, 38 gêneros e 70 espécies. A espécie mais citada em Lumiar foi *Bauhinia forficata* Link (*Caesalpinioideae*), com 5 citações. E nas 44 publicações analisadas, esta espécie também foi a mais citada junto com *Desmodium adscendens* (Sw) Dc. (*Faboideae*), *Senna occidentalis* (L.) Link (*Caesalpinioideae*) e *Cajanus cajan* L. Huth (*Faboideae*) cada uma com 10 citações. Até o momento, foi observado que a espécie mais citada em toda a região sudeste foi *Bauhinia forficata* para o tratamento de diabetes. (FAPERJ).

Código: 3068 - Ocorrência de Galhas de Insetos na Floresta Nacional da Tijuca (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

IGNEZ MENDONÇA BATISTA (Sem Bolsa)

Área Básica: ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS

Orientação: VALÉRIA CID MAIA

Galhas são tumores vegetais que se caracterizam pela hiperplasia ou hipertrofia de células, tecidos ou órgãos e são induzidas por vários tipos de organismos: fungos, vírus, bactérias, insetos e outros, podendo desenvolver-se em qualquer parte da planta, desde as raízes até as gemas apicais do caule, incluindo órgãos vegetativos e reprodutivos. Esta relação galhador-planta hospedeira é normalmente parasitária, sendo que todas as famílias de plantas, em particular as que produzem flores, estão sujeitas ao fenômeno. As galhas de insetos têm forma definida e sua morfologia (forma, coloração, ornamentação, número de câmaras internas, órgão de ocorrência na planta hospedeira e tamanho da galha madura) é muito importante para a identificação da espécie galhadora. Nas ordens de insetos, encontramos representantes galhadores em Hemiptera, Lepidoptera, Coleoptera, Hymenoptera, Thysanoptera e Diptera (REDFERN & ASKEW, 1998), sendo que os Cecidomyiidae (Diptera) representam o principal grupo de inseto galhador em todas as regiões do mundo. Na Floresta da Tijuca, há apenas dois registros de morfotipos de galhas de Cecidomyiidae: um em *Piper arboreum* Aubl. (Piperaceae) e o outro em *Mikania glomerata* Sprengel (Asteraceae), induzidos por *Zalepidota piperis* Rübsaamen 1907 e *Liodiplosis conica* Gagné, 2001, respectivamente (Gagné, 2004; Monteiro & Oda, 1999). A escassez de dados ensejou o desenvolvimento deste projeto que visa realizar o levantamento das galhas de insetos do Parque Nacional da Floresta da Tijuca, Rio de Janeiro, RJ. Foram encontrados 90 morfotipos de galhas em 78 espécies de plantas hospedeiras. O número máximo de morfotipos de galhas registrados em uma mesma espécie de planta foi quatro. A média do número de morfotipos de galhas/planta foi 1,15. Até o momento, foram identificadas nove espécies vegetais distribuídas em oito gêneros e seis famílias. Foram determinados os indutores de 49 morfotipos de galhas (os demais estavam vazios ou secundariamente ocupados por outros organismos). Os galhadores pertencem a três ordens de inseto: Diptera (Cecidomyiidae), Coleoptera e Lepidoptera. O número de morfotipos induzidos por cada ordem foi 37, sete e cinco, respectivamente, corroborando os Cecidomyiidae como o principal grupo galhador. Além dos indutores, foram encontrados inquilinos, parasitóides e predadores. Os inquilinos representados por Psocoptera, Collembola, Hemiptera, Muscoidea, Thysanoptera e ácaros foram obtidos de 11, oito, sete, quatro, dois e um morfotipos de galha. Já os parasitóides (Hymenoptera) e os predadores (aranhas) ocorreram em 28 e cinco morfotipos. Todos os registros de galhas são novos para a Floresta Nacional da Tijuca, exceto em *Piper arboreum* (Piperaceae) e *Mikania glomerata* (Asteraceae).

Código: 96 - A Contribuição de João Martins da Silva Coutinho às Coleções Geológicas do Museu Nacional na Segunda Metade do Século XIX

MARINA JARDIM E SILVA (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES

A trajetória profissional do engenheiro João Martins da Silva Coutinho (1830-1889) encontra-se ligada à história do Museu Nacional com contribuições às suas coleções geológicas formadas na segunda metade do século XIX. Sua atuação no cenário científico brasileiro passa pela participação em algumas das grandes comissões de caráter exploratório realizadas no período, como a Expedição Thayer dirigida por Louis Agassiz, para a qual foi designado e desempenhou importante papel no planejamento e andamento dos trabalhos. Além de convites para acompanhar expedições, Silva Coutinho era procurado por naturalistas para fornecer localizações e informações antes das viagens. O conjunto de comissões que integrou possibilitou-o conhecer diversas localidades do país e adquirir o cabedal científico que contribuiu para que seus serviços fossem recorrentemente requisitados. Escreveu sobre variados temas como produtos naturais, rios da então província do Amazonas e sobre o sistema ferroviário. A ele é atribuída a primazia da localização dos depósitos de fósseis de invertebrados do Paleozoico na região do vale do Tapajós, Pará, em 1863, quando lá estava para demarcar os territórios de colonização e, em 1886, da descoberta de rochas fossilíferas do Cretáceo no Rio Grande do Norte. Em 1875, assumiu um cargo administrativo no Museu Nacional por breve período ocupando a direção da 3ª Seção (Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas), atual Departamento de Geologia e Paleontologia. Entretanto, sua maior contribuição foi o envio de amostras para análise e guarda na instituição, coletadas por ele em suas atividades científicas pelo país. O resgate das informações de sua contribuição deu-se através de um levantamento da documentação histórica da instituição e das amostras a ele atribuídas e ainda presentes no acervo. Documentos apontam para o recebimento, em 1864, de 28 amostras de argila, 64 de rochas e quatro de madeiras fósseis, vindas da província do Amazonas. Em 1869, chegaram 21 caixotes com material geológico e outros objetos, bem como coleções mineralógicas e botânicas do vale do Rio Branco, da mesma província. Ainda há registro, em 1868, de pequena quantidade de amostras geológicas oriundas de São Paulo. No livro de registros do Museu Nacional, o diretor Ladislau Netto afirmou que Silva Coutinho enviara, entre outros “objetos”, braquiópodes fósseis. Quanto à petrografia, ao menos 34 registros de amostras lhe são atribuídos, provenientes de diferentes cortes da Estrada de Ferro de Baturité (Ceará) e, da Bahia, da Estrada de Ferro da Bahia e de Vila Nova ou Itiúba. Outras indicações de amostras coletadas por ele provêm da Bahia central, de Paulo Afonso (rio São Francisco, Alagoas) e do rio Muriaé (Campos dos Goytacases, Rio de Janeiro, e assinalada como coletada em 1885). A documentação analisada permite assim identificar o interesse de Silva Coutinho na formação do acervo do Museu Nacional, contribuindo com informações e amostras de inestimável valor histórico.

**Código: 264 - O Nascimento da Paleontologia Brasileira:
A Contribuição de Frederico Leopoldo César Burlamaque ao Museu Nacional**

CECÍLIA DE OLIVEIRA EWBANK (CNPq/PIBIC)
Área Básica: PALEONTOLOGIA ESTRATIGRÁFICA

Orientação: ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES

Diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro e da Seção de Mineralogia do mesmo no período de 1847 a 1866, o renomado engenheiro Frederico Leopoldo César Burlamaque (1803-1866) dedicou-se, particularmente, a uma ciência que surgia naquele momento: a Paleontologia. No período em que esteve à frente do Museu Nacional deu grande incentivo, através das autoridades nordestinas, à coleta de novos fósseis, solicitando sua remessa à instituição para estudo e incremento de seu acervo paleontológico, coligindo neste período mais de uma centena de exemplares. Registrados nos livros de Registro e de Portaria do arquivo histórico da instituição, em 27 pedidos de remessas e confirmações de chegada de material fóssilífero, verificou-se que, embora provenientes de localidades assaz distintas, as remessas mais frequentes e vultuosas eram oriundas das províncias do Nordeste brasileiro. Sua curiosidade sobre a paleofauna levou-o a redigir o primeiro artigo sobre fósseis brasileiros, historiando os primeiros achados e descrevendo sucintamente algumas das ossadas adquiridas para a instituição. A atuação de Burlamaque e os estudos paleontológicos por ele realizados permitem qualificá-lo como o primeiro paleontólogo brasileiro e do Museu Nacional. Neste trabalho demonstra-se a importância da contribuição deste personagem através de consulta à documentação histórica e da confrontação do atual acervo com as referências daquele reunido por ele na segunda metade do século XIX.

Código: 1142 - As Memórias da UFRJ em Seus 90 Anos de História

KATHERINE NUNES DE AZEVEDO (CNPq/PIBIC)
CLARISSA PEREIRA COGO (Outra Bolsa)
ANA PAOLA DA SILVA SALGADO ARAÚJO (Outra Bolsa)
Área Básica: HISTÓRIA DO BRASIL

Orientação: ANDRÉA CRISTINA DE BARROS QUEIROZ

O Projeto Memória da UFRJ, criado desde 2006 e coordenado pelo Sistema de Bibliotecas e Informação (SiBI) do Fórum de Ciência e Cultura da UFRJ, tem como objetivo preservar e analisar a memória técnico-científica e cultural da Universidade com o intuito de fortalecer a sua identidade institucional. Em 2010, quando a UFRJ completa 90 anos, o Projeto Memória com a intenção de comemorar a história da Universidade deu início a coleta de uma série de depoimentos referentes à memória da comunidade acadêmica e externa à instituição. Tais relatos servirão de fontes importantes que agregadas aos acervos documentais e arquitetônicos já identificados e catalogados pelo Projeto Memória contribuirão em muito sobre as narrativas que compõem a história da UFRJ. Dessa maneira, visamos a criação de um acervo de História Oral que estará disponível ao público para a sua consulta na base Minerva (www.minerva.ufrj.br). Percebemos a necessidade de se estabelecer estudos que viabilizem a preservação não somente do conjunto de acervos documentais, arquitetônicos, mas também das memórias dos sujeitos que ajudaram a construir a Universidade Federal do Rio de Janeiro: seus docentes, seus servidores técnico-administrativos, seus discentes e a comunidade ao redor dos diferentes campi da UFRJ. Neste trabalho apresentaremos, em especial, um estudo sobre os relatos das diferentes e fragmentadas memórias que contribuíram na produção e na circulação do paradigma da “Universidade do Brasil”.

Código: 1722 - Antes e Agora: Os Meteoritos e a Civilização

MIGUEL ALENCAR ROSA TEIXEIRA MENDES (IC-Junior)
Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO

A primeira vez que o homem utilizou o ferro, foi sob a forma de meteoritos, já que o ferro nativo é muito raro na natureza e os processos siderúrgicos para a redução do minério de ferro só foram dominados pelo homem por volta de 1200 a.C.. Por caírem do céu muitos povos achavam que se tratava de uma benção de Deus. Aqui, alguns artefatos e crenças sobre estes serão discutidos. Textos gregos e egípcios de mais de 2 mil anos registram quedas de rocha e ferro, não coincidentemente, várias palavras usadas com relação a ferro têm relação com o céu daí a etimologia da palavra siderurgia, cujo radical latino sider significa estrela ou astro. An bar, expressão suméria para ferro, significa “Céu e Fogo”. Baanepe, egípcia, significa “metal do céu”. E isso se repete por várias culturas, desde os hebreus até os hittitas. Alguns artefatos de ferro meteorítico como objetos sumérios datam cerca de 2500 a.C., uma adaga no túmulo de Tuthankamon 1324 a.C. Até mesmo na América os Astecas mostraram o céu para Cortés quando ele perguntou de onde vinham o ferro das adagas rituais. O ferro celeste é um aço de altíssima qualidade sendo muito superior ao ferro siderúrgico até o domínio da tecnologia do aço. Portanto, o ferro meteorítico foi muito importante tanto para a guerra quanto para a agricultura. Muitas espadas famosas foram feitas com meteoritos daí possivelmente a lendária Excalibur. Em contraste com essa forma “utilizável” os meteoritos também foram

considerados sagrados. A pedra negra da deusa Cibele foi um culto que nasceu na Frígia, foi incorporado pelos Gregos, que a juntaram a Réia como a Grande Mãe. Por volta de 250 a.C. a pedra foi levada para Roma para proteção contra os ataques de Aníbal conforme previsto pelos oráculos para a vitória de Roma. O culto foi convertido em religião oficial romana por Augusto, e Cibele tornou-se deidade máxima e Livia, mulher de Augusto, sua reencarnação. Também se conjectura que o templo de Cibele ficava onde hoje é a Basílica São Pedro, centro da religião católica. Cibele se torna Maria e, onde fica o túmulo de Pedro, se encontram dois leões. Pedro, dizia Jesus, era a “pedra sobre qual erguerei minha igreja”. Ainda em Roma, a adoração ao Sol crescia e o imperador Elagabalus instaurou o culto a El-Gabal ou Elagabal, renomeado como Deus Sol Invictus. O templo de Elagabal abrigava um meteorito cônico trazido de Emesa, tomado como a representação de Elagabal. Herodiano escreveu que “a pedra é cultuada como se fosse enviada dos céus”. O próprio meteorito de Cibele foi também transferido para o templo de Elagabal. Dentre os meteoritos adorados possivelmente está a pedra negra da Kaaba (Hajar El Aswad), que é uma das relíquias mais sagradas do Islã. Esta pedra negra é o maior centro de peregrinação do mundo e pode ser um meteorito. Mesmo que somente no início do século XIX os meteoritos tenham sido considerados extraterrestres pela ciência, isso era sabido há muito tempo pelas civilizações antigas.

**Código: 3726 - Paulo de Miranda Ribeiro:
Correspondência Internacional Analisada por Meio de Seu Arquivo Pessoal**

MYRTÔ DA SILVA CUNHA (Sem Bolsa)
GABRIEL RODRIGUES SOARES (Sem Bolsa)
Área Básica: PROCESSOS DE DISSEMINAÇÃO
DA INFORMAÇÃO

Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA C. SANTOS
SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO

O Zoólogo Paulo de Miranda Ribeiro atuou no Museu Nacional/UFRJ de 1929 a 1959, faleceu aos 61 anos, dos quais 34 foram dedicados ao Museu. É considerado por especialistas o maior zoólogo genuinamente brasileiro. Filho de Alípio de Miranda Ribeiro (1874-1939), zoólogo também do Museu Nacional/UFRJ que teve importante participação na “Comissão Rondon”. Paulo Miranda Ribeiro no Museu Nacional exerceu a função de zoólogo e naturalista efetivo na Divisão de Zoologia, deixando uma vasta produção científica sobre a fauna brasileira, principalmente a fauna ictiológica; representou o MN em diversos congressos internacionais. Nomeado representante do Museu junto ao Conselho Internacional de Museus (ICOM) e membro da Comissão de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas. Sua correspondência é caracterizada principalmente pela troca de informações e de material científico com museus em nível internacional. O método de pesquisa é exploratório e pretende analisar e interpretar essa correspondência com base nos documentos do cientista custodiados na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional.

**Código: 424 - Ontogênese dos Estames e Estaminódios
de *Garcinia brasiliensis* Mart. (*Clusiaceae*)**

CÁSSIA MALAFAIA FERREIRA DA SILVA (Sem Bolsa)
Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: BÁRBARA DE SA HAIAD
HELOÍSA ALVES DE LIMA CARVALHO
DANIEL DE OLIVEIRA LEAL
LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES

Garcinia L. apresenta aproximadamente 300 espécies dióicas, distribuição pantropical e uma marcante diversidade na morfologia floral, especialmente no androceu. Estames e estaminódios variam em número, posição e grau de fusão. Nas flores estaminadas e pistiladas de *Garcinia brasiliensis* Mart. os estames e estaminódios, respectivamente, são numerosos e livres. Este trabalho tem por objetivo descrever o desenvolvimento destas estruturas. Botões e flores foram coletados na Restinga da APA de Maricá, RJ, fixados em formaldeído 4% + glutaraldeído 2,5% em tampão fosfato de sódio 0,05M pH 7,2, mensurados, desidratados em série etílica, emblocados em Histoiresin® Leica, seccionados com navalha de vidro, corados com Azul de Toluidina O 0,05% e observados em microscópio Olympus BX-51. Para análise da micromorfologia, as amostras foram desidratadas, submetidas ao ponto crítico de CO₂, metalizadas e as observações realizadas em microscópio eletrônico de varredura JEOL JSM - 6390LV. Estames e estaminódios apresentam desenvolvimento semelhante até o final da microsporogênese. Os filetes apresentam epiderme uniestratificada, mesófilo com três a quatro camadas de parênquima regular e um feixe vascular central. As anteras são dorsifixas ou basifixas, bitecas, tetrasporangiadas e rimosas. Nas fases iniciais do desenvolvimento as anteras apresentam protoderme, três estratos parietais e tecido arqueosporico. Em estádios mais avançados diferenciam-se epiderme, endotécio com espessamento em barra, tapete secretor binucleado e tecido esporogênico. Posteriormente, os microsporócitos tornam-se evidentes, com citoplasma denso e envoltos por calose. As tetrades são tetraédricas e a microsporogênese, simultânea. Nas flores estaminadas, observa-se micrósporos livres com citoplasma denso, onde estão presentes grãos de amido e núcleo conspicuo. Inicia-se a microgametogênese e os grãos de pólen são liberados

bicelularizados. Nas flores pistiladas, os micrósporos livres mostram-se amorfos, com grande quantidade de vacúolos e de grãos de amido acumulados no citoplasma. Em seguida, estas células entram em processo de degeneração, resultando em uma massa amorfa que preenche os lóculos. Conclui-se que nas populações de *G. brasiliensis* na restinga de Maricá a perda da função masculina está ligada à ausência da microgametogênese.

Código: 428 - Vascularização do Gineceu em *Eugenia neonitida* Sobral (Myrtaceae)

DIEGO PEREIRA SPALA (CNPq/PIBIC)

Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: RAFAEL RIBEIRO PIMENTEL
LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES

Estudos ontogenéticos da flor em Myrtaceae Juss. são raros e muito necessários para a sistemática do grupo devido à homoplasia ocorrente na família. O gineceu, em particular, pela posição ínfera do ovário, a composição mista do septo e pela placenta de posição variável é uma estrutura complexa e pouco analisada. O presente trabalho visa fornecer dados relativos à vascularização do gineceu de *E. neonitida* Sobral - espécie restrita às restingas do RJ e ES e ameaçada de extinção. Botões e flores foram coletados na restinga da Marambaia-RJ fixados, desidratados em série etanólica e emblocados em Historesin® (Leica). Secções seriadas de 1-3µm de espessura foram coradas com Azul de Toluidina. A vascularização do gineceu tem origem no feixe condutor bicolateral do pedúnculo. Na base do hipanto esse se divide em oito feixes anficrivais que percorrem o hipanto até seu ápice, aonde divergem em direção às sépalas, pétalas e estames. Na base do ovário pequenos agrupamentos de floema por vezes penetram transversalmente o septo. A vascularização da placenta é feita por vários feixes se originam em diferentes níveis do tubo floral, penetram nos bordos carpelares fundidos e se unem na sua maior parte formando dois grandes feixes compostos que descem, invertidos, até a placenta, caracterizando a vascularização transeptal, utilizada para separar os gêneros (Schmidt 1972) *Eugenia* e *Syzygium* Gaertn. Na região da placenta os feixes formam um plexo que consiste em uma massa sólida de xilema e floema de onde seguem os feixes ovulares. No terço superior do ovário ocorre a divergência entre os feixes placentários e aqueles que seguem para o estilete. A vascularização do gineceu tem sido utilizada para tipificar a origem do ovário ínfero como apendicular ou receptacular em diversas famílias (Kaplan 1967; Soltis & Hufford 2002; Costello & Motley 2004). O ovário receptacular, pouco comum, é caracterizado pela presença de feixes condutores que sobem pelo hipanto até os verticilos florais e, a partir daí, descem invertidos até os óvulos. Comparando-se os resultados com os dados obtidos por Lopes (2008) para *E. uniflora*, pôde-se concluir que *E. neonitida* e *E. uniflora* têm semelhanças estruturais quanto à vascularização placentária transeptal e à origem receptacular do ovário, diferindo no entanto quanto ao tipo de feixe condutor, anficrival em *E. neonitida* e colateral em *E. uniflora*. Costello A, Motley TJ. 2004. *American Journal of Botany* 91: 644-655. Kaplan, D. R. 1967. *American Journal of Botany* 54 (10): 1274-1290. Lopes BC. 2008. Desenvolvimento floral e estudo palinológico de *Eugenia uniflora* L. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Schmidt R. 1972. *The Journal of the Arnold Arboretum* 53: 336-363. Soltis DE, Hufford L. 2002. *International Journal of Plant Sciences* 163 (2):277-293.

Código: 568 - Estudo Polínico da Subfamília *Rubioideae* (Rubiaceae Juss.) Ocorrentes nas Restingas do Estado do Rio de Janeiro

GABRIELLE REBOREDO MENEZES VIEIRA (CNPq/PIBIC)

Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES
CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA

No Brasil, a família Rubiaceae possui cerca de 120 gêneros e 2.000 espécies, de ampla distribuição, correspondendo a uma das principais famílias da nossa flora e mostra uma significativa representação nas restingas. Este trabalho analisou oito espécies de Rubioideae com o objetivo de caracterizar os grãos de pólen das espécies mais representativas desta flora. São elas: *Chiococca alba* Hitchc., *Coccocypselum campanuliflorum* Cham. & Schldl., *Coccocypselum capitatum* (Graham) C. B. Costa & Mamede, *C. condalia* Pers., *Psychotria alba* Ruiz & Pav. *P. bahiensis* DC., *P. brachyceras* Mull. Arg., *P. hygrophiloides* Benth.. O material botânico utilizado foi retirado de exsicatas depositadas nos herbários: (R) e (RB). No laboratório, os grãos de pólen foram tratados por acetólise (Erdtman 1952) e acetólise lática (Raynal & Raynal 1971) quando os grãos de pólen eram frágeis. Posteriormente o material foi medido, fotomicrografado e os dados quantitativos, submetidos a tratamento estatístico. Os grãos de pólen foram caracterizados em suas dimensões e ornamentação da sexina. Para análise em microscópio eletrônico de varredura (MEV), os grãos de pólen não acetolisados, foram pulverizados sobre suportes recobertos por fita de carbono. O conjunto foi metalizado com uma camada de ouro puro sendo, posteriormente, analisado em aparelho Zeiss DSM 960. Constatou-se que as espécies estudadas apresentam grãos de pólen de pequenos em *Chiococca Alba*, médios em *Coccocypselum capitatum*, *Psychotria alba*, *P. brachyceras*, *P. bahiensis* e *P. hygrophiloides* ou grandes nas demais espécies, isopolares em *Chiococca alba*, *Coccocypselum campanuliflorum*, *C. condalia*, *Psychotria hygrophiloides* ou apolares nas demais espécies, subprolatos apenas em *P. alba*, esferoidais na maioria das espécies ou

prolato-esferoidais em *C. campanuliflorum*, *C. capitatum* e *P. hygrophiloides*, inaperturados nas espécies *Psychotria brachyceras* e *P. bahiensis* ou 3 colpados nas demais espécies, a ornamentação da sexina variou de reticulada a rugulada. Pode-se concluir que, a morfologia polínica se mostrou um caráter importante para a separação dos gêneros e das espécies. Erdtman, G. 1952. Pollen morphology and plant taxonomy. Angiosperms an introduction to palynology, Stockholm Almquist & Wikseus. Raynal, A. & Raynal, J. 1971. Une technique de préparation des grains de pollen fragilis. *Adansonia*, 11(1):77-79. Agradecimento: CNPq pelos auxílios concedidos e pela bolsa de Produtividade e à FAPERJ pelos auxílio concedidos).

**Código: 662 - Floração de Cianobactérias e Derramamento de Rejeito Industrial:
Dois Eventos Atípicos em um Rio Tropical do Sudeste do Brasil**

ROBERTO ABRANTES FIRME (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: ECOLOGIA DE ECOSISTEMAS

Orientação: LUCIANA SILVA DA COSTA
VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR

Dados seus diferentes usos, o Rio Paraíba do Sul (RPS) é de grande importância para a região Sudeste. É um sistema fortemente impactado por atravessar áreas urbanizadas, recebendo efluentes domésticos e industriais, agrotóxicos e fertilizantes drenados pelas chuvas. Dois eventos atípicos ocorreram durante este estudo: i) uma intensa floração de cianobactérias (11/2002) interrompeu o abastecimento de água para a cidade de Campos; e ii) um derramamento de rejeito químico de uma empresa de celulose no rio Pomba (03/2003), afluente do RPS (acidente de Cataguazes). Considerando que o fitoplâncton é um importante sensor de mudanças naturais e/ou antrópicas, este estudo teve como objetivos: i) analisar as causas e consequências da floração de cianobactérias e ii) avaliar os efeitos do derramamento de rejeito sobre o fitoplâncton. Variáveis hidrológicas, climatológicas, físicas e químicas da água foram medidas em coletas quinzenais na seção central do rio (08/2002 a 08/2003) na cidade de Campos. O fitoplâncton foi estimado pelo método da sedimentação e, para melhor capturar a sua relação com o ambiente, a abordagem de grupos funcionais foi utilizada. As águas variaram de pouco a muito enriquecidas em fósforo total (0,9-6,3 µM) e tiveram concentrações relativamente elevadas de nitrogênio inorgânico dissolvido (28 a 46 µM), levando a uma ausência de limitação de N e P ao crescimento fitoplanctônico. Foram encontrados 86 táxons com predominância de clorófitas (41 spp.) seguidas por cianobactérias (18 spp.) e diatomáceas (15 spp.). Diatomáceas predominaram em biovolume até 14/10/02, sendo então substituídas pela cianobactéria potencialmente tóxica *Anabaena spiroides*, uma das integrantes da floração. Logo após dessa floração, *Anabaena spiroides* foi substituída por clorófitas. À exceção do período de floração (15 mm³.L⁻¹), que ocorreu após um período prolongado de baixa vazão (117 a 286 m³/s), o biovolume total foi relativamente baixo durante o período de estudo, compatível com outros rios brasileiros e do mundo. Não foram detectadas diferenças nas variáveis abióticas analisadas durante o evento de Cataguazes. A biomassa fitoplanctônica, no entanto, foi marcadamente reduzida logo após o evento, com ocorrência de poucos indivíduos da diatomácea *Aulacoseira granulata*. Esta, no entanto, é uma característica também registrada em períodos de alta vazão do rio, não influenciados pelo referido evento. A diversidade e riqueza de espécies foram relativamente baixas ao longo do estudo (2,5 bits mm⁻³ e 22 táxons/amostra) e oscilaram com a vazão, diminuindo também durante os dois eventos. Nossos dados sugerem que o RPS, é um ambiente resiliente, apesar de pouco diverso, dominado por espécies típicas de ambientes turbulentos e eutrofizados e passível de desenvolver florações de cianobactérias em períodos de baixa vazão.

**Código: 824 - Biodiversidade Fitoplanctônica de Reservatórios
do Semi-Árido do Rio Grande do Norte**

AMANDA REBOUÇAS COSTA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: TAXONOMIA VEGETAL

Orientação: VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR
JANESON BRASIL DIAS

Os reservatórios desempenham um importante papel para o desenvolvimento sócio-econômico do semi-árido brasileiro, dada à escassez de água característica da região, sendo, portanto, recursos naturais de grande valor sócio-econômico e cultural. Com o objetivo de avaliar a biodiversidade fitoplanctônica de reservatórios do Rio Grande do Norte, 49 açudes foram amostrados nos períodos de estiagem (novembro e dezembro 2007) e de chuvas (julho 2008). As análises foram realizadas em microscópio óptico, imagens foram capturadas e os organismos medidos. As identificações foram feitas a partir de bibliografia especializada. Do total de amostras, foram analisados até o momento oito reservatórios sendo cinco em período de estiagem e dois em período de chuvas. Um total de 98 espécies de microalgas foram identificadas, sendo 17 Cyanobacteria, 6 Cryptophyceae, 3 Dinophyceae, 10 Bacillariophyceae, 2 Xanthophyceae, 3 Euglenophyceae, 47 Chlorophyceae e 10 Zygnematophyceae. As identificações ainda estão sendo processadas. Dos oito açudes analisados até o momento, cinco tiveram uma riqueza taxonômica entre 11 e 15 espécies e três entre 20 e 32 espécies.

**Código: 859 - Influência da Altitude sobre o Meio Abiótico
Afeta a Composição e Abundância do Fitoplâncton
em Sistemas Lóticos da Bacia do Rio Uruguai, RS, Brasil**

MARIANA ORICHIO MELLO APPEL (Outra Bolsa)
Área Básica: ECOLOGIA DE ECOSSISTEMAS

Orientação: VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR

Este estudo insere-se no projeto “Brasil das Águas: revelando o azul do verde e amarelo” (1160 pontos, www.brasildasaguas.com.br). Dentre as 11 regiões hidrográficas do Brasil, destaca-se a do Uruguai por sua importância sócio-econômica. Foram amostrados 29 pontos em rios da bacia do Rio Uruguai. O fitoplâncton foi quantificado pelo método da sedimentação. Os pontos foram agrupados em função da altitude em trechos superior, médio e inferior. Foram registradas 175 spp. (ca. 23% do total do projeto BDA). No conjunto de dados, as algas verdes nanoplanctônicas dominaram na maioria dos rios estudados. Foi encontrada uma maior contribuição de clorófitas no trecho superior para a abundância total. Já no trecho intermediário a contribuição de cianobactérias foi similar a de clorófitas, enquanto no trecho inferior maior contribuição de diatomáceas seguidas por cianobactérias foi observada. Ao contrário do esperado, diatomáceas não foram dominantes na maioria dos trechos estudados. Os trechos também foram significativamente diferentes quanto à densidade fitoplanctônica, turbidez, NID, P-total, SRP e CID, indicando a influência dos fatores abióticos na composição e abundância do fitoplâncton. Toda a bacia é levemente eutrófica (P-total > 30 µg-P/L) e o crescimento fitoplanctônico potencialmente limitado por fósforo (SRP < 5 µg-P/L). A mediana da abundância fitoplanctônica de 873 ind mL⁻¹, compatível com outros rios do mundo. A mediana da riqueza de espécies foi baixa (13 táxons/amostra), mas a diversidade (Shannon-Wiener) foi alta (3,1 bits⁻¹), dada à elevada equitabilidade (mediana = 82%). A composição florística da bacia como um todo apresentou uma relativa similaridade (beta-diversidade = 28%). Assim, o trecho superior apresentou menores temperaturas, turbidez e densidade fitoplanctônica e dominância de clorófitas, se comparado com os trechos médio e inferior que se apresentaram mais túrbidos, com maiores densidades fitoplanctônicas e dominância de clorófitas, cianobactérias e diatomáceas. Apoio Financeiro: CNPq, Petrobrás.

**Código: 1060 - *Myrtaceae* do Cordão Interno da Apa de Maricá:
Levantamento e Fenologia das Espécies**

ALEXANDRE VERÇOSA GRECO (CNPq/PIBIC)
Área Básica: REPRODUÇÃO VEGETAL

Orientação: HELOÍSA ALVES DE LIMA CARVALHO
MARIA CÉLIA RODRIGUES CORREIA
ANA TEREZA ARAÚJO RODARTE

As espécies foram levantadas a partir de um transecto (500 x 10m) paralelo à praia, passando por três formações (arbustiva aberta inundável-AAI, arbustiva aberta não inundável-AANI e arbustiva fechada não inundável-AFNI), ao longo do cordão arenoso interno da APA da restinga de Maricá, RJ. Foram levantadas as seguintes espécies: *Myrcia vittoriana*, *M. ilheosensis*, *Myrciaria floribunda*, *Myrrhinium atropurpureum* e *Neomitranthes obscura* (muito frequentes: >20 plantas); *Calyptanthes brasiliensis* (frequente: 4-20 plantas); e *Eugenia rotundifolia*, *Myrcia acuminatissima*, *M. bergiana*, *M. multiflora* e *M. lundiana* (raras: 1-3 plantas). O objetivo do trabalho é conhecer a distribuição das populações e a fenologia das espécies, que são importantes fornecedoras de recursos para polinizadores e dispersores. O estudo abrangeu o período de agosto/2009 a abril/2010. As espécies estão concentradas em formações específicas: na formação AAI destacam-se *M. ilheosensis* e *C. brasiliensis*; na AANI, *M. floribunda*; e na AFNI, *N. obscura*, *M. vittoriana* e *M. atropurpureum*. Todas exibem flores brancas, numerosos estames e pólen como recurso disponível para polinizadores, exceto *M. atropurpureum*, cujas flores têm pétalas brancas, referidas como recurso para pássaros polinizadores. Os frutos são carnosos e coloridos, variando de amarelos a negros, quando maduros. As espécies iniciaram a emissão foliar no final da estação fria/seca (agosto e setembro), prolongando-se o evento por quase toda a estação quente/úmida (até março). Em *C. brasiliensis*, *M. floribunda*, *N. obscura*, *M. lundiana* e *E. rotundifolia*, os picos de emissão foliar foram mais estreitos e conspícuos, sempre entre novembro e dezembro. Todas as espécies amostradas tiveram baixa intensidade de queda foliar. Seis floresceram na estação quente/chuvosa, após o período de intensa emissão foliar: *M. vittoriana* e *M. multiflora* (pico em dezembro); *M. ilheosensis* e *M. floribunda* (pico em janeiro/fevereiro); *C. brasiliensis* (pico em fevereiro), esta alcançando evento com 100% de intensidade; e *E. rotundifolia* (pico em março). *Myrrhinium atropurpureum* floresceu na estação fria/seca, (pico em agosto). *Myrcia acuminatissima* apresentou padrão de floração com dois episódios sequenciais (dezembro e fevereiro). Para cada espécie, a floração é em massa, de curta duração e sincrônica entre os indivíduos. *Neomitranthes obscura*, *Myrcia bergiana* e *M. lundiana* não floresceram. O período de desenvolvimento dos frutos é longo e concentra-se na estação quente/chuvosa. Nesta, *Myrcia ilheosensis*, *M. vittoriana* e *Myrrhinium atropurpureum* frutificaram após a floração acompanhada e liberaram sementes nos meses de fevereiro/março. *Calyptanthes brasiliensis* iniciou desenvolvimento de frutos em março, final da estação quente/chuvosa.

**Código: 1713 - Estudo Polínico de Espécies do Gênero
Lippia L. (Verbenaceae- Lantaneae) Ocorrentes no Brasil**

JULLIANA PASSOS DOS SANTOS (CNPq/PIBIC)
Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES
ANA CAROLINA DA SILVA FOURNY
MARIANA ALBUQUERQUE DE SOUZA

A família Verbenaceae está posicionada no grupo das Lamídeas (Euasterídeas I), com distribuição pantropical, incluindo cerca de 36 gêneros e 1000 espécies. É representada principalmente pelos gêneros *Verbena* L. (ca. 200 espécies), *Lantana* L. (ca. 150 espécies) e *Lippia* L. (ca. 200 espécies), sendo subdividida em apenas uma subfamília, Verbenoideae, com aproximadamente 16 gêneros e 250 espécies ocorrentes no Brasil. O gênero *Lippia* L. é o segundo maior da família, sendo alvo de diversos estudos taxonômicos por ser considerado, por diversos autores, um gênero mal classificado e delimitado. Atualmente, a palinologia tem se mostrado uma ferramenta útil na resolução de problemas taxonômicos. Dessa forma, objetiva-se com o presente trabalho oferecer uma caracterização polínica de quatro espécies de *Lippia* L. ocorrentes no Brasil, auxiliando a sistemática do grupo e da família Verbenaceae. São elas: *Lippia alba* (Mill.) N.E. Br, *L. florida* Cham., *L. martiana* Schauer e *L. rotundifolia* Cham. O material utilizado foi obtido de exsicatas depositadas no herbário Leopoldo Krieger (CESJ). No laboratório, os grãos de pólen sofreram tratamento acetolítico sendo, posteriormente, mensurados e fotomicrografados. Para análise em microscópio eletrônico de varredura (MEV) as anteras foram maceradas e os grãos de pólen, não acetolisados, pulverizados sobre suportes recobertos por fita de carbono. O conjunto foi metalizado com uma camada de ouro puro por ca. 3 minutos sendo, posteriormente, analisado em aparelho Zeiss DSM 960. Os grãos de pólen foram analisados quanto ao tamanho, à forma, abertura e ornamentação da sexina. Os resultados mostraram grãos de pólen médios, isopolares, oblato-esferoidais apenas em *Lippia martiana*, prolato-esferoidais nas demais espécies; área polar pequena, 3-colporados, colpos longos, com membrana ornamentada, endoabertura nitidamente lalongada, sexina escabrada em ML e rugulado-perfurada em MEV. Pode-se concluir que os grãos de pólen dessas espécies são homogêneos. Agradecimentos: CNPq, FAPERJ, Instituto de Biofísica/UFRJ.

Código: 1807 - Palinotaxonomia de Três Espécies de *Gentianaceae* Juss

ANA LUÍSA LEMOS CORRÊA (CNPq-PIBIC Outra Universidade)
Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES
ELSIE FRANKLIN GUIMARAES

Gentianaceae é uma família cosmopolita, compreendendo 6 tribos, ca. 87 gêneros e 1688 espécies. No Brasil são 28 gêneros e aproximadamente 90 espécies. De acordo com levantamento realizado em herbários, as gencianáceas estão representadas no estado do Rio de Janeiro por 14 espécies. Destas, três são abordadas no presente trabalho: *Calolisianthus speciosus* (Cham. & Schltdl.) Gilg, *Centaurium erythraea* Rafn. e *Macrocarpaea glaziovii* Gilg. Propõe-se analisar os referidos táxons, reconhecendo-se suas características diagnósticas para elaboração de chave analítica. A metodologia empregada foi a usual para os trabalhos de taxonomia. No estudo palinológico, foi feita acetólise de material herborizado (Erdtman 1952) com modificações propostas por Melhem et al. (2003). Em seguida os grãos de pólen foram medidos, descritos, foto e eletromicrografados. Os resultados mostram que: *Calolisianthus speciosus* (erva com folhas opostas da base ao ápice, sésseis, cálice com coleteres na face adaxial, flor lilás) apresenta tétrades tetraédricas de tamanho grande, grãos de pólen formadores da tétrade médios, 5-6-porados, com opérculos, sexina reticulada, com ornamentação no interior dos lumens. *Centaurium erythraea* (erva com folhas da base em roseta, as superiores opostas, sésseis; cálice desprovido de coléteres, flor rósea) possui grãos de pólen liberados em mônades, médios, suboblato, 3-colporados, ectoabertura com margem, endoabertura circular, com margem ornada, sexina reticulada, estriada próximo às ectoaberturas. *Macrocarpaea glaziovii* (erva com folhas opostas da base ao ápice, pecioladas, e flores alvas) apresenta grãos de pólen liberados em mônades, médios, suboblato, 3-colporados, endoabertura aproximadamente circular, sexina reticulada. Pode-se concluir, a partir dos resultados encontrados, que as espécies são facilmente reconhecidas pelos caracteres macro e micromorfológicos. Agradecimentos: CNPq, Faperj, Instituto de Biofísica/UFRJ Referências Bibliográficas: Erdtman, G. 1952. Pollen morphology and plant taxonomy Angiosperms. Stockholm: Almqvist & Wiksell. 539p., 261 figs. Melhem, T.S., Cruz-Barros, M.A.V., Corrêa, A.M.S., Makino-Watanabe, H., Silvestre-Capelato, M.S.F. & Gonçalves-Esteves, V. 2003. Variabilidade polínica em plantas de Campos de Jordão (São Paulo, Brasil). Boletim do Instituto de Botânica 16:9-104. Struwe, L. & Albert, V.A. (eds.). 2002. *Gentianaceae: systematics and natural history*, Cambridge University Press, 652 p.

Código: 1976 - Anatomia de *Eriocaulon L. (Eriocaulaceae)* Neotropicais Como Subsídio à Filogenia

THIAGO VIEGAS DE OLIVEIRA (CNPq/PIBIC)
NATHÁLIA DE BARROS GOMES PINHEIRO (CNPq/PIBIC)
Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: ADRIANA LUIZA RIBEIRO DE OLIVEIRA
LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES
CLÁUDIA PETEAN BOVE

Eriocaulaceae engloba várias das espécies popularmente chamadas de sempre-vivas e encontra-se atualmente posicionada na ordem Poales. A família é facilmente reconhecida por suas inflorescências capitadas com flores diminutas. São citadas cerca de 1100 espécies, pertencentes a 10 gêneros sendo que 700 ocorrem nos Neotrópicos. *Eriocaulon* é um gênero monofilético com 478 espécies, sendo o único de distribuição pantropical. O elevado número de espécies e a falta de uma filogenia para o gênero dificultam estudos neste grupo. Caracteres macro e micro morfológico têm mostrado grande importância na reconstrução da filogenia de Eriocaulaceae. Por isso uma análise filogenética com base de dados morfológicos de *Eriocaulon* está sendo realizada, para possibilitar uma classificação infra-genérica natural. O objetivo deste projeto foi levantar caracteres anatômicos informativos para a filogenia de *Eriocaulon*. Foram utilizadas regiões medianas de folha e escapo de 18 espécies. Os espécimes fixados em glutaraldeído 2,5% em tampão fosfato de sódio 0,05 M, pH 7,2 ou FAA foram desidratados em série alcoólica, submetidos à baixa pressão e emblocados em resina acrílica hidrofílica, Historesina® (Leica). Os espécimes herborizados foram hidratados em solução de água e glicerina em partes iguais, seccionados em microtomo Ranvier e corados com Safrablau. As observações, fotografias e respectivas mensurações foram realizadas em microscópio Olympus BX-51 com sistema de captura composto por câmera Q color 5 e software Image-Pro Express. Os escapos das espécies apresentam um padrão cilíndrico raramente quadrado. Estes exibem costelas longitudinais salientes relacionadas à sustentação, formadas por epiderme unisseriada, com três estratos de colênquima (raro um ou sete) e quatro a dezesseis estratos de parênquima, o córtex é formado por aerênquima diafragmático. O diafragma é composto por uma camada de células braciiformes, raro cilíndricas. As folhas também apresentam epiderme unisseriada em ambas as faces. O mesófilo é descontínuo devido à presença de extensões de bainhas dos feixes. O parênquima clorofiliano ocorre na face adaxial e há um número variável de cavidades de aerênquima, semelhante ao observado no escapo. Os feixes vasculares são colaterais com número variável entre as espécies. Foram levantados 16 caracteres anatômicos para a análise filogenética, sendo 11 deles encontrados na folha e cinco no escapo. O estudo também se mostrou importante na delimitação de espécies com morfologia semelhante. Materiais de diferentes localidades identificados, inicialmente, como uma espécie apresentaram diferentes padrões anatômicos. No escapo ocorreram variações importantes na forma das células presentes no interior do aerênquima e número de estratos de células do colênquima. Na folha o formato do bordo, tamanho da cavidade aerenquimática e posição dos feixes na lâmina, também se mostraram importantes na delimitação de espécies próximas.

**Código: 2307 - Vascularização do Gineceu em *Myrcia acuminatissima O. Berg (Myrtaceae)*:
Inferências sobre a Origem do Ovário Ífero na Tribo *Myrteae***

PAMELA DE EGÍDIO COELHO (Sem Bolsa)
Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: RAFAEL RIBEIRO PIMENTEL
LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES

Myrtaceae, é uma das famílias mais representativas na flora do Brasil. As espécies brasileiras pertencem à tribo Myrteae, grupo filogeneticamente coeso com seis clados correspondentes aos grupos informais “*Plinia*”, “*Myrceugenia*”, “*Myrteola*”, “*Pimenta*”, “*Eugenia*” e “*Myrcia*” (Lucas et al. 2007). Das espécies nativas apenas *Eugenia uniflora L.* e *Eugenia neonitida Sobral* -pertencentes ao grupo “*Eugenia*”- foram analisadas do ponto de vista da anatomia e desenvolvimento floral por Lopes (2008) e Pimentel (2010) respectivamente. Neste contexto, este trabalho objetiva fornecer dados relativos a vascularização do gineceu de *Myrcia acuminatissima O. Berg* -grupo “*Myrcia*”- e compará-los com os obtidos por Pimentel (2010) e Lopes (2008) a fim de contribuir na investigação da evolução de caracteres estruturais da flor na tribo Myrteae. Botões e flores coletados na restinga de Maricá-RJ foram fixados, desidratados em série etanólica, emblocados em Historesin® (Leica) e seções seriadas de 1-3mm de espessura, foram coradas com Azul de Toluidina. A vascularização da flor é feita a partir do pedúnculo por feixes sempre ascendentes que se ramificam em direção a porção distal e se direcionam para cada um dos verticilos florais. A placenta está inserida na base do septo ovariano, assim, ela e os óvulos são vascularizados pelos primeiros feixes a se ramificarem a partir do pedúnculo, sem que haja a inversão dos feixes vasculares, como descrito para *Eugenia*. A vascularização do gineceu tem sido utilizada para tipificar a origem do ovário ífero em diversas famílias. A natureza receptacular é caracterizada pela presença de feixes condutores que sobem pelo hipanto até os verticilos florais e, a partir daí, descem invertidos até os óvulos. Na maioria das famílias com ovário ífero, este possui origem apendicular, caracterizada pelo sistema vascular sempre ascendente, não havendo a inversão dos feixes (Kaplan, 1967; Soltis & Hufford, 2002; Costello & Motley, 2004). Comparando-se os resultados com os dados obtidos por Lopes (2008) e Pimentel (2010) para *E. uniflora* e *E. neonitida*, sugere que a origem do ovário ífero na tribo Myrteae pode ter se dado de duas forma distinta,

constituindo o caráter “ovário ínfero” uma homoplasia dentro do grupo. Costello A, Motley TJ. 2004.. American Journal of Botany 91: 644-655. Kaplan, DR. 1967. American Journal of Botany 54 (10): 1274-1290. Lopes BC. 2008. Desenvolvimento floral e estudo palinológico de *Eugenia uniflora* L. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Lucas et al. 2007. Taxon 56 (4):1105-1128. Pimentel RR. 2010. Anatomia e desenvolvimento da flor de *Eugenia neoni-tida* sobral (myrtaceae). Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Soltis DE, Hufford L. 2002. International Journal of Plant Sciences 163 (2):277-293.

Código: 2313 - Estrutura Floral de *Clusia lanceolata* Cambess. (*Clusioideae*, *Clusiaceae*)

ROSA CRISTINA VITORINO DE PAULA (Sem Bolsa)
Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: THABATTA ALMEIDA GONÇALVES DA SILVA
DANIEL DE OLIVEIRA LEAL
LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES
BÁRBARA DE SA HAIAD

Clusia lanceolata, espécie arbustiva dióica nativa do Brasil e ocorrente em restingas dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo, possui flores resiníferas unissexuais reunidas em cimeiras axilares e terminais. O presente trabalho tem como objetivo descrever estruturalmente as flores estaminadas e pistiladas da espécie. Flores foram coletadas na Restinga da APA de Maricá, RJ, fixadas em formaldeído 4% + glutaraldeído 2,5% em tampão fosfato de sódio 0,05M pH 7,2, desidratadas em série etílica, emblocadas em Historesin® Leica, seccionadas com navalha de vidro, coradas com Azul de Toluidina O 0,05%, observadas e documentadas em microscópio Olympus BX-51. As flores são pediceladas, actinomorfas, diclamídeas, planas, dialissépalas e dialipétalas. Sépalas (4 - 12) e pétalas (5 - 8) são hipostomáticas, apresentam epiderme uniestratificada em ambas as faces, parênquima regular, feixes vasculares, idioblotos drusíferos e canais secretores. Os numerosos estames encontram-se reunidos em um sinandro. O gineceu é formado por ovário sincárpico, súpero, 8-locular, com até 6 óvulos por lóculo. Os estigmas (8), posicionados lado a lado, são subsésseis, de contorno triangular e com uma convexidade central. Ovário e sinandro são circundados por estruturas anelares resiníferas.

Código: 2326 - Anatomia Floral de *Myrcia ilheosensis* Kiaersk (*Myrtaceae*)

DIEGO PEREIRA SPALA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: ANATOMIA VEGETAL

Orientação: BRUNO CARDOSO LOPES
LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES

Myrtaceae é uma das maiores famílias da flora brasileira com destaque para floresta atlântica e restinga. Estudos ontogenéticos são necessários devido à homoplasia ocorrente na família. Este trabalho visa fornecer dados anatômicos da flor de *Myrcia ilheosensis* que possam contribuir para a sistemática do grupo. Flores foram coletadas na restinga de Maricá-RJ, fixadas em glutaraldeído 2,5%+formaldeído 4% em tampão fosfato 50mM, desidratadas em série etanólica, emblocadas em Historesin® e secções seriadas de 1-3µm de espessura foram coradas com Azul de Toluidina. As flores são hermafroditas e dispostas em inflorescências racemosas com duas brácteas e numerosos tricomas não glandulares. A formação dos verticilos é centrípeta, porém a diferenciação do gineceu ocorre antes da formação dos estames. A vascularização da flor tem origem na unidade vascular do pedúnculo, um anel interrompido que na base do hipanto se divide. Uma parte segue para o ovário e irriga a placenta e outra forma cinco feixes que percorrem o hipanto até seu ápice, divergindo para os demais verticilos. uma pequena parte penetrando através do estilete até as proximidades do estigma. Cálice e corola são pentâmeros. As sépalas são verdes e as pétalas brancas. Ambas são constituídas por epiderme uniestratificada com presença sutil de cutinização, parênquima abundante em células de conteúdo fenólico, presença de cavidades secretoras e feixes vasculares anficrivais. As sépalas diferenciam-se das pétalas apenas pelas células parenquimáticas com contorno mais uniforme e maior abundancia de cavidades secretoras, além de uma cutinização mais evidente na epiderme. A região estigmática é diminuta, com papilas evidentes. O estilete possui epiderme uniestratificada, parênquima com abundância de conteúdo fenólico e presença de cavidades secretoras. O estilete apresenta tecido transmissor circundado por 5 feixes vasculares. O ovário é ínfero, bilocular com septo de origem mista. A região apical corresponde à porção deprimida do estilete onde o tecido transmissor se extingue. A região mediana é formada pela margem das folhas carpelares que se fusionam entre si e as regiões apical e basal, formando o cômputo. A placenta na base do septo é protuberante com parênquima repleto de drusas. Os óvulos são anacomplótropos, bitegmentados e com vascularização que se extingue na calaza. O saco embrionário maduro é curvo e formado por antípodas, célula média binucleada, oosfera e duas sinérgides com aparato fibrilar evidente e polarização oposta à oosfera. O androceu ocupa grande área do hipanto circundando o estilete. O filete tem epiderme uniestratificada e células parenquimáticas de conteúdo fenólico. Os feixes condutores apresentam poucos elementos de xilema se comparados aos de floema. Nas anteras a epiderme também é uniestratificada, o endotécio destaca-se com células volumosas e espessamento em barras. O tapete encontra-se degradado e os grãos de pólen são de contorno triangular e triaperturados.

Código: 2526 - Estudos Reprodutivos em *Bromeliaceae* de Restinga - Resultados Preliminares

CAMILA VENTURINI SUIZANI (Sem Bolsa)
Área Básica: REPRODUÇÃO VEGETAL

Orientação: HELOÍSA ALVES DE LIMA CARVALHO
MARIA CÉLIA RODRIGUES CORREIA
ANA TEREZA ARAÚJO RODARTE

As bromélias são abundantes no ambiente de restinga, com grande participação na dinâmica desse ecossistema, compondo redes ecológicas e interferindo diretamente na riqueza de espécies vegetais e animais. Estudos mostram que bromélias com disposição rosulada das folhas atuam como plantas berçário, já que ao acumularem água e matéria orgânica, propiciam condições favoráveis para a germinação de sementes e desenvolvimento de plantas jovens de outras espécies. Além disso, constituem importante fonte de recursos florais para visitantes antófilos, principalmente borboletas, beija-flores e abelhas. Apesar de sua grande importância, as bromélias de restinga ainda são pouco estudadas com relação à fenologia e à biologia reprodutiva. O objetivo do trabalho é estudar a comunidade de Bromeliaceae da APA da Restinga de Maricá, quanto aos aspectos relacionados à reprodução, fenologia e ecologia da polinização. As Bromeliaceae ocorrentes na área de estudo são *Aechmea nudicaulis*, *Billbergia amoena*, *Neoregelia cruenta*, *Tillandsia gardneri*, *Tillandsia stricta* e *Vriesea neoglutinosa*. Estão sendo realizadas visitas semanais ao campo, para registro dos percentuais de atividade e de intensidade das fenofases, registro e observação do comportamento de polinizadores, além de análises da morfologia e biologia floral. Observações preliminares evidenciaram dois padrões de floração: o primeiro classificado como padrão sazonal anual, onde as espécies florescem regularmente, uma vez ao ano, por um período relativamente curto. Neste grupo incluem-se as espécies primariamente polinizadas por beija-flor (ornitófilas): *Tillandsia stricta* (janeiro a fevereiro), *B. amoena* (abril a junho) e *T. gardneri* (julho a agosto), sugerindo florações seqüenciais ao longo do ano, incluindo a estação quente/úmida (de outubro a março) e fria/seca (de abril a setembro). *Billbergia amoena* também vem sendo acompanhada em cultivo no Horto Botânico do Museu Nacional, tendo-se observado que a floração da população se caracteriza por pelo menos três episódios, altamente sincrônicos e separados por intervalos sem flor de aproximadamente 10 a 30 dias. Cada indivíduo permanece com flores por no máximo 5 a 6 dias. O segundo padrão identificado, classificado como extenso, onde as espécies florescem praticamente ao longo de todo o ano, inclui espécies cujas flores são visitadas por borboletas, beija-flores e abelhas, a saber: *Aechmea nudicaulis* (com picos variados ao longo do ano) e *Vriesea neoglutinosa* (com pico de outubro a fevereiro). Quanto a *N. cruenta*, os dados de campo ainda não são suficientes para uma análise da fenologia e biologia da espécie.

Código: 2633 - Estudo Palinológico de Espécies dos Gêneros

***Ophryosporus* e *Chionolaena* (*Eupatorieae*, *Asteraceae*) Ocorrentes no Rio de Janeiro**

GLÓRIA CAROLINE CARVALHO DE SOUZA (FAPERJ)
Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: ROBERTO LOURENÇO ESTEVES
VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES

Asteraceae se caracteriza por apresentar uma uniformidade básica na estrutura floral, os quais dividem características comuns, tais como: agregação das flores em capítulos indeterminados com desenvolvimento centrípeto, conexão das anteras, com deiscência introrsa, exposição secundária dos grãos de pólen, estilete colunar e uniformidade geral da cipsela. A tribo Eupatorieae está muito bem representada no Rio de Janeiro e, dentre os gêneros subordinados à tribo estão *Ophryosporus* com três espécies e *Chionolaena* com seis espécies. No presente trabalho, foram estudadas, palinologicamente, as espécies *Ophryosporus regnellii* Baker e *O. freyreysii* (Thunb.) Baker e *Chionolaena isabellae* Baker e *C. phyllicoides* (Gardn.) Baker. O material botânico utilizado foi obtido de exsicatas depositadas no Herbário do Museu Nacional (R) e no Herbarium Bradeanum (HB). No laboratório, os grãos de pólen foram tratados pelo método acetolítico, posteriormente mensurados, fotomicrografados e os dados quantitativos, submetidos a tratamento estatístico. A análise palinológica foi feita através de microscopia em luz branca transmitida, em aumentos de 400 e 1000x. Os grãos de pólen foram analisados, descritos e fotomicrografados. Foram analisados a forma, a unidade polínica, o tamanho, a posição e o número de aberturas, bem como a ornamentação da exina. Os resultados mostram que os grãos de pólen das espécies subordinadas aos dois gêneros são médios, prolato-esferoidais, área polar pequena, variando somente em *Chionolaena phyllicoides* cuja área polar é grande, 3-colporados, colpos longos, curtos apenas em *Chionolaena phyllicoides*, endoabertura lalongada, sexina espinhosa, presença de cávea, espinhos de tamanho e distância entre eles variáveis entre as espécies. Pode-se concluir que os grãos de pólen das espécies analisadas são homogêneos, porém podem ser distintos pelo tamanho, pela forma, área polar e pelas dimensões das aberturas. Agradecimentos: CNPq, FAPERJ, Instituto de Biofísica/UFRJ.

Código: 2634 - Estudo Palinológico de Espécies de *Paralychnophora macleish* (Vernonieae - Asteraceae)

RAQUEL MARIA BATISTA SOUZA DE SOUZA (FAPERJ)

Área Básica: PALINOLOGIA

Orientação: VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES

ROBERTO LOURENÇO ESTEVES

CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA

Asteraceae compreende 1.535 gêneros, com cerca de 23.000 espécies. Cerca de metade das espécies de Asteraceae ocorre no Novo Mundo, com predomínio na América Latina, sendo estimadas, para a flora brasileira, cerca de 3.000 espécies que são, particularmente, abundantes nos ecossistemas de cerrado, campo rupestre, campo de altitude e restinga, estando ausente ou muito pobremente representada, na floresta tropical úmida. A tribo Vernonieae Cass, com 98 gêneros e cerca de 1.400 espécies, possui uma distribuição principalmente tropical com dois principais centros de distribuição: Brasil e África tropical. A tribo compreende ervas anuais ou perenes, arbustos, lianas e, raramente, árvores de grande porte. As folhas são em geral alternas, com venação pinada, capítulos discóides, homógamos e ramos do estilete longos, subulados, com pilosidade se estendendo abaixo do ponto de bifurcação. Os grãos de pólen possuem, geralmente, espinhos dispostos em padrões regulares do tipo equinolofado. O gênero *Paralychnophora* ocorre em campos rupestres, suas espécies são endêmicas do Brasil, ca. seis espécies, sendo encontradas nos Estados da Bahia e de Minas Gerais. Seus representantes são lenhosos, apresentam folhas coriáceas, papus cerdoso, cerdas filiformes, persistentes, possuem ainda um tomento resistente ao fogo. No presente trabalho, foram estudadas, palinologicamente, as seguintes espécies: *Paralychnophora atkinsiae* D.J.N. Hind, *P. bicolor* (DC.) MacLeish.; *P. harleyi* (H. Rob.) D.J.N. Hind., *P. patriciana* D.J.N. Hind e *P. santosii* (H. Rob.) D.J.N. Hind. O material polínico foi retirado de exsicatas depositadas nos principais herbários do Rio de Janeiro. A análise palinológica foi realizada através de microscopia em luz branca transmitida, em aumentos de 400 e 1000x. No laboratório, os grãos de pólen foram tratados pelo método acetolítico, posteriormente mensurados, fotomicrografados e os dados quantitativos, submetidos a tratamento estatístico. Foram analisados a forma, a unidade polínica, o tamanho, a posição e o número de aberturas, bem como a ornamentação da exina. Para tais análises, foram mensurados 25 grãos de pólen tomados ao acaso. Do espécime padrão, foram realizadas medidas em vista equatorial (diâmetro polar e equatorial), em vista polar (diâmetro equatorial e lado do apocolpo), nas aberturas e nas camadas da exina. Para análise em microscopia eletrônica de varredura foram utilizados grãos de pólen não acetolisados. Os grãos de pólen foram classificados como médios a grandes em *P. bicolor*, grande nas demais espécies, área polar muito pequena em *P. atkinsiae* e pequena nas demais, sexina subequinolofada com espinhos de dimensões diferentes. Pode-se concluir que os grãos de pólen se separaram pelos seguintes caracteres: forma, área polar, diâmetro das aberturas e dimensões dos espinhos. Agradecimentos: CNPq, FAPERJ, Instituto de Biofísica/UFRJ.

Código: 3841 - Coleção de Glaziou no Herbário do Museu Nacional

FERNANDA BARROS DOS SANTOS (Sem Bolsa)

Área Básica: TAXONOMIA VEGETAL

Orientação: LUCI DE SENNA VALLE

Auguste François Marie Glaziou (1833-1906), botânico francês, veio para o Rio de Janeiro, no decorrer do século XIX precisamente em 1858 a pedido de D. Pedro II, para atuar nas construções e reformas de jardins e parques. Ficou conhecido como “O paisagista do imperador”. Glaziou também participou de expedições em várias regiões do Brasil onde coletou grande número de espécies vegetais. Este trabalho tem como objetivo registrar e estudar as espécies botânicas, coletadas por este naturalista, que encontram-se depositadas no herbário do Museu Nacional/UFRJ (sigla R). A coleção de Glaziou fará parte do Herbário Virtual que será disponibilizado no site do CRIA. Para o desenvolvimento desta pesquisa serão realizados levantamentos bibliográficos, levantamentos no acervo do herbário citado e buscas das exsicatas, para posteriormente serem estudadas, com a finalidade de verificar a validade dos nomes específicos. Até o momento, foram localizadas no acervo do herbário, 94 espécies de quatro famílias botânicas: *Amaranthaceae* (duas espécies); *Anacardiaceae* (17 espécies); *Annonaceae* (28 espécies), *Apocynaceae* (47 espécies) das centenas de táxons depositadas no acervo deste herbário. Da primeira família citada, o local de coleta foi o Rio de Janeiro; da segunda foram em Goiás, Rio de Janeiro e Minas Gerais; da terceira foram oriundas do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo; da quarta em Goiás, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo. Todas as espécies, registradas preliminarmente, estão depositadas no Herbário do Museu Nacional, na coleção geral e/ou na coleção de “Tipos,” isto é: o material botânico que foi utilizado para a descrição de um táxon..

Código: 28 - *Scarabaeinae* (Insecta, Coleoptera) do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

MARIO JARDIM CUPELLO (Sem Bolsa)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MIGUEL ANGEL MONNE BARRIOS

Com cerca de 27.800 espécies descritas, *Scarabaeidae* é uma das mais diversas famílias de *Coleoptera* (Ratcliffe & Jameson, 2005). Dividida em 16 subfamílias recentes (Smith, 2006), engloba tanto besouros herbívoros quanto necrófagos, predadores e coprófagos. Entre estes últimos, os mais difundidos são os vulgarmente denominados besouros rola-bosta

(Scarabaeinae). Suas 5.000 espécies (Gill, 2005) são distinguidas facilmente do restante da família por possuírem o clipeo alargado em direção ao ápice, além da maior parte das fêmeas (e de alguns machos) ser desprovida de tarsos anteriores. Estas características são de grande importância na biologia destes coleópteros. No momento da reprodução, os adultos da maioria das espécies constroem pequenas bolas com fezes de outros animais (sobretudo mamíferos) com o auxílio de suas tíbias robustas e do clipeo em forma de pá. Em seguida, põem seus ovos na massa formada e, por fim, escava uma pequena cova no solo onde enterrará sua cria. Esta, por sua vez, se desenvolverá utilizando as fezes coletadas como alimento. Em vista deste hábito decompositor, estes besouros são de grande importância na ciclagem de nutrientes e, portanto, na manutenção do ecossistema (Halffter & Matthews, 1966). Assim, estudos que os envolvam terão grande valor ecológico, econômico e, sobretudo, na ciência básica da sistemática, onde pouco ainda é conhecido sobre sua filogenia e conseqüente taxonomia. Vaz-de-Mello (2000) cita 768 espécies de Scarabaeinae como procedentes do Brasil. Destas, 137 estariam registradas para o Rio de Janeiro, sendo 10 delas endêmicas. Contudo, não há nenhuma listagem de espécies para o estado. Outros dados relativos à fauna de Scarabaeinae da região são obtidos por Harold (1875), que enumera as 44 espécies válidas encontradas por ele no município fluminense de Cantagalo. Ademais, nenhum outro trabalho foi realizado com enfoque no Rio de Janeiro, excetuando aqueles pontuais onde espécies são citadas como possuindo procedência para a região ou outros com espécies sendo descritas tendo o estado como localidade tipo. Visando contribuir com um aumento no conhecimento faunístico de Scarabaeinae, este trabalho apresenta, pela primeira vez, um inventário das espécies encontradas no Rio de Janeiro, estado constituído sobretudo por floresta ombrófila típica do bioma Mata Atlântica, um dos hotspots de biodiversidade mais ameaçados pela ação antrópica. Os dados foram obtidos mediante análise da Coleção de Coleoptera do Museu Nacional/UFRJ e de registros na literatura, sobretudo de trabalhos de pesquisadores radicados no Brasil. Como resultado, foram encontradas 131 espécies e 30 gêneros divididos em 6 das 12 tribos de Scarabaeinae reconhecidas por Smith (2005) e Mann (2008). Dos 92 municípios fluminenses, 31 possuem registro de procedência para Scarabaeinae.

**Código: 250 - Uma Nova Espécie de *Burseramyia möhn* 1960
(*Schizomyiina*, *Asphondyliini*, *Cecidomyiidae*, *Diptera*) do Brasil**

KARINA DE FIGUEIREDO FONSECA (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MARCIA SOUTO COURI

Os *Schizomyiina* são muito diversificados, com cerca de 150 espécies, distribuídas em 24 gêneros, 10 na região Neotropical, 8 com ocorrência no Brasil (Gagné, 2004). O gênero *Burseramyia* Möhn, 1960, registrado até então apenas para El Salvador, caracteriza-se por apresentar palpo com 4 artículos, gonóstilo com 2 lobos apicais, um com denticulos e o outro com cerdas, edeago estreito e pontiagudo e ovipositor rígido, muito alongado, completamente pigmentado e sem cerdas. Até o momento, *Burseramyia* incluía uma única espécie, *B. burserae* Möhn indutora de galhas em *Bursera simaruba* (Burseraceae), descrita nas fases de larva e adulto (macho e fêmea), sendo a pupa desconhecida (Möhn, 1960). Uma nova espécie desse gênero, indutora de galhas em *Swartzia langsdorfii* (Fabaceae), foi encontrada no Brasil. Os objetivos deste trabalho são caracterizar morfológicamente a espécie nova, comparando-a com *B. burserae* e descrever pela primeira vez, a pupa de uma espécie desse gênero. O estudo morfológico foi desenvolvido com base na análise de 23 exemplares montados em lâminas permanentes e incorporados à coleção de Diptera do Museu Nacional. Foram ilustrados os principais caracteres morfológicos utilizados no reconhecimento da nova espécie, com auxílio de câmara clara acoplada a microscópio óptico. Para a identificação do gênero, utilizou-se a chave Gagné (1994). A determinação de uma nova espécie ocorreu através da comparação com a descrição original da única espécie previamente descrita para o gênero. A nova espécie diferencia-se de *B. burserae* pela forma ovóide do flagelômero 12 na fêmea; hipoprocto profundamente bilobado e cercos estreitos no macho; espátula protorácica com projeções laterais próximas ao ápice e dentes apicais agudos em posição central e dois pares de papilas terminais na larva. Em contraposição, na espécie já descrita, o flagelômero 12 da fêmea é achatado (elíptico); o hipoprocto é quase reto, os cercos mais amplos; as papilas terminais em número de quatro pares; a espátula não apresenta projeções laterais e os dentes apicais estão em posição menos centralizada. A pupa caracteriza-se pela ausência de chifres antenais; cerdas cefálicas presentes e bem evidentes; três pares de papilas laterais (um nu e dois com cerda), e dois pares de papilas faciais inferiores (um nu e um com cerda); margem superior da face espessada lateralmente; ausência de espinhos frontais; espiráculo protorácico alongado e em forma de cerda e tergitos abdominais 2-8 com espinhos dorsais bem desenvolvidos. Trata-se do primeiro registro desse gênero no Brasil e da primeira descrição de uma pupa deste mesmo gênero. Referências: Gagné, R.J. 1994. The gall midges of the Neotropical Region. Cornell University Press. XV + 352 pp. Gagné, R.J. 2004. A Catalogo of the Cecidomyiidae (Diptera) of the world. *Memoirs of the Entomological Society of Washington* 25: 408 pp. Möhn, E. 1960. Gallmücken (Diptera, Itonididae) aus El Salvador. 2. Teil. *Seckenbergiana Biologica* 41: 197-240.

Código: 255 - Descrição da Fêmea de *Aguatala compsa* (Insecta: Hemiptera: Cicadellidae: Cicadellini)

LUIZ GABRIEL NOGUEIRA RODRIGUES (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI

Aguatala Young, 1977, pertencente ao grupo de gêneros *Erythrogonia*, é composto por uma única espécie, *A. compsa* Young, 1977. A descrição original dessa espécie baseou-se apenas no holótipo e em um parátipo, ambos machos. No presente trabalho, a partir do exame de material coletado na Colômbia, associou-se uma fêmea ao macho de *A. compsa*. Este estudo estabelece o primeiro registro na Colômbia do gênero, que antes possuía somente um registro duvidoso para a Venezuela. A identificação do material (um macho e uma fêmea, depositados no Museu Nacional) foi feita a partir de caracteres da genitália masculina, que foi preparada, em banho-maria, em uma solução de KOH a 10%. A genitália feminina também foi preparada em KOH a 10%, porém sem aquecimento. *Aguatala* pode ser reconhecido pela seguinte combinação de características: (1) cabeça deltóide e bem pronunciada anteriormente; (2) clipeo com o contorno da sua porção inferior mais horizontal em relação ao perfil da frente; (3) pronoto estendendo-se lateralmente muito além da largura transocular da cabeça; (4) margens laterais do pronoto convergindo fortemente anteriormente; (5) pigóforo masculino com macrocerdas dispostas na metade posterior do disco; (6) edeago com um par de processos dorsoapicais; (7) paráfise com a haste curta e ramos alongados e estreitos. Apesar do tamanho dos espécimes analisados (macho 11,9 mm, fêmea 11,6 mm) ser maior do que aquele do holótipo (8,4 mm), as características da genitália masculina são perfeitamente congruentes com a descrição e ilustrações do último. Com base no padrão de cor, a fêmea aqui descrita foi associada ao macho. A genitália feminina foi estudada com o objetivo de detectar caracteres relevantes para a identificação do gênero. Duas peculiaridades, que podem ser adicionadas à combinação de caracteres (acima) que permite o reconhecimento de *Aguatala*, foram observadas na genitália feminina de *A. compsa*: (1) par de processos digitiformes na porção basal das válvulas I do ovipositor e (2) um esclerito distinto na porção superior dos valvíferos I. Portanto, a diagnose de *Aguatala* passa agora a incluir também caracteres das fêmeas. Dentre os 27 gêneros do grupo *Erythrogonia*, *Aguatala* foi considerado mais próximo de *Erythrogonia* Melichar, *Inuyana* Young e *Tettisama* Young. Dentre os três últimos, a genitália feminina de uma espécie de *Tettisama* foi descrita de maneira mais detalhada [T. *quinquemaculata* (Germar)]. No presente estudo, foram feitas comparações entre as fêmeas de *Aguatala* e *Tettisama*, incluindo-se também informações sobre *Erythrogonia* e *Inuyana*. Na família Cicadellidae, a morfologia genital feminina ainda é muito pouco conhecida em comparação com a masculina. Os resultados aqui obtidos corroboram a percepção de que análises detalhadas da genitália feminina podem fornecer subsídios relevantes para estudos taxonômicos e filogenéticos sobre os Cicadellidae.

**Código: 286 - Um Novo Gênero e Espécie de *Lasiopteridi* (Cecidomyiidae, Diptera)
Indutora de Galhas em *Psychotria carthagenensis* (Rubiaceae)**

MARCELO ANTÔNIO BOGGI (CNPq/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: VALÉRIA CID MAIA

Os *Lasiopteridi*, amplamente distribuídos pelo mundo, englobam na região neotropical 118 gêneros, 97 dos quais incluídos em tribos e 21 não posicionados nessa categoria taxonômica (Gagné, 2004). Em Bertioga (SP), foi encontrada uma nova espécie de *Lasiopteridi* indutora de galhas em *Psychotria carthagenensis* (Rubiaceae) pertencente a um gênero novo que não se enquadra em nenhuma das tribos conhecidas. Os objetivos deste trabalho são caracterizar os novos gênero e espécie. O estudo morfológico foi desenvolvido com base na análise de 31 exemplares montados em lâminas permanentes de microscopia, pertencentes à coleção de Cecidomyiidae (Diptera) do Museu Nacional. Foram ilustrados os principais caracteres morfológicos utilizados no reconhecimento do gênero e da espécie, com auxílio de microscópio óptico acoplado à câmara clara. O gênero foi considerado novo em função de não se enquadrar na chave genérica de Gagné, 1994, nem na diagnose dos gêneros descritos. Dos 21 gêneros de *Lasiopteridi* não incluídos em tribo, o gênero novo assemelha-se mais a *Pernettyella* Kieffer & Herbst, 1909 e *Riveraella* Kieffer & Herbst, 1909 por apresentar garras tarsais denteadas, palpo com quatro segmentos, ovipositor protrátil e cercos femininos fusionados. Distingue-se dos mesmos pela R5 mais curta que a asa (em *Pernettyella* e *Riveraella*, tão longa quanto); antena com 16-21 flagelômeros (em *Pernettyella* 20; em *Riveraella* 15); larva com espátula tridenteada (em *Pernettyella*: ausente; em *Riveraella*: bidenteada); pupa com espinhos dorsais nos segmentos abdominais 2 a 8 (ausentes nos outros dois gêneros) (Kieffer & Herbst, 1909). O gênero novo diferencia-se de *Pernettyella* por possuir chifres antenais e dente no gonóstilo, ambas estruturas ausentes neste gênero. A espécie nova caracteriza-se por apresentar tergito 8 sem cerdas ou escamas e com duas sensilas tricóides em ambos os sexos; gonóstilos curtos; lobos cercais com margem apical arredondada; hipoprocto simples, mais longo que o cerco; parâmeros mais longos que o hipoprocto e edeago triangular, afinando gradativamente para o ápice (macho); ovipositor protrátil com 1.1-1.55mm de comprimento; cercos com 0.1mm de comprimento, fusionados, ovóides e com cerdas (fêmea); dois pares de papilas faciais inferiores (papilas faciais laterais ausentes), espiráculo digitiforme e curto com 0.05-0.1mm de comprimento (pupa); espátula com dente mesal mais curto que os laterais, quatro papilas laterais de cada lado da espátula e seis papilas terminais similares entre si (larva). Referências: Gagné, R.J. 1994. The gall midges of the Neotropical Region. Cornell University Press. 352 pp. Gagné, R.J. 2004. A Catalog of the Cecidomyiidae (Diptera) of the world. Mem. Entomol. Soc. Wash. 25: 408 pp. Kieffer, J.J. & Herbst, P. 1909. Ueber einige neue Gallen und Gallenerzeuger aus Chile. Centr. Bakteriolog., Parasitol. (2) 23: 119-126.

Código: 322 - Coenosia Meigen, 1826 (Diptera, Muscidae) da África do Sul

PEDRO VITOR SAINT-CLAIR DE FREITAS (CNPq-IC Balcão)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MARCIA SOUTO COURI

O presente trabalho se baseia em material enviado pelo Museum Albany (África do Sul) para estudo e identificação, totalizando 156 exemplares de dípteros Muscomorpha. A partir de uma análise inicial, foram identificadas três famílias de Diptera, sendo Muscidae a mais numerosa, com 153 exemplares, seguida de Tachinidae, Calliphoridae e Sarcophagidae com apenas um exemplar cada. Foram identificados 17 gêneros de Muscidae, sendo Coenosia Meigen o mais abundante, com 56 exemplares. Este gênero inclui dípteros de pequeno tamanho, delicados, geralmente de coloração cinza. Os adultos são predadores, enquanto as larvas são carnívoras. O objetivo deste trabalho é o estudo e identificação destes exemplares, descrição das novas espécies e elaboração de uma chave de identificação para as espécies de Coenosia da África do Sul. Após o estudo dos caracteres taxonômicos utilizados para a caracterização das espécies, tais como relação do comprimento do pós-pedicelo com o pedicelo, listras na região dorsal do tórax, padrão cromático das pernas, em especial com relação a ausência ou a presença de estrias castanhas nos fêmures e nas tíbias e padrão de manchas abdominais nos tergitos, foram segregadas 6 morfoespécies. Das 20 espécies de Coenosia previamente assinaladas para a África do Sul, oito apresentam padrão cromático das pernas semelhantes ao do material em estudo. Para estas oito espécies (*C. flavivibrissata* (Stein), *C. exilis* (Pont), *C. xenia* (Malloch) e *C. munroi* (Curran), exclusivas da África do Sul e *C. vittata* (Wiedemann), *C. punctigera* (Stein), *C. cuthbertsoni* (Curran) e *C. simulans* (Paterson) também assinaladas para outros países da África Meridional), foi elaborada uma chave, com a finalidade de identificar as morfoespécies. No material em estudo já foram identificadas as espécies *C. vittata* e *C. cuthbertsoni*, porém as outras seis estão sendo investigadas como novas. A terminália masculina, conhecida fonte de informação para a caracterização das espécies será dissecada para a confirmação das identificações. As espécies novas serão descritas e incluídas na chave de identificação.

Código: 357 - Uma Nova Espécie de Egidemia da Colômbia (Insecta: Hemiptera: Cicadellidae)

CLÁUDIA REGINA LIRA GARCIA (FAPERJ)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI

Cigarrinhas da subfamília Cicadellinae se alimentam no xilema de suas plantas hospedeiras e podem ser vetores de bactérias patogênicas que vivem nesses vasos de condução de água e sais minerais, por essa razão pode-se afirmar sua importância econômica para a agricultura. O gênero neotropical Egidemia China, 1927 (tribo Proconiini) possui nove espécies e se distribui do México até o Peru, Brasil e Argentina. Esse gênero pode ser distinguido dos demais Proconiini pela seguinte combinação de características: (1) corpo longo e delgado; (2) fronte com a porção dorsomediana de textura granulosa; (3) mero da perna posterior exposto quando as asas anteriores estão em posição de repouso; (4) metepímero com projeção; (5) asas anteriores hialinas e (6) com as veias clavais fusionadas por grande parte do seu comprimento. Durante o estudo de material emprestado pelo Dr. Paul Freytag (Universidade de Kentucky, Lexington, EUA), foi descoberta uma nova espécie de Egidemia proveniente do Parque Nacional Tayrona, Departamento de Magdalena, Colômbia. Os dois exemplares disponíveis da nova espécie (machos) tiveram a genitália dissecada e preparada em KOH a 10% para o estudo de suas estruturas. As partes externas do corpo (cabeça, tórax e asas anteriores) e as estruturas genitais foram descritas e ilustradas. A nova espécie pode ser facilmente diagnosticada pelas seguintes características: (1) pigóforo curto, não recobrindo grande parte do edeago (pênis), com par de longos processos apicoventrais que são voltados para dentro e se cruzam na linha mediana; (2) placas subgenitais estendendo-se posteriormente além do pigóforo, com as margens internas distintamente afastadas uma da outra por grande parte do seu comprimento, adjacentes apenas na base; (3) edeago bem desenvolvido, achatado lateralmente, sem processos, com lobo apical distinto. A forma peculiar das placas subgenitais, o grande desenvolvimento do edeago e o padrão de coloração das asas anteriores são características que a nova espécie compartilha com *E. inflata* Young, 1968 (México e Belize). Este é o primeiro registro do gênero Egidemia na Colômbia.

Código: 779 - Variação nas Contagens de Escamas de *Prochilodus nigricans* nas Bacias do Xingu e Tapajós (*Prochilodontidae, Characiformes, Teleostei*)

LUCAS GABRIEL POERNER SORRENTINO (Sem Bolsa)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: PAULO ANDREAS BUCKUP

O gênero *Prochilodus* inclui 13 espécies de peixes comercialmente importantes. *P. nigricans* diferencia-se de *P. rubrotaeniatus* com base no número de séries horizontais de escamas em torno do pedúnculo caudal e entre a origem da nadadeira pélvica e a linha lateral, porém a literatura registra sobreposição nos valores destas contagens. Neste trabalho estudou-se a variação nas características merísticas de exemplares de *P. nigricans* provenientes das bacias dos rios Xingu e Tapajós, onde a espécie ainda é pouco conhecida. O material estudado encontra-se depositado na Coleção Ictiológica do

Museu Nacional, totalizando 103 exemplares coletados nas bacias do Xingu e Tapajós entre 24/09 e 13/10/2008. A identificação taxonômica do material foi realizada através da chave de identificação de Castro & Vari (2004). As contagens de escamas foram realizadas com o auxílio de estereomicroscópio. Para testar a significância da relação entre o número de séries de escamas com a origem geográfica, utilizou-se o teste de Chi-quadrado. No material estudado, o número de séries de escamas em torno do pedúnculo caudal variou de 17 a 19. Nos exemplares da bacia do Xingu a média dessa contagem é 18,0 e a moda é 18 séries. Na bacia do Tapajós a média é 17,8 e moda é 18 séries. O valor de X^2 é inferior ao do nível de probabilidade de 95%, indicando inexistência de correlação significativa entre as contagens a origem geográfica. O número de escamas entre a origem da nadadeira pélvica e a linha lateral variou entre 7 e 9, porém não foram encontrados exemplares com 9 séries no Tapajós. Na bacia do Xingu a média é 7,9 e a moda é 8, enquanto na bacia do Tapajós a média é 7,4 e a moda é 7 séries. O valor do X^2 é elevado ($P > 99\%$), indicando que a correlação com a bacia seja significativa. No Xingu há mais exemplares com 8 séries, enquanto no Tapajós são mais comuns exemplares com 7 séries. Os dados obtidos divergem daqueles informados na literatura. Segundo Castro & Vari (2004) o número de séries de escamas no pedúnculo caudal mais freqüente é 19, porém o no material estudado é 18. Ainda de acordo com aqueles autores, o número mais comum de escamas entre a linha lateral e a nadadeira pélvica seria de 8, porém na bacia do Tapajós observou-se a prevalência de 7 séries. Estes resultados demonstram diferenças significativas entre populações de *P. nigricans* das bacias do Xingu e Tapajós, assim como entre estas e as demais populações amazônicas. Estas diferenças revelam a existência de diversidade genética espacialmente estruturada. Medidas destinadas à conservação deste importante recurso pesqueiro devem levar em conta a diferenciação da espécie em diferentes estoques populacionais. Apoio: CNPq (Coord. P.A.Buckup; Coord. Z.Castilhos).

**Código: 837 - Taxonomia do Gênero *Sceptrella* (Porifera: Demospongiae)
do Arquipélago das Cagarras e Adjacências, Rio de Janeiro, RJ**

CAROLINE CORDONIS BORGES DA SILVA (Sem Bolsa)
Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: GUILHERME RAMOS DA SILVA MURICY

O objetivo geral deste estudo é ampliar o conhecimento taxonômico de Porífera do Arquipélago das Cagarras e adjacências e tem como objetivos específicos descrever e identificar espécimes do gênero *Sceptrella* do Arquipélago, fazer uma chave taxonômica das espécies válidas e discutir a validade e a composição do gênero. Em agosto e setembro de 2009 foram feitas observações subaquáticas e as coletas de material biológico foram realizadas através de mergulho autônomo na Ilha Rasa, (entre 15 e 25 m de profundidade), adjacente ao Arquipélago das Cagarras, no município do Rio de Janeiro. As esponjas foram fixadas diretamente em álcool a 70%. Todo o material foi etiquetado no campo, inserindo informações de cor, localidade, profundidade, data, associações ecológicas e coletor. Os espécimes foram fotografados in situ, entre 15 e 25 m de profundidade, utilizando-se câmera Nikonos V, lentes Nikkor 35 mm e 28 mm, filme positivo Provia 100 ASA. As fotografias foram digitalizadas em alta resolução utilizando um scanner Nikon Coolscan IV ED e tratadas no software Photoshop CS3. Estes exemplares foram tombados na Coleção de Porifera no Museu Nacional, sob os números: MNRJ 6743, MNRJ 6744, MNRJ 6745, MNRJ 13621, MNRJ 13622. Foram confeccionadas lâminas de espículas e de esqueleto de alguns exemplares para a observação da anatomia interna e micrometrias, assim como a observação de um exemplar em Microscopia Eletrônica de Varredura (MEV). Para confecção das lâminas de espículas, pequenos fragmentos da esponja foram colocados em uma lâmina de vidro, banhados com algumas gotas de ácido nítrico e aquecidos em uma lâmpada para consumir todo o tecido da esponja, restando apenas espículas silicosas. As lâminas foram seladas com Entellan e lamínula. Para confecção das lâminas do esqueleto, pequenos fragmentos foram desidratados e incluídos em parafina, e posteriormente cortados transversalmente e tangencialmente, a mão livre. Quando secas, as lâminas foram observadas em microscópio óptico. As identificações preliminares foram feitas através da observação das espículas, da organização do esqueleto e de características da morfologia externa, e comparadas à literatura (e.g., Hooper & Van Soest, 2002). Os cinco exemplares de esponjas coletados na Ilha Rasa, (entre 15 e 25 m de profundidade), apresentam características morfológicas e anatômicas dos gêneros *Latrunculia* e *Sceptrella*. Os exemplares já examinados possuem forma externa semi-esférica, crivos superficiais e cor verde-amarronzada, características de *Latrunculia*. Ao mesmo tempo, possuem microscleras tipo isoconicodiscorabdos, característica diagnóstica de *Sceptrella*. Isso indica a necessidade de um estudo aprofundado destes espécimes para permitir a identificação taxonômica segura.

**Código: 977 - Variabilidade Morfológica Carpal
em Marsupiais Brasileiros (*Didelphimorpha*, *Didelphidae*)**

ANA PAULA AZEREDO NUNES VILA (Sem Bolsa)
Área Básica: ZOOLOGIA APLICADA

Orientação: JOÃO ALVES DE OLIVEIRA

Das 388 espécies conhecidas de marsupiais no mundo, cerca de 150 ocorrem desde a América do Norte até Argentina, 55 das quais no Brasil. Os marsupiais brasileiros ocupam uma grande diversidade de habitats, apresentando formas terrestres, escaladoras, arborícolas e semi-aquáticas. Tal ocupação é fruto de variadas adaptações que se refletem em diferentes morfologias no esqueleto. Os membros anteriores e posteriores são áreas de extrema variabilidade por apresen-

tarem contato direto como meio. Dessa forma, essas regiões do esqueleto têm maior propensão de sofrer transformações adaptativas nas suas estruturas. Pesquisas em anatomia funcional carpal em marsupiais são restritas a curtas notas e poucas espécies (Szaley, 1994; Flores, 2009). Informação da anatomia funcional carpal dos mamíferos terrestres é rara e a maioria é restrita às espécies digitígradas. Nesse contexto, estudos de variação carpal referentes aos ossículos piramidal, trapezóide, trapézio, semilunar, carpitato, hamato, pisiforme, escafóide e prepólex são particularmente interessantes por possibilitar uma visão detalhada da morfologia dessas estruturas gerando uma base de dados para a identificação do padrão de variabilidade desses caracteres. Os objetivos desse estudo são identificar os limites de variação dessas estruturas e sua distribuição nos marsupiais brasileiros e relacionar a ocorrência dessas estruturas com os hábitos e habitats ocupados pelas espécies estudadas. Estão sendo analisadas séries de esqueletos de marsupiais brasileiros depositadas na coleção de mamíferos do Museu Nacional/UFRJ. Cada estrutura carpal de cada espécie analisada vêm sendo identificadas, medidas e ilustradas em indivíduos de diferentes idades e sexos, na tentativa de identificar padrões de variação nessas estruturas. Até o momento foram analisados cinco gêneros de marsupiais brasileiros *Chironectes minimus*, *Caluromys philander*, *Didelphis aurita*, *Metachirus nudicaudatus*, *Philander frenata*. Para todos os gêneros observou-se variabilidade em relação ao tamanho e formato do pisiforme e também à presença ou ausência dos ossos sesamóide e falciforme. As análises prosseguem com o acréscimo de exemplares estudados para cada gênero e espécie e com a investigação de componentes intraespecíficos (dimorfismo sexual e variação etária) nas maiores amostras disponíveis. A partir da variabilidade documentada nas formas estudadas até o momento é possível concluir que a morfologia carpal de didelphídeos pode ser fonte de informação qualitativa a ser utilizada em análises filogenéticas e no estudo das adaptações aos diferentes tipos de habitat utilizados pelos marsupiais. Szaley, F. S. 1994. Evolutionary history of the marsupials and an analysis of osteological characters. Cambridge University Press, Cambridge, 481pp. Flores, D.A. 2009. Phylogenetic analyses of postcranial skeletal morphology in didelphid marsupials. Bulletin of the American Museum of Natural History, 320: 1-81.

Código: 1940 - A Coleção de Vertebrados de Jorge Jim Adquirida pelo Museu Nacional

MARIA CLARA COSTA DOS SANTOS (IC-Junior)

JOÃO PEDRO DIAS (Sem Bolsa)

JULIANY SÁ DE CARVALHO (Sem Bolsa)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MARCELO RIBEIRO DE BRITTO

A coleção ictiológica do Museu Nacional é a mais antiga e uma das maiores do Brasil, com exemplares datados desde a segunda metade do século XIX. Seu acervo conta com cerca de 36.000 lotes e mais de 1.000.000 de exemplares que abrangem aproximadamente 2.300 espécies de peixes de todo o mundo. No ano de 2009, o Museu Nacional recebeu exemplares adquiridos pelo setor de Herpetologia, através da coleção de vertebrados do Professor Jorge Jim, acervo particular até então sob a guarda da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus Botucatu, onde o docente atua. Os lotes de peixes foram repassados para o setor de Ictiologia, onde já se começou o processo de incorporação à coleção. O material da coleção Jorge Jim data, aproximadamente, da década de 1980 e contém mais de 300 lotes onde 130 já foram incorporadas ao acervo. O conjunto de 130 lotes abrange mais de 790 exemplares, com diversos táxons representados, entre os quais uma grande quantidade de espécies do gênero *Astyanax*, que compõe 13,6% do material já identificado. Dentre os lotes já triados, observa-se uma grande maioria de peixes de água doce originários de São Paulo, da Represa da Antiga Adutora do município de Botucatu, de onde vários exemplares do gênero *Rhamdia* foram coletados. A aquisição da coleção Jorge Jim aumentou a representatividade do acervo de ictiologia do Museu Nacional.

Código: 1944 - Caracterização das Espécies de *Corydoras lacépède* 1803, da Ecorregião Xingu-Tapajós

ANNA CLÁUDIA CARMO DA SILVA COUTO (Sem Bolsa)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: MARCELO RIBEIRO DE BRITTO

A Ecorregião Aquática Xingu-Tapajós é uma das cinco Ecorregiões Aquáticas consideradas prioritárias para a pesquisa no Brasil pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Essa Ecorregião inclui as bacias hidrográficas dos rios Xingu e Tapajós a montante das localidades de Senador José Porfírio e Itaituba, respectivamente. O Delimitamento da Ecorregião Aquática Xingu-Tapajós conta com a participação de um grupo de dez instituições, liderado pelo Centro de Tecnologia Mineral (CETEM). A equipe do Setor de Ictiologia do Museu Nacional coordenou uma grande expedição (AquaRios) para a coleta da ictiofauna dos tributários dos trechos médio e baixo dos rios Tapajós e Xingu entre os dias 23 de setembro a 15 de outubro de 2008. A família Callichthyidae é um dos grupos mais diversificados da ordem Siluriformes, reconhecida por apresentar duas séries de placas ósseas ao longo do corpo, característica que os torna muito distintos de todos os outros bagres. A subfamília Corydoradinae compreende cerca de 90% dos representantes de Callichthyidae. O gênero mais diversificado da subfamília é *Corydoras*, que atualmente inclui mais de 150 espécies com larga distribuição na América do Sul. Nas bacias dos rios Xingu e Tapajós, atualmente existem três espécies descritas: *Corydoras bifaciatatus* Nijssen, *C. ornatus* Nijssen &

Isbrücker e C. xinguensis Nijssen. Com base no material coletado pela expedição AquaRios, foram identificadas mais seis espécies de Corydoras na Ecorregião: Corydoras aff. albolineatus, Corydoras aff. julii, Corydoras splendens, Corydoras aff. acutus, Corydoras aff. aeneus, Corydoras aff. cervinus. As novas ocorrências são descritas com base em dados morfológicos, merísticos, osteológicos e de coloração. O presente resultado indica que a Ecorregião Xingu-Tapajós apresenta uma diversidade maior do que atualmente conhecida.

Código: 2419 - Preparação de Material para Catalogação na Coleção Ictiológica do Museu Nacional

RAFAEL LIRA TEIXEIRA SANTOS (FAPERJ)
MARIA CAROLINA ARAÚJO DE SOUZA (Sem Bolsa)
WAGNER PATRÍCIO PEREIRA DO NASCIMENTO (Sem Bolsa)
Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: PAULO ANDREAS BUCKUP

A Coleção da Ictiológica do Museu Nacional abriga um dos maiores acervos de amostras de peixes da América Latina. O acervo está em constante crescimento através de doações de material coletado em diversas regiões do Brasil. Para que este material recebido, que inclui peixes ósseos (Actinopterygi) e cartilagosos (Chondrichthyes), possa ser adequadamente catalogado, é necessária a sua organização. Este trabalho visa descrever o sistema de preparação e organização do material ictiológico recebido pelo Setor de Ictiologia do Museu Nacional. Neste processo, o primeiro passo consiste em protocolar cada conjunto de amostras recebidas através de um código no formato MNRJ REGAAAAMMDD, baseado no ano (AAAA), mês(MM) e dia (DD). Em seguida o material recebido é confrontado com as guias de remessa do material, conferindo-se informações tais como dos dados de localidade, data de coleta, coletores, nomes das espécies, quantidade de exemplares e sua localização nas bombonas. Na próxima etapa o material é triado e separado em lotes constituídos de conjuntos de exemplares de uma mesma espécie e evento de coleta. Cada lote recebe um número sequencial único e é colocado separadamente num pote padronizado com álcool etílico a 70%. Rótulos com o código de protocolo e a numeração sequencial são associados em cada lote de forma a permitir sua identificação, localização e organização física. Eventuais discrepâncias em relação aos dados das guias de remessa são corrigidos neste momento. Como resultado deste processo o material recebido está sendo organizado de forma eficiente, mesmo quando as amostras incluem milhares de lotes. O material assim organizado pode, então ser encaminhado para a identificação taxonômica e catalogação definitiva na Coleção Ictiológica, assegurando-se que as informações dispersas entre os vários lotes e listas seja adequadamente incorporada à base de dados. Apoio financeiro: CNPq (Proc. 308535/2009-0, 503572/2008-0, 478804/2008-3).

Código: 2563 - Organização da Coleção Ictiológica de Tecidos do Museu Nacional

ISABELA PESSÔA BARBIERI BASTOS (FAPERJ)
ANDRÉ LUIZ LOPES SAMPAIO (Sem Bolsa)
RICARDO AUIP WOLTER JUNIOR (Sem Bolsa)
Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: PAULO ANDREAS BUCKUP

A Coleção Ictiológica do Museu Nacional conta com 37 mil lotes organizados sistematicamente, correspondendo a cerca de 500.000 exemplares representativos da fauna de peixes de todas as principais bacias hidrográficas do Brasil. A coleção serve de base para diversos estudos e pesquisas sobre a ictiofauna marinha e de água doce. Atualmente, um dos métodos de pesquisa de grande importância no estudo das relações filogenéticas entre as espécies de peixes é a análise de DNA. O objetivo deste trabalho é implantar um sistema de organização da coleção dos tecidos de peixes do Museu Nacional. Para isto, estabelecemos um procedimento de organização dos tecidos no congelador associado a um banco de dados, que contém as informações necessárias para o acesso aos tecidos. Na preparação do material a ser congelado retira-se, com o uso de lâminas estéreis, uma amostra de tecido dos exemplares fixados no campo em etanol anidro. O tamanho das amostras removidas é compatível com seu armazenamento em etanol anidro em tubos Eppendorff de 1,5 ml, podendo corresponder a fragmentos de nadadeiras, filé ou arcos branquiais. No caso de exemplares muito pequenos é possível preservar os exemplares inteiros. A identificação das amostras é feita a partir de uma numeração sequencial correspondente ao exemplar de origem. Um rótulo em papel vegetal com este número registrado com caneta indelével é inserido em cada tubo de tecido, assim como na cavidade opercular do exemplar de origem. Os tubos com as amostras são organizados em caixas e encaminhados para o congelador. Paralelamente ao processamento físico do material os dados correspondentes são registrados numa base de dados. A informações registradas incluem o número do exemplar, o tipo de amostra, a sua localização, sua identificação taxonômica, sua procedência geográfica, e o número de catálogo do lote de origem do exemplar. Como resultado da implantação desta metodologia, já foram registradas 3.300 amostras de tecido, os quais estão sendo processados com vistas a sua organização no congelador vertical da Coleção Ictiológica de Tecidos do Museu Nacional. A implantação deste sistema está permitindo um fácil acesso às amostras de tecido para os estudos moleculares baseados em extração e sequenciamento de DNA. O acesso ao banco de dados permite a obtenção eficiente das informações necessárias para a localização do material. Apoio financeiro: CNPq (Proc. 308535/2009-0, 503572/2008-0, 478804/2008-3).

Código: 3506 - Dezesesseis Novas Espécies do Gênero *Turbonilla* (Gastropoda: Pyramidellidae) de Mar Profundo da Cadeia de Montes Submarinos Vitória-Trindade, Sudeste do Brasil

RACHEL TURBA DE PAULA (UFRJ/PIBIC)

Área Básica: TAXONOMIA DOS GRUPOS RECENTES

Orientação: ALEXANDRE DIAS PIMENTA

RICARDO SILVA ABSALAO

O gênero *Turbonilla* constitui um dos grupos de gastrópodes marinhos mais diversificados, com inúmeras espécies descritas, e distribuído por todos os oceanos do mundo, desde regiões entre marés até grandes profundidades. Apesar disso, até 1999, apenas 20 espécies estavam reportadas para o litoral do Brasil (Pimenta, 1999). Na última década, o estudo taxonômico de *Turbonilla* se intensificou bastante, o que aumentou consideravelmente o número de espécies conhecidas para o país (Pimenta 1999; Pimenta & Absalão 2001, 2002, 2004; Absalão et al. 2003). Ao total, foram descritas 22 novas espécies e estabelecidos o primeiro registro de diversas espécies originalmente descritas para outras localidades do Atlântico oeste, como Caribe, Estados Unidos e Argentina. O resultado dessa série de trabalhos elevou o número de espécies de *Turbonilla* conhecidas para o Brasil para 50, número que, ainda assim, pode ser considerado subestimado em contraste com as cerca de 150 espécies conhecidas para o Atlântico oeste. Além disso, a grande maioria dos estudos no Brasil se restringiu às espécies da plataforma continental e grande parte dos registros se limita a profundidades de até 50 metros, com apenas quatro espécies ocorrendo em profundidades abaixo de 700 metros. Em 1987, o navio de pesquisa francês Marion-Dufresne desenvolveu uma série de operações em mar profundo ao longo da cadeia de montes submarinos de Vitória-Trindade, no sudeste do Brasil (ca. 20° S), desde águas rasas até cerca de 1.500 metros (Tavares 1999). O material de mar profundo resultante dessa expedição encontra-se depositado no Muséum National d'Histoire Naturelle, Paris (MNHN), sendo que os lotes da família Pyramidellidae foram enviados para este estudo. Os espécimes pertencentes ao gênero *Turbonilla* foram separados em morfotipos e posteriormente determinados através de comparações conchiliológicas com descrições originais e subsequentes e por comparação direta com tipos de espécies de *Turbonilla* do Atlântico oeste. A morfologia das conchas foi estudada com auxílio de microscópio eletrônico de varredura, a fim de obter informações mais detalhadas sobre microescultura da concha. Foram reconhecidas 35 espécies de *Turbonilla*, das quais 16, com distribuição batimétrica entre 245 e 3.450 metros, correspondem a táxons não descritos. Como para moluscos de mar profundo do Brasil, de modo geral, a fauna de *Turbonilla* ainda é muito pouco estudada, com uma diversidade ainda pouco conhecida. Com o estudo do gênero *Turbonilla* de mar profundo aqui realizado, proveniente de uma expedição apenas, e em uma área relativamente restrita, a riqueza de espécies nesse gênero no Brasil aumentou em 32%, e o número de espécies de profundidade abaixo de 200 metros aumentou de apenas quatro para 20.

Código: 788 - *Cerradomys* (Rodentia, Cricetidae, Sigmodontinae) do Serviço Nacional de Peste

ALDO CACCAVO DE ARAÚJO (Sem Bolsa)

Área Básica: ZOOLOGIA APLICADA

Orientação: JOÃO ALVES DE OLIVEIRA

A taxonomia de roedores muróides tem sido recentemente impactada pelo advento das análises moleculares, particularmente no reconhecimento de uma maior diversidade em diferentes níveis taxonômicos. Um dos exemplos mais notáveis é o desmembramento do gênero *Oryzomys* em 11 gêneros, sendo dez novos, incluindo *Cerradomys*, com seis espécies. As espécies de *Cerradomys*, por sua vez, foram descritas recentemente, distintas principalmente pela variação cariotípica, sendo algumas de difícil diagnose morfológica. O Museu Nacional possui a maior coleção de amostras referentes ao gênero *Cerradomys*, com alguns milhares de espécimes coletados no nordeste do Brasil, na década de 1950, na quase totalidade oriundos do Serviço Nacional de Peste. A correta identificação desses espécimes permitirá revelar novas informações sobre distribuição e ocorrência das espécies de *Cerradomys* no nordeste do Brasil, bem como evidenciar aspectos importantes de sua biologia, tais como o período reprodutivo e a estrutura etária das populações representadas. Esse estudo tem como objetivo organizar o material relativo ao gênero *Cerradomys*, e identificar as espécies representadas nessa coleção através do estudo de revisões recentes e do exame de tipos, que também se encontram depositados no Museu Nacional. O material, que compreende esqueletos (crânios principalmente) e peles, vem sendo identificado com base nos caracteres cranianos e de pelagem diagnosticados por Langguth & Bonvicino (2002) e por Percequillo et al (2008). As frequências dos diferentes estados desses caracteres serão analisadas através de diagramas de barras de amostras separadas pela procedência geográfica, por idade, e por sexo. A idade relativa dos espécimes vem sendo avaliada pelo desgaste molar, segundo Brandt & Pessôa, (1994) e Camardella et al. (1998). Bibliografia: Brandt, R.S. & L. M. Pessôa. 1994. Intrapopulational variability in cranial characters of *Oryzomys subflavus* (Wagner, 1842) (Rodentia: Cricetidae), in northeastern Brazil. *Zoologischer Anzeiger*, 233:45-55. Camardella, A. R., L.M. Pessôa & J.A. Oliveira. 1998. Sexual dimorphism and age variability in cranial characters of *Oryzomys subflavus* (Wagner, 1842) (Rodentia: Sigmodontinae) from northeastern Brazil. *Bonner Zoologischer Beitrage*, 48: 9-18. Langguth, A. & C. R. Bonvicino. 2002. The *Oryzomys subflavus* species group, with description of two new species (Rodentia, Muridae, Sigmodontinae). *Arquivos do Museu Nacional*, 60: 285-294. Percequillo, A.R., E. Hingst-Zaher, & C.R. Bonvicino. 2008. Systematic review of genus *Cerradomys* Weksler, Percequillo and Voss, 2006 (Rodentia: Cricetidae: Sigmodontinae: *Oryzomyini*), with description of two new species from Eastern Brazil. *American Museum Novitates*, 3622: 1-46.

**Código: 1105 - Estudo da Bionomia de *Wiedomys pyrrhorhinos* (Rodentia, Muridae)
no Nordeste do Brasil a Partir das Amostras do Serviço Nacional de Peste**

GISELA BARBOSA SOBRAL DE OLIVEIRA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: ZOOLOGIA APLICADA

Orientação: JOÃO ALVES DE OLIVEIRA

Wiedomys pyrrhorhinos Wied, 1821 é um roedor endêmico da Caatinga (Oliveira et al., 2005), de hábito semi-arborícola, cauda quase duas vezes maior que o corpo, dorso acinzentado, ventre branco e notáveis áreas avermelhadas no focinho, orelhas, dorso posterior e cauda. Na coleção do Museu Nacional/UFRJ esta espécie está representada por uma série de aproximadamente 5000 exemplares (crânios e peles taxidermizadas) obtidos entre os anos de 1952 e 1955 pelo Serviço Nacional de Peste no nordeste do Brasil, metade dos quais no município de Caruaru, Pernambuco. A cada espécime corresponde uma ficha original, com dados sobre o sítio e data da coleta, medidas, peso, sexo e estado reprodutivo (Oliveira & Franco, 2005). O presente estudo tem como objetivo revelar aspectos bionômicos dessa espécie relativos à estrutura etária ao longo do ano e à reprodução através da análise das copiosas séries disponíveis. A metodologia inclui a análise das distribuições de frequência, ao longo dos meses, das informações registradas nas fichas e de uma estimativa da idade relativa inferida a partir do desgaste da dentição molar de cada crânio. Essas distribuições vêm sendo analisadas em comparações com as variáveis climatológicas registradas para o município em questão, no sentido de identificar seus possíveis determinantes ambientais (Cerqueira, 2005). O trabalho incluiu a incorporação de séries que ainda se encontravam nas embalagens originais de transporte, a identificação e separação dos exemplares dessa espécie, e a indexação etária de todos os indivíduos. Até o momento foram comparadas as capturas no município de Caruaru ao longo do ano de 1954, registrando-se um pico entre os meses de outubro e novembro, que corresponderam à estação seca na região. Essas informações podem auxiliar na compreensão da dinâmica das populações desses roedores, e de sua relevância na veiculação de agentes infecciosos na Caatinga. Bibliografia Cerqueira, R. 2005. Fatores ambientais e reprodução de marsupiais e roedores no leste do Brasil. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v. 63, n. 1, p29-39. Oliveira, J. A. & Franco, S. M. 2005. A Coleção de Mamíferos do Serviço Nacional de Peste no Museu Nacional, Rio de Janeiro, Brasil. Arquivos do Museu Nacional, Rio de Janeiro, v. 63, n. 1, p13-20. Oliveira, J. A., Gonçalves, P. R. & Bonvicino, C. R. 2005. Ecologia e Conservação da Caatinga. Mamíferos da Caatinga. Recife: Ed. Universitária da UFPE. Pp 275-336.

**Código: 323 - Descrição da Cavidade Nasal, Seios Paranasais e Seios Timpânicos em
Mariliasuchus amarali (Crocodyliformes, Notosuchia) do Neocretáceo Brasileiro**

FABIANO DE CASTRO MARIA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: PALEOZOOLOGIA

Orientação: SÉRGIO ALEX KUGLAND DE AZEVEDO
LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO
DEISE DIAS REGO HENRIQUES

Mariliasuchus amarali é um Crocodyliformes (Notosuchia) que viveu durante o Neocretáceo, sendo seus fósseis encontrados hoje em dia em estratos sedimentares da Formação Adamantina, próximos à cidade de Marília (São Paulo). O presente estudo consistiu em modelar tridimensionalmente e descrever a cavidade nasal, os seios paranasais e os seios timpânicos de *M. amarali* com base no exemplar MZSP-PV 51, pertencente a um indivíduo adulto, depositado na coleção do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. A modelagem das cavidades foi realizada através de imagens de tomografia computadorizada, analisadas e editadas em três planos anatômicos de corte: sagital, axial e coronal. Como resultado, pôde ser descrito os seguintes elementos: 1. Passagem de ar da cavidade nasal bem preservada, apresentando extensão ântero-posterior curta; 2. Região olfatória bem preservada posicionada acima da passagem de ar da cavidade nasal. 3. Seios anterorbitais em posição lateral em relação à cavidade nasal, se estendendo ventralmente em sua porção anterior em relação a passagem de ar; 4. Seios pós-vestibulares localizados anteriormente em relação aos seios anterorbitais. O seio pós-vestibular direito é bastante alongado ântero-posteriormente e dorso-ventralmente estreito. O seio esquerdo apresenta-se como uma cavidade quase esférica, com cerca de um terço da dimensão do seio equivalente direito; 5. Seios timpânicos bastante extensos abrangendo diversos ossos da região posterior do crânio. 6. Presença de cavidades no crânio apresentando formas esféricas muito regulares, sem simetria bilateral, localizadas nos ossos parietal, frontal, pós-orbital e nasal. A menor extensão da passagem de ar da cavidade nasal em *M. amarali* se deve ao encurtamento ântero-posterior do crânio observado nesta espécie. Os seios anterorbital e pós-vestibular apresentam posicionamento bastante similar ao observado em *Alligator mississippiensis*. Seios pré-frontais não foram visualizados em *M. amarali*. Chama a atenção a extensão dos seios timpânicos, que em crocodyliformes viventes são bem menos dispersos pela região posterior do crânio. As pequenas cavidades esféricas encontradas nos ossos parietal, frontal, pós-orbital e nasal não correspondem a nenhum seio ou cavidade descritos até o momento para outros arcossauros como *Alligator mississippiensis*, *Struthio camelu*, *Majungasaurus crenatissimu*, *Euoplocephalus tutus*, *Geosaurus aracanensis* e *Tyrannosaurus rex*. Uma possível explicação para essas cavidades seria a ação de necrófagos, sendo necessária uma avaliação posterior mais detalhada. Carvalho, I. S. & Bertini, R. J. 1999. *Mariliasuchus*: um novo Crocodylomorpha (Notosuchia) do Cretáceo da Bacia Bauru, Brasil. *Geologia Colombiana*, 24: 83-105. Witmer, L. M. & Ridgely, R. C. 2008. The Paranasal Air Sinuses of Predatory and Armored Dinosaurs (Archosauria: Theropoda and Ankylosauria) and Their Contribution to Cephalic Structure. *The Anatomical Record*, 291(11): 1362-1388.

**Código: 333 - Reconstrução Preliminar do Ouvido Interno de
Mariliasuchus amarali (Crocodyliformes, *Notosuchia*) do Neocretáceo do Brasil**

IGOR FERNANDES RODRIGUES (Sem Bolsa)
Área Básica: PALEOZOOLOGIA

Orientação: LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO
SÉRGIO ALEX KUGLAND DE AZEVEDO

Mariliasuchus amarali é um Crocodyliformes que viveu durante o Neocretáceo brasileiro. Foi encontrado em estratos sedimentares da Formação Adamantina, próximo à cidade de Marília (São Paulo, Brasil). Para um animal terrestre como *M. amarali* o sentido de equilíbrio é vital sendo resultado da ação conjunta de diversos órgãos, estruturas e aparelhos, como por exemplo, o ouvido interno. O objetivo desse estudo foi promover a reconstrução do ouvido interno de *M. amarali* para identificação do sistema vestibular e interpretação do mesmo usando para tal a análise de cortes tomográficos do crânio do exemplar MZSP-PV 50, obtidos através de tomografia tridimensional helicoidal, que foram editados e analisados gerando um modelo tridimensional virtual. O ouvido interno está aqui sendo descrito através de seus canais semicirculares e da lagena, visualizados no lado esquerdo do crânio, devido a seu melhor estado de preservação. Foi possível determinar os planos dos canais semicirculares e identificá-los em posterior, anterior e horizontal. O canal semicircular anterior apresenta-se mais alongado dorsalmente em relação ao posterior. O canal semicircular posterior apresenta-se mais curto dorsalmente do que o canal semicircular anterior. O canal semicircular horizontal apresenta sua extremidade anterior perceptível visualmente, porém a extremidade posterior confunde-se com a região onde se encontra o sacculus, a porção ventral do canal semicircular posterior e a ampola posterior, não permitindo o seu delineamento mais detalhado. A lagena é bastante alongada, com curvatura acentuada para a região posterior do crânio. Esses resultados foram comparados ao descrito na literatura para crocodyliformes atuais. *M. amarali* diverge dos crocodilos vivos com relação ao canal semicircular anterior, por apresentá-lo mais alongado dorsalmente. Um padrão semelhante de alongamento vertical do canal semicircular anterior é observado também em aves e dinossauros. Esta é a primeira vez que se descreve o ouvido interno de um crocodyliforme fóssil no Brasil, sendo relevante a descrição desta estrutura em outras espécies para que o conhecimento a cerca da morfologia, funcionalidade e sistemática do grupo, possam ser melhor elucidados. Alonso, P. D.; Milner, A. C.; Ketchan, A. C.; Cookson, M. J. & Rowe, T. B., 2004. The avian nature of the brain and inner ear of *Archaeopteryx*. *Nature Publishing*, v.430, p.666-669, 2004 Carvalho, I. S. & Bertini, R. J. 1999. *Mariliasuchus*: um novo Crocodylomorpha (*Notosuchia*) do Cretáceo da Bacia Bauru, Brasil. *Geologia Colombiana*, 24: 83-105.

Código: 432 - Evidências do Mais Antigo Plesiossauro (*Reptilia, Sauropterygia*) da Antártida

TIAGO RODRIGUES SIMÕES (Sem Bolsa)
Área Básica: PALEOZOOLOGIA

Orientação: ALEXANDER WILHELM ARMIN KELLNER
DOUGLAS RIFF GONÇALVES
ORLANDO NELSON GRILLO
PEDRO SEYFERTH RIBEIRO ROMANO
HÉLDER DE PAULA SILVA
TAÍSSA RODRIGUES MARQUES DA SILVA

Os plesiossauros formavam um grupo de répteis marinhos da Era Mesozóica que atingiram ampla distribuição global ao final do Período Cretáceo. No Hemisfério Sul, a presença deste grupo foi registrada em todos os continentes, incluindo a Antártida. Neste último, trabalhos prévios reportaram a presença de plesiossauros nas Formações López de Bertodano e Snow Hill Island, que variam em idade do Campaniano superior ao Maastrichtiano superior [1]. Aqui, apresentamos um espécime de plesiossauro do Membro Lachman Crags, Formação Santa Marta, do Noroeste da Ilha de James Ross, Península Antártida. O material foi coletado pela primeira expedição paleontológica do Brasil àquele continente, organizada e integrada por membros do Museu Nacional/UFRJ, durante o verão antártico de 2006-2007. As partes constituintes do exemplar estão fragmentadas, assim como ocorre com a maioria dos fósseis de vertebrados provenientes daquele continente [1]. Eles foram encontrados expostos ao meio aéreo e próximos a um leito de rio seco, derivado do degelo naquela região. Apesar disto, foram identificadas dezenove fragmentos de centros vertebrais, dos quais seis são cervicais. Estes possuem faces articulares ovais e côncavas, assim como a presença constante de um par de forames ventrais. Partes da cabeça de um elemento popodial também estão presentes, juntamente com elementos autopodiais. Destes últimos, estão presentes os primeiros elementos mesopodiais proximais e distais, além de inúmeras falanges, preservadas principalmente em sua região epifisial. O conjunto destas características morfológicas, em especial os forames ventrais, indica que o espécime pertence ao clado Plesiosauria. Este é o primeiro espécime de plesiossauro encontrado na mencionada unidade estratigráfica, que é mais basal e, portanto, mais antiga do que às outras com registro deste clado. Estudos recentes de datação direta dos fósseis da região pesquisada indicam que esta corresponde ao Estágio Santoniano (86,3-83,5 Ma) [2], confirmando que este exemplar é o mais antigo de plesiossauro conhecido para o continente antártico. Apesar das condições não-favoráveis de preservação do material, este também representa o mais completo espécime de plesiossauro encontrado na ilha de James Ross e o primeiro da região Noroeste da ilha, representando uma nova localidade para este grupo. Portanto, esperamos que este estudo permita que novos

achados na ilha possam ser comparados a este descrito, contribuindo para o avanço do conhecimento taxonômico da paleo-fauna da região, além da distribuição temporal e espacial dos vertebrados fósseis da Antártida. [1] FRANCIS, J.E., et al. 2007. Cretaceous-Tertiary High-Latitude Palaeoenvironments, James Ross Basin, Antarctica. London: Geological Society of London, Special Publications No. 158. [2] McArthur, J.M., Crame, J.A., Thirlwall, J.E., 2000. Definition of Late Cretaceous stage boundaries in Antarctica using strontium isotope stratigraphy. J. Geol. 108, 623-640.

Código: 666 - Análise dos Minerais Pesados da Praia de Vik Bay, Sudeste da Islândia

PALOMA DE BRITO GUIMARÃES (CNPq/PIBIC)

LUIZ FELIPE LOPES DIAS (CNPq/PIBIC)

Área Básica: GEOLOGIA AMBIENTAL

Orientação: JOÃO WAGNER DE ALENCAR CASTRO

A análise dos constituintes minerais, assim como suas concentrações, constituem as técnicas mais utilizada no estudo mineralógico dos sedimentos, sendo usados como ferramentas de correlação estratigráfica e como indicadores da natureza da(s) área(s)-fonte. O presente trabalho tem como objetivo estudar os aspectos sedimentológicos e mineralógicos da praia de Vik Bay localizada no sudeste da Islândia, a 130 km da capital Reikejawick. A referida praia caracteriza-se por uma enseada limitada por promontórios rochosos de origem vulcânica. O clima de ondas é caracterizado principalmente por ondas de tempestade “swell” proveniente do quadrante sul em ambiente de meso - maré. A ação das ondas extremamente energéticas com altura na arrebentação de até 4,0 m seleciona hidraulicamente os minerais pesados, carreando as frações leves no sentido “offshore”. Como procedimentos metodológicos utilizou-se um processador Haver & Boecker constituído por peneiras de 4,00 a 0,064 mm, definindo assim, o diâmetro mediano do grão (D50) das amostras selecionadas. Em seguida, os minerais pesados foram separados através de bateia e separador Frantz. Através de lupa binocular foram identificadas as assembléias mineralógicas. As amostras megascópicas coletadas na região de Vik bay foram classificadas através de lâminas delgadas. Os resultados obtidos apontam que os sedimentos estudados são característicos de rochas básicas, tipicamente basaltos, provenientes das extrusões adjacentes à área do vulcão Eyjafjallajokull. A análise dos grãos revelou, até o momento, a presença de ilmenita, diopsídio, olivina, plagioclásio, apatita, limonita, pirita limonitizada e fragmentos de rocha, em diferentes proporções de acordo com as suas amperagens dominantes e inclusões. Os grãos apresentam uma morfometria arredondada devido ao intenso retrabalhamento por ondas de alta energia. Portanto foi possível constatar que o processo de seleção que condiciona a distribuição e o retrabalhamento dos sedimentos é oriundo do aporte de material proveniente dos maciços vulcânicos adjacentes. Verificou-se também que a ação de ondas de tempestade é o principal agente responsável pela manutenção dos minerais pesados na faixa de praia através do processo de seleção hidráulica.

Código: 723 - Estudo dos Minerais Pesados de Saprólitos do Ortognaisse Tonalítico Canoas, Minas Gerais

VICTOR HUGO PROENÇA SOUZA (Sem Bolsa)

DOUGLAS RUAN TAVARES LISBOA (Sem Bolsa)

RÔMULO DE CAMPOS STOHLER (CNPq/PIBIC)

FILIPE VIDAL CUNHA S. R. SOARES DE OLIVEIRA (Outra Bolsa)

Área Básica: MINERALOGIA

Orientação: CIRO ALEXANDRE AVILA

Os corpos plutônicos da borda meridional do cráton São Francisco na região entre Nazareno, São João del Rei e Tiradentes vem sendo estudados detalhadamente tanto em relação a sua cartografia geológica, quanto a sua caracterização petrográfica, geoquímica e isotópica. Uma ferramenta adicional vem sendo acrescentada nesses estudos, que envolve a caracterização em estereomicroscópio dos minerais pesados do material saprolítico dos corpos plutônicos fêlsicos. Neste contexto já foi descrita a mineralogia do granitóide Ritápolis (fácies inequigranular média e grossa), do granodiorito Brumado de Baixo, ortognaisse monzogranítico São Tiago e de diversas gerações de corpos pegmatíticos mineralizados em Sn-Ta-Li-Hf. Neste sentido, o presente estudo visa à descrição em estereomicroscópio dos minerais pesados de saprólitos do ortognaisse tonalítico Canoas, objetivando a comparação da sua mineralogia com a dos demais corpos já estudados no intuito de caracterizar semelhanças e diferenças mineralógicas. A metodologia da amostragem consistiu na coleta e pesagem de cerca de 24 quilos de material saprolítico de cada um dos três pontos amostrados. Inicialmente o saprólito de cada ponto foi deslaminado, peneirado a 2mm, concentrado em bateia no próprio campo, armazenado em saco plástico, identificado e levado para ser trabalhado em laboratório. Na fase seguinte, os mesmos foram colocados em beckers e processados no ultrassom por cinco vezes com duração de cerca de 3 minutos objetivando à retirada de partículas finas (fração argila). Em seguida procedeu-se a secagem dos concentrados a 80°C em estufa e a retirada dos minerais magnéticos com ímã de mão visando facilitar o processamento dos concentrados no separador magnético Frantz nas frações 0,3A; 0,4A; 0,5A; 0,6A; 0,8A; 1,0A; 1,5A e não atráivel. Após a conclusão desta etapa todas as frações foram descritas em estereomicroscópio, onde foram identificados quartzo, epidoto, moscovita, biotita, monazita, zircão, ilmenita e anfibólio. Como minerais secundários foram identificados limonita, pirita limonitizada e hidróxidos de Mn. Em termos mineralógicos, o ortognaisse tonalítico Canoas se diferencia do granitóide

Ritópolis e do granodiorito Brumado de Baixo pela presença abundante de epidoto e pela ausência de xenotímio, apatita, granada e rutilo, sendo o epidoto de origem hidrotermal. Em relação ao ortognaisse monzogranítico São Tiago, as principais diferenças mineralógicas estão relacionadas à presença de martita, xenotímio, apatita, rutilo e turmalina. Porém epidoto é abundante em ambos, indicando que estes corpos foram afetados pelo mesmo evento hidrotermal. Nesse sentido, pode-se afirmar que o estudo mineralógico em estereomicroscópio é uma ferramenta que deve ser adicionada ao estudo petrográfico, pois facilita a identificação de diversos minerais presentes que não são normalmente estudados, principalmente os opacos.

**Código: 830 - Descrição da Cavidade Nasal, Seios Paranasais e Seios Timpânicos em
*Gryposuchus sp. (Crocodylia, Gavialidae), Mioceno Superior do Acre***

ROBERTA VERONESE DO AMARAL (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: PALEOZOOLOGIA

Orientação: LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO
SÉRGIO ALEX KUGLAND DE AZEVEDO

Gryposuchus pertence a Ordem *Crocodylia*, Família *Gavialidae*, representando crocodiliformes característicos do Mioceno Superior e Médio, com fósseis do gênero relatados para a Argentina, Colômbia, Venezuela, Amazônia Peruana e do Brasil. O presente trabalho teve por objetivo modelar e descrever os espaços da cavidade nasal, seios paranasais e seios timpânicos do exemplar MN 4097-V, pertencente à coleção de Paleovertebrados do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional/UFRJ. Consiste em um crânio parcialmente preservado de *Gryposuchus sp.*, proveniente da Formação Solimões (Mioceno Superior) do Estado do Acre. Para permitir o acesso às cavidades e seios cranianos foi utilizada como ferramenta a tomografia computadorizada helicoidal. Foram analisadas imagens de cortes tomográficos nos planos coronal, sagital e axial. As cavidades e seios cranianos foram identificados e editados produzindo modelos tridimensionais dos elementos anatômicos citados. Obteve-se como resultado a descrição dos seguintes elementos: 1. Canal de passagem de ar da cavidade nasal - apresentando-se bastante extenso ântero-posteriormente, podendo ser visualizado desde as narinas externas até as coanas; 2. Seios anterorbitais - posicionados lateralmente à cavidade nasal, bastante extensos ântero-posteriormente se comparado a outros *Crocodylia*; 3. Seios pós-vestibulares - localizados anteriormente em relação aos seios anterorbitais, bastante alongados ântero-posteriormente; 4. Seios timpânicos - bem preservados. A grande extensão ântero-posterior do canal de passagem de ar da cavidade nasal, dos seios anterorbitais e dos seios pós-vestibulares se deve a evolução para um rosto alongado nos *Gavialidae*. O seio timpânico se estende de forma similar ao observado em *Alligator mississippiensis*, um animal que aparentemente apresenta um hábito de vida semelhante. As características relativas à pneumatização e a morfologia dos seios paranasais, seios timpânicos e cavidade nasal, usualmente aportam informações sobre anatomia e funcionalidade, além de permitirem inferências com relação ao crescimento, hábitos de vida, taxa metabólica e termorregulação. RIFF, D. & OLIVEIRA, G.R., 2008. Nova ocorrência de *Gryposuchus (Crocodylia, Gavialidae)* para o Mioceno Superior do Estado do Acre, Brasil. In: Boletim de Resumos, VI Simpósio Brasileiro de Paleontologia de Vertebrados. Ribeirão Preto, pp 175-176. WITMER, L. M. & RIDGELY, R. C., 2008. The Paranasal Air Sinuses of Predatory and Armored Dinosaurs (*Archosauria: Theropoda and Ankylosauria*) and Their Contribution to Cephalic Structure. *The Anatomical Record*, 291(11): 1362-1388.

**Código: 857 - O “Beachrock” de Jaconé (Saquerema/RJ)
e Seu Enquadramento Como Patrimônio Geológico**

GISELE GISEÉ FURUKAWA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: KÁTIA LEITE MANSUR
RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS

O Projeto Caminhos de Darwin vem resgatando episódios vividos por Charles Darwin no Estado do Rio de Janeiro e que fizeram parte da sua formação científica a bordo do HMS Beagle. Em sua vertente geológica, estão sendo identificados e estudados, para fins de geoconservação, os afloramentos por ele descritos. O “beachrock” de Jaconé foi identificado pelo naturalista, então com 23 anos de idade, no dia 9 de abril de 1832, a caminho de Saquarema em sua viagem pelo litoral fluminense. Através de pesquisas arqueológicas realizadas na região foram descobertos seixos de “beachrock” nos sambaquis da Beirada e de Moa, também em Saquarema, mostrando que este material já era conhecido do homem pré-histórico há mais de 4000 anos A.P. Buscou-se neste trabalho realizar o enquadramento patrimonial desta exposição e, para tanto, fez-se necessária à ampliação do conhecimento sobre sua origem geológica. Assim, foram identificadas 3 litofácies em seus afloramentos, sendo que duas delas foram analisadas petrograficamente. Suas conchas foram datadas em 8198-7827 anos cal AP pelo método radiocarbono, o que o qualifica como um dos mais velhos “beachrocks” datados no Estado. O “beachrock” de Jaconé, parcialmente aflorante ao longo de cerca de 500m de praia, e submerso ao longo de extenso trecho, tanto para leste como para oeste, sugere através da análise litofaciológica um paleonível do mar provavelmente um pouco mais baixo que o atual. Destaca-se, ainda, a importância ecológica destes afloramentos e blocos, que criam ambientes propícios para elevada concentração de pescado e desenvolvimento de mexilhões, o que pode ter sido um atrativo para os sambaquieiros no passado como é para os pescadores atuais. Finalmente, é inegável o enquadramento desta rocha como patrimônio geológico, seja pela

sua importância histórica e cultural, seja pelas informações geológicas que ela pôde fornecer. A ocorrência se constitui como patrimônio do tipo: (a) geomorfológico - por sua paisagem; (b) sedimentar - pelas distintas fácies e estruturas sedimentares pouco usuais em um estado dominado por rochas ígneas e metamórficas; (c) paleoambiental - pela indicação do nível de uma praia pretérita; (d) petrológico - porque permitiu o entendimento do posicionamento do dique de diabásio, que gerou os clastos da litofácies conglomerática, e que hoje encontra-se encoberto pelos sedimentos litorâneos; (e) arqueológico - por sua presença nos sambaquis; e (f) no contexto da história da ciência - porque foi descrito por Charles Darwin em 1832 quando ele era um cientista em formação. Tem importância internacional e valor científico, cultural, didático e ecológico.

**Código: 876 - “Resgate Geológico” de Afloramento da Formação Macacu
em Santa Cruz da Serra (Duque de Caxias/RJ)**

GISELE GISEÉ FURUKAWA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: ESTRATIGRAFIA

Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS
WILSON APARECIDO LEAL BOIÇA

A Bacia do Macacu, preenchida por depósitos lacustres e aluviais paleogênicos, tem sua principal área de ocorrência a nordeste da Baía de Guanabara, se estendendo na direção ENE por cerca de 25 km, com largura aproximada de 20 km. Ocorrências isoladas destes depósitos, localizadas a W/SW da área principal, são encontradas na Ilha do Governador e no município de Duque de Caxias. Nos arredores da Rodovia Washington Luís, bairro de Santa Cruz da Serra, afloram em colinas baixas depósitos sedimentares correlacionáveis à Bacia do Macacu. Uma dessas colinas vinha sendo desmontada, sendo que a atividade foi embargada pela Prefeitura de Duque de Caxias. O afloramento, localizado na margem da rodovia, defronte ao número 17960 (UTM 0676333 / 7494183, 23K, Córrego Alegre), apresenta área de 20000m² e, em seu centro, a colina remanescente apresenta três faces verticalizadas onde se observam seções notáveis de um depósito fluvial atribuível à Formação Macacu. Em virtude de seu iminente desaparecimento, procedeu-se em caráter de urgência o resgate das informações relativas às litofácies, geometria das camadas e dados de paleocorrentes. Para tanto, foram elaborados três painéis arquiteturais nas faces S, E e N do afloramento e perfis faciográficos detalhados na escala 1:40. A sucessão sedimentar é caracterizada por ciclos granodécrescentes com espessuras entre 80 cm e 2,50 m, formados por camadas de arenitos arcoseanos e lamíticas. Os estratos areníticos apresentam geometria lenticular estendida a sigmoidal, sendo caracterizados por uma sucessão de camadas lenticulares com espessuras entre 20 e 60 cm, constituídas por arenitos arcoseanos médios a grossos, estes últimos com grânulos e seixos angulosos de quartzo, bem selecionados, com estratificações cruzadas acanaladas de médio a pequeno porte indicando paleofluxos para S-SSW. Outra litofácies comum é formada por conglomerados finos com estratificações cruzadas acanaladas de pequeno porte, cuja fração rudítica é constituída por intraclastos pelíticos e seixos de quartzo. Na base dos pacotes areníticos, em contato erosivo sobre camadas pelíticas, são comuns intraclastos com até 10 cm de diâmetro. As camadas lamíticas possuem coloração púrpura a mosqueada, são maciças e muito bioturbadas, e apresentam geometrias lenticulares estendidas, sendo em alguns locais observado forte truncamento lateral em contato com estratos areníticos/conglomeráticos. A espessura do pacote sedimentar no local não deve ultrapassar os 6m, visto que em seu setor N afloram rochas do embasamento cristalino. Os depósitos da Formação Macacu vêm sendo associados a um sistema entrelaçado com inundações periódicas e os dados de paleofluxos na região oeste da bacia apresentam predominância de sentidos para ENE. O afloramento estudado apresenta características litofaciológicas (espessos pelitos) e arquiteturais (geometrias sigmoidais) que sugerem um sistema fluvial do tipo meandrante e os paleofluxos para S são distintos daqueles registrados.

**Código: 1616 - Partículas de Sílica Amorfa (Fitólitos) do Cretáceo da Bacia Larsen,
Ilha de James Ross, Península Antártica**

ISIS GONÇALVES DA SILVA (CNPq/PIBIC)
Área Básica: PALEOBOTÂNICA

Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO
LEANDRO MATTHEWS CASCON

Fitólitos são partículas amorfas microscópicas formadas de sílica que se acumulam em torno ou dentro das células dos tecidos vegetais. Essas partículas são registradas em sedimentos desde o Devoniano. Sua estrutura pode ser diagnóstica de várias plantas, ou grupos de plantas. Inicialmente com objetivo de registrar a presença de fitólitos em sedimentos do Cretáceo, nove amostras foram analisadas para identificar os fitólitos, sendo 3 amostras de cada formação aflorante na Ilha de James Ross: Formação Whisky Bay (Albiano-Turoniano), Formação Hidden Lake (Coniaciano) e Formação Santa Marta (Santoniano-Campaniano). A análise foi realizada com auxílio de microscópio de luz branca transmitida com uma câmera fotográfica acoplada. Os tipos foram identificados com base na literatura especializada. Seis tipos de fitólitos foram identificados: alongado, globular verrucado, tabular verrucado, oblongo, paralelepipedal e epidérmico. Dos seis tipos registrados, apenas o tipo paralelepipedal não ocorre na Formação Whisky Bay. Já na Formação Hidden Lake são registrados os tipos: alongado, globular verrucado, epidérmico e paralelepipedal. Na Formação Santa Marta só não ocorre o tipo oblongo e

paralelepipedal. Além dos fitólitos recuperados das amostras, em um fragmento vegetal recuperado da formação mais antiga (Formação Whisky Bay), foi registrado a presença de elemento de vaso que é diagnóstico de angiosperma. Esse trabalho tem caráter preliminar, visto que as análises ainda estão em andamento concomitantemente com a construção de uma coleção de referência de fitólitos provenientes de material atual, inclusive de regiões austrais, onde levantamentos anteriores demonstraram haver uma grande semelhança com a vegetação do Cretáceo na Antártica.

Código: 1889 - O Emprego de um Produto para Polimento Como Substituto para Pastas de Diamante e Alumina que Pode Reduzir em 90% o Preço Assim Como o Tempo de Preparação de Amostras Polidas, Sendo a Técnica Eficaz Tanto para Estudo de Minerais em Luz Refletida Como para Preparação de Amostras para Exposição

GUILHERME DOMINGOS RAMIRES SANTANA (Sem Bolsa)
Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO

Para que o meteorito seja exposto para o público, ou para fins de estudo é necessário que sejam preparados, os métodos de preparação diferem para cada tipo de meteorito e para sua finalidade. Por exemplo, os meteoritos pétreos, para exposição, podem não precisarem de tratamento, podem ser cortados e polidos. Já para estudos ao microscópio devem seguir os mesmos processos de preparação de uma lâmina petrográfica. Para os meteoritos metálicos devem ser cortados polidos e atacados com nital (ácido nítrico e álcool) O preparo metalográfico começa com o corte que é realizado com um disco de diamante lubrificado com água e lubrificante ou óleo solúvel. Após o corte, e é necessário realizar o desbastamento na lixa d'água de maior granulação (80 ou 120) até que se tenha uma superfície plana em que se possa continuar o processo. Lava-se a amostra e troca-se de lixa para uma mais fina (220 - 280) nesta mudança deve-se girar a amostra 90º de tal forma que estes novos riscos fiquem perpendiculares aos primeiros. Deve-se lixar até que desapareçam os riscos na outra direção. Lava-se de novo a amostra e repete-se a operação com uma lixa mais fina (300-400), de novo com uma mais fina (500-600) diminuindo cada vez mais os riscos feitos pelas lixas anteriores no meteorito, até que estes se tornem minúsculos riscos ou até desapareçam a 1200. Depois se passa para a parte de polimento, geralmente usa-se pasta de diamante e a alumina, que são produtos muito caros. A pasta de diamante, que dependendo de sua granulação, pode ter seu preço variando entre R\$ 200,00 a R\$800,00, em média por uma única seringa. Já a alumina é um pouco mais barata, mas também está na faixa dos R\$ 200,00 a R\$500,00. Pelo alto custo deste material de polimento fez-se uma experiência com diversos materiais usados em lapidação de pedras que custa bem mais barato principalmente a pasta para polimento a base de óxido de cromo que custa cerca de R\$20,00 e é facilmente encontrado em lojas de produtos para bijuterias e ourives. Verificou-se que além de mais barato esta pasta desenvolve um alto brilho rapidamente na amostra, gastando cerca de 10 a 20% do tempo de polimento dos métodos convencionais. Acreditamos que este método deve ser empregado principalmente na confecção de lâminas petrográficas.

Código: 2031 - Levantamento e Espeleogênese da Gruta da Lagoa Feia, Município de São Sebastião do Alto (RJ)

FREDERICO ZAVAM (CNPq/PIBIC)
GUILHERME PANNO VIEIRA (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS

A região Centro-Norte do Rio de Janeiro, englobando os municípios de Cantagalo, Macuco, Cordeiro, Itaocara, São Sebastião do Alto e Cambuci, constitui o principal distrito espeleológico do Estado. Nesta região ocorrem grandes lentes de mármore calcítico de idade proterozóica, orientadas segundo a orientação NE-SW. A lente principal, onde estão localizadas as maiores cavidades naturais subterrâneas do Estado (grutas Novo Tempo e da Pedra Santa), possui largura máxima de 4km na região de Euclidelândia, estendendo-se desde Cantagalo e Macuco até o rio Paraíba do Sul. Cerca de 4km a leste da lente principal, ocorrem diversas lentes de mármore com a mesma orientação e larguras máximas não superiores a 500-600m, em uma das quais se formou a gruta da Lagoa Feia. Este trabalho tem como objetivo apresentar o levantamento topográfico e determinar os processos e as condicionantes que proporcionaram a formação da gruta da Lagoa Feia, através da caracterização das litologias e dos seus padrões estruturais, com ênfase na foliação, dobramentos e fraturas. A gruta da Lagoa Feia, também denominada gruta do Mucuri, localiza-se nas proximidades do rio Negro, a leste da localidade de Portozio (coords. 21°52'08"S e 42°10'04"W). A cavidade é formada por um salão principal cujo comprimento máximo alcança 33m e altura máxima de 11m. Um pequeno conduto com desnível de cerca de 1,80m conduz ao salão inferior, cujo comprimento alcança 19m, a largura máxima 4m e a altura máxima 3,50m. O desnível total da cavidade é de 9m entre a entrada e o pavimento do salão inferior. A rocha encaixante da gruta constitui um mármore sacaroidal com intercalações centimétricas de quartzitos, com orientação NNE-SSW. O salão inferior apresenta uma camada vertical de rocha calcissilicática que condicionou a sua orientação e desenvolvimento. O primeiro levantamento topográfico da cavidade foi feito pela equipe da Sociedade Carioca de Pesquisas Espeleológicas (SPEC) na segunda metade dos anos 90, sendo que a planta topográfica vem sendo aprimorada

durante a realização deste trabalho, incluindo a elaboração de cinco seções transversais na gruta, sendo três no salão principal, uma no salão inferior e uma seção englobando os dois salões, paralela ao desenvolvimento principal da cavidade. Ao sul da gruta, ocorrem lagoas assoreadas orientadas concordantemente com as lentes de mármore, o que sugere uma origem através de processo de dolinamento, ou seja, colapso de antigas cavidades subterrâneas situadas a sul e sudoeste da gruta da Lagoa Feia.

Código: 2714 - Pedras de Raio, Machados Indígenas, Meteoritos ou Fulguritos?

MARIANA ROCHA CARDOSO (IC-Junior)

Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO

Há muito tempo pessoas associam pedras de raios a meteoritos. Não sei de onde surgiu a crença de que quando o raio cai num lugar depois de sete anos surge de dentro da terra uma pedra. Muitos associam estas pedras a meteoritos que teriam caído do céu e que ao cair passa como um grande e estrondoso meteoro chamado de bólido (bola de fogo). Contudo segundo a nossa experiência do museu Nacional, diversas pedras de raios foram trazidas para serem identificadas como meteoritos, todas elas sem exceção tratavam-se de artefatos líticos indígenas, machadinhas. Em certos países como em Nórdicos (Escandinávia) que tem o Thor, deus do trovão, também associados a martelo teria alguma relação com os machados indígenas daqui da América? O raio ao cair sobre terreno arenoso rico em quartzo realmente produz uma “pedra de raios” semelhante a uma raiz vítrea chamada de fulgurito (popularmente pedra-de-courisco ou pedra-de-raio), do latim fulgur que quer dizer raio. Os fulguritos podem ser arenosos, argilosos ou rochosos. Os fulguritos de areia, que são os mais comuns, são modificações de areias quartzosas ou rochas quando submetidas a descargas elétricas de origem atmosférica (raios) que ao atingir o chão, a altíssima temperatura funde o material que encontra. Quando o raio cai sobre a areia e esta é formada de quartzo como a imensa maioria das areias pode surgir o fulgurito uma variedade de lechatelierita. Após o resfriamento, como tubos de vidro oco (Fulguritos) às vezes pode ser localizado abaixo da superfície da areia, em geral, diminuindo de diâmetro e, às vezes ramificadas como eles descem, por vezes, que prorroga por vários metros. As superfícies exteriores desses fulguritos de areia são muitas vezes áspera com aderência, sem fundir os grãos de areia de quartzo. Já os de solos rochosos e argilosos são mais raros e derivam de rochas silicáticas, com diâmetro de cilindro de 5-12 cm, e coloração entre esverdeado, marrom e preto, bastante vesiculado. Os fulgurito são geralmente fáceis de identificar porque ocorre na forma de tubos alongados, de cor clara, rugosos e foscos por fora, mas lisos e brilhantes internamente. Podem medir de centímetros até metros de comprimento e possuem forma escala do raio ao atingir o solo e por ele se espalhar, razão pela qual podem apresentar ramificações laterais. São estruturas frágeis e devem ser escavados de forma cuidadosa para não se partirem e permitirem ser estudados.

Código: 2818 - Tem um ET em Seu Quintal?

Atuação do Projeto Meteoritos Brasileiros nos Colégios Brasileiros Participantes da OBA

DEBORAH ACEDO GUEDES (Sem Bolsa)

Área Básica: ASTRONOMIA ESPACIAL

Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO

O Projeto “Meteoritos Brasileiros” tem como prioridade a busca e recuperação de meteoritos em todo o território brasileiro, através de investigações em busca de maiores informações e demais fragmentos de meteoritos provenientes de relatos de quedas recentes ou achados. Também são coletados novos dados sobre antigos relatos de meteoritos que nunca tiveram a oportunidade de serem investigados, visando o aumento do número de meteoritos brasileiros e o enriquecimento do acervo de meteoritos do Museu Nacional. Na ocasião da implementação do projeto no DGP/MN/UFRJ não chegava a 45 re hoje mesmo sem contar com recursos já chega a 58. Este número, no entanto é muito pequeno segundo os padrões dos países desenvolvidos. Os Estados Unidos, que possui uma área equivalente à brasileira, mas com uma população esclarecida sobre os meteoritos possuem mais de 1500 meteoritos distintos. No ano de 2009 um programa de divulgação científica com o tema “Tem um ET no seu quintal?” e contou com a colaboração da OBA (Olimpíadas Brasileiras de Astronomia) e apoio do CNPq na divulgação de meteoritos, distribuindo folders, cartazes e estrelinhas com poeira de meteorito entre milhares de escolas nas capitais e no interior de praticamente todos os estados brasileiros. Acreditamos que com esta divulgação nas escolas poderá alcançar um grande número de crianças e que por um fator multiplicativo os pais e pessoas mais próximas. No futuro quando estas crianças tiverem contato com um meteorito saberão da importância que eles tem e que possam trazer para os meios científicos. Uma das mais recentes descobertas do meteorito ocorreu quando um ex-aluno do DGP o paleontólogo Douglas Riff em trabalhos de campo no interior da Bahia em Palmas de Monte Alto verificou que uma pedra que se encontrava a mais de 50 anos como encosto de porta de um colégio mostrava grande semelhança com o meteorito de Bendegó. O projeto visa também o estudo em laboratório de todos os meteoritos brasileiros que ainda não foram descritos com a utilização de equipamentos modernos de análise, bem como os que ainda não foram descritos na literatura. Atualmente o programa Meteoritos Brasileiros conta também como apoio da Faperj na divulgação e nunca houve no Brasil e talvez no mundo uma divulgação tão abrangente de conscientização da população estudantil e de professores sobre a importância de se coletar meteoritos como a que propõe o presente projeto com a participação fundamental da OBA.

Código: 1291 - Pesquisa Oral Auxiliando na Identificação de Perfurações em Conchas de Moluscos, Bahia

YASMIN CAVENDISH DA SILVA (Sem Bolsa)
Área Básica: ARQUEOLOGIA PRÉ-HISTÓRICA

Orientação: MARTHA LOCKS GUIMARAES
MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO
ANDRÉIA ALVES SOARES

A Região Arqueológica de Central localizada no interior do estado da Bahia abrange uma área de 100.000km², contém diversos sítios arqueológicos e vestígios históricos, pesquisados pelo Projeto Central desde 1982. De formações cristalinas, área depressiva intermontanhas e de clima semiárido. Esse trabalho visa à identificação dos agentes causadores das perfurações encontradas no dorso das conchas do gênero *Strophocheilus* (terrestre) e no centro do gênero *Diplodon* (límnico). A partir dos questionamentos levantados pelos pesquisadores do referido Projeto, com relação ao formato irregular dessas perfurações bem como dos períodos de coleta (sub-recentes e recentes), nos sítios arqueológicos e nas áreas circunvizinhas. Dúvidas estas que nos levaram a pensar que os referidos agentes sejam diferentes dos apresentados nas literaturas especializadas em arqueologia que associam a atividade humana. Na Jornada de 2008 apresentamos a estatística de perfurações nas conchas coletadas nessa região, que apresentou os gêneros supra citados com maior representatividade. A coleta dos moluscos foi realizada ao longo das sucessivas campanhas realizadas pelo Projeto Central na Região Arqueológica de Central, sempre com o cuidado de identificar o local da coleta para posterior análise no laboratório do Setor de Arqueologia do Museu Nacional, UFRJ. O presente trabalho pretende a partir da pesquisa oral, método que privilegia a participação dos viventes, suas percepções de mundo, como forma de aproximar o objeto de estudo da realidade, contextualizada e consciente, sem negligenciar a sabedoria popular, assim embasará a investigação científica. As entrevistas foram realizadas com 21 moradores de várias idades (caçadores, guias, cozinheiras, etc) do Município de Central na campanha de 2009. As perguntas foram formuladas de acordo com as necessidades da pesquisa, no primeiro momento era mister atestar o reconhecimento do molusco, para poder dar continuidade a entrevista. O objetivo do trabalho fica claro com as perguntas a respeito se “você come ou já comeu esse caracol?” e “algum animal come esse caracol?”, perguntas essas que direcionam o estudo de identificação dos agentes causadores das perfurações dos moluscos da região. Parte dos especialistas, até então, acreditavam que as perfurações eram causadas pela ação antrópica, o que a pesquisa desqualifica esta hipótese, pelo fato de que as perfurações foram encontradas tanto nos registros provenientes das escavações arqueológicas como em coletas anuais da fauna atual. Com a pesquisa oral podemos direcioná-la para um agente causador, as aves da espécie *Aramus guarauna*, vulgarmente chamado de carão. Porém este resultado não pode ser considerado definitivo, pois precisaremos utilizar outras técnicas, principalmente trabalho experimental, para afirmarmos este resultado.

Código: 448 - Coleção de Sedimentologia do Setor de Geologia Sedimentar e Ambiental – DGP (Museu Nacional) UFRJ: Catalogação e Revisão

CAROLINE MELO RIBEIRO (IC-Junior)
PALOMA DE BRITO GUIMARÃES (CNPq/PIBIC)
DANIEL FELIPPE MOTTA PINHO (IC-Junior)
Área Básica: GEOLOGIA AMBIENTAL

Orientação: JOÃO WAGNER DE ALENCAR CASTRO

O Laboratório de Geologia Costeira, Sedimentologia & Meio Ambiente do Setor de Geologia Sedimentar e Ambiental do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional - UFRJ vêm desenvolvendo, desde 2002, um trabalho sistemático de recuperação e revisão de sua coleção de referência em áreas costeiras e marinhas. O acervo da coleção de sedimentologia é de aproximadamente 710 amostras, relacionadas principalmente as praias brasileiras e ambientes de sedimentação costeira e marinha. Neste acervo destacam-se vários exemplares de valor histórico e científico para geologia nacional. O presente trabalho tem como objetivo dar continuidade a catalogação e informatização da referida coleção. A metodologia de trabalho constou dos seguintes procedimentos: 1) Familiarização com a coleção de rochas e sedimentos da reserva técnica; 2) Revisão da classificação dos exemplares existentes; 3) Recuperação de dados contidos nos livros de anotações; 4) Análise macroscópica das novas amostras; 5) Análise laboratorial granulométrica; 6) Limpeza, confecção de etiqueta de identificação; 7) Contagem das amostras já catalogadas e não catalogadas e sua organização nas gavetas; 8) Elaboração da planilha com a numeração atual das amostras; 9) Preparação de novas etiquetas contendo a numeração. Foram catalogadas 707 amostras até o presente momento, sendo que 688 são constituídas por sedimentos costeiros e marinhos e 23 por rochas sedimentares e ígneas das ilhas oceânicas brasileiras. Os sedimentos costeiros e marinhos são provenientes das praias da cidade do Rio de Janeiro (86 amostras), Ilha do Governador (15 amostras), Ilha de Paquetá (10 amostras), Niterói - Itaipu (12 amostras), Itaboraí - RJ (4 amostras), Maricá - Itaipuaçu (10 amostras), Cabo Frio (74 amostras), Arraial do Cabo (61 amostras), Búzios (28 amostras), Saquarema (6 amostras), Rio das Ostras (39 amostras), Araruama (203 amostras), Litoral de São Paulo (44 amostras), Litoral de Santa Catarina (4 amostras), Litoral do Pará (4 amostras), Litoral do Paraná (5 amostras), Litoral da Bahia (5 amostras), Litoral do Ceará (30 amostras), Ilha da Trindade (15 amostras), Antártida (5 amostras) e Islândia (2 amostras). As rochas sedimentares do tipo beach rocks foram coletadas em Cabo Frio (2 amostras), Barra da Tijuca - Rio de Janeiro (2 amostras), Itaipuaçu - Maricá

(2 amostras), Itaipu - Niterói (1 amostra) e 5 amostras da ilha oceânica da Trindade. Além das rochas de praia “beach rocks” registra-se a ocorrência de 7 amostras de rochas ígneas na ilha oceânica da Trindade e 4 da Islândia. Portanto, o referido trabalho de catalogação do acervo se encontra em constante expansão e têm como base tornar os dados desta coleção mais acessíveis aos pesquisadores nacionais e estrangeiros, uma vez que gerações se sucedem enriquecendo o conjunto.

**Código: 1348 - Reorganização da Coleção de Mineralogia
do Departamento de Geologia e Paleontologia do Museu Nacional**

DIMITRI COSTA RIBEIRO (IC-Junior)
GUILHERME PANNON VIEIRA (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: MINERALOGIA

Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS
CIRO ALEXANDRE AVILA

A coleção de Mineralogia do Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) do Museu Nacional, composta por mais de 7.500 espécimes, constitui uma das mais valiosas coleções deste gênero do hemisfério sul. Destacam-se as centenas de amostras pertencentes à famosa “coleção Werner”, comprada pela Coroa Portuguesa por intermédio do diplomata, cientista e político lusitano António de Araújo e Azevedo (1754-1817), o 1º Conde da Barca, no final do século XVIII junto à Escola de Minas de Freiberg (Alemanha), cuja figura mais proeminente era o cientista Abraham Gottlob Werner (1749-1817), considerado o pai da Mineralogia. A “coleção Werner”, catalogada e descrita pelo próprio cientista alemão, foi trazida para o Brasil durante a fuga da família real portuguesa em 1808, pois havia ordens expressas de Napoleão Bonaparte para o seu confisco e envio para Paris após a invasão de Portugal. O objetivo deste trabalho é descrever o processo de reorganização e levantamento da coleção de Mineralogia do DGP. No primeiro semestre de 2005, o DGP através da Fundação Vitae recebeu compactadores de aço visando à substituição dos antigos armários de madeira que acondicionavam diversas as coleções do departamento. Em junho daquele ano, o acervo da coleção de Mineralogia foi transferido para galpões provisórios construídos no pátio interno do DGP, onde permaneceram até julho de 2008, quando foram transferidas, ainda nas antigas gavetas de madeira, para a sala de coleções. A transferência da coleção para os compactadores consistiu em uma separação prévia dos espécimes nas prateleiras segundo a numeração, dividindo-os por centena (p.ex. 2.401-2.550, 2.501-2.600...). Cabe ressaltar que cerca de 2.400 amostras já haviam sido transferidas e organizadas nas gavetas dos compactadores. Constatou-se que o acondicionamento por décadas das amostras em armários de madeira e, os três anos de permanência nos depósitos provisórios, ocasionou danos principalmente às etiquetas e fichas de papel dos espécimes minerais, degradadas pela ação de insetos e da umidade. Diversas amostras sofreram danos, principalmente os sulfetos pela ação da umidade (alteração para sulfatos), além de quebras ocorridas durante as transferências. A remoção de todas as amostras para as prateleiras dos compactadores foi concluída em 28 de setembro de 2009. Em abril de 2010, iniciou-se o levantamento da coleção através da conferência das amostras, uma a uma, e lançamento dos espécimes existentes e faltantes em fichas que respeitam a separação por centena. Vem sendo registrado um número relativamente pequeno de amostras sem número de tombamento ou com este ilegível, sendo que algumas destas já vêm sendo reconhecidas através da consulta aos antigos livros de tombo. Após a conclusão do levantamento, as amostras serão transferidas para as gavetas e será emitido um relatório detalhado sobre a situação da coleção de Mineralogia.

Código: 1752 - Espeleotemas Carbonáticos do Museu Nacional da UFRJ

DIMITRI COSTA RIBEIRO (IC-Junior)
GUILHERME PANNON VIEIRA (UFRJ/PIBIC)
Área Básica: MINERALOGIA

Orientação: RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS
ELIZA CRISTINA CELIS CORRÊA

Espeleotemas são formados a partir da deposição de minerais em cavidades naturais subterrâneas. Nas cavidades geradas em rochas carbonáticas (calcário, dolomito e mármore) a maioria dos espeleotemas é formada por calcita e aragonita (carbonato de cálcio). Comumente denominadas de “formações de caverna”, estas feições assumem as mais variadas morfologias dependendo da sua localização no ambiente cavernícola. Além da beleza de muitas dessas feições, os espeleotemas também são úteis para a datação da época de formação das cavernas e para a determinação de paleoclimas. Os tipos de espeleotemas são agrupados em: depósitos de poço (“pool deposits”); formados por escorrimento e gotejamento de água (ex. estalagmites, estalagmitas e cortinas); formados por capilaridade da água (ex. helictites); espeleotemas evaporativos (ex. coralóides) e aqueles influenciados por atividade microbiana. Este trabalho tem como objetivos o levantamento e o estudo dos espeleotemas calcíticos presentes nas coleções de minerais e de rochas do Departamento de Geologia e Paleontologia (DGP) do Museu Nacional. A maior parte dos espeleotemas foi identificada na coleção de minerais, sendo os mais frequentes aqueles formados por escorrimento e gotejamento, quais sejam estalagmites, estalagmitas e cortinas. Muitos desses foram obtidos em cavernas brasileiras, podendo ser citadas as grutas de Maquiné (MG), de Morungava (PR) e Nova Coimbra (MS). Destacam-se também os coralóides e helictites aragoníticos do sistema de cavernas Frauenmauer-Langstein, região de Styria

(Áustria) e espeleotemas de outros locais da Europa, pertencentes à “Coleção Werner”. Esta coleção, incluída na coleção de minerais, conta com centenas de espécimes minerais catalogados e descritos no final do século XVIII pelo próprio Abraham Gottlob Werner (1749-1817), considerado como o pai da Mineralogia. Também apresentam grande valor histórico e científico os espeleotemas europeus e brasileiros doados por Dom Pedro II. Na coleção de rochas destacam-se os estalagmites e estalagmites das grutas de Maquiné e da região de Montes Claros (MG), Alambary e do Capão Alto (SP), Morungava (PR) e do Inferno (MS), a maioria deles coletados nos anos 20 do século passado pelo naturalista Ney Vidal. A presença de um número significativo de espeleotemas de variadas tipologias nas coleções do DGP, coletados entre o século XVIII e os anos 50 do século XX, indica um contexto científico em que as cavidades naturais subterrâneas não eram vistas como um local a ser protegido e, sim, como um sítio onde era possível coletar minerais carbonáticos interessantes. Apenas em 1990, com o Decreto 99.556, as cavidades naturais subterrâneas brasileiras receberam proteção integral, sendo que este foi revogado em novembro de 2008 pelo Decreto 6.640, que constituiu um grande retrocesso na preservação do patrimônio espeleológico brasileiro.

Código: 2708 - Reorganização, Manutenção e Informatização do Banco de Dados de Meteoritos Pertencente ao Museu Nacional/UFRJ

THAÍS DE JESUS PASSOS (Sem Bolsa)

TATIANA XIAO WEI QIU (Sem Bolsa)

Área Básica: GEOLOGIA

Orientação: MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO

O Setor de Meteorítica do Museu Nacional vem informatizando sua coleção de meteoritos, visando substituir a antiga catalogação manual, que foi iniciada em 1888 pelo geólogo e geógrafo Orville Adalbert Derby [1]. Os acervos históricos das coleções científicas são essenciais às pesquisas, e por isso a importância de uma informatização desse acervo, com o intuito de facilitar o acesso aos dados para a realização de pesquisas. A coleção de meteoritos do museu é a maior e mais antiga do Brasil, sendo composta atualmente por um banco com mais de 220 exemplares, entre mais de 1000 amostras disponíveis; estando algumas em exposição e outras armazenadas na reserva técnica. As entradas de meteoritos na coleção eram inicialmente registradas manualmente em livros de tombo, sistema que permaneceu sendo utilizado por mais de um século. Desde 2002, estes registros começaram a ser digitalizados, por intermédio do software Microsoft Access, que apesar de sua utilidade inicial, no progresso do trabalho, mostrou algumas dificuldades: sempre que há uma atualização do Microsoft Office, o Access não reconhece o antigo formato, tendo que se fazer uma conversão para a versão atualizada, prejudicando o manuseio do mesmo. Para agilizar o processo de informatização do acervo, seria viável a utilização de um software que não apresentasse tantas mudanças no decorrer de suas modificações. Através das pesquisas realizadas em laboratório, são analisados e recolhidos dados que permitirão o reconhecimento e a classificação das amostras no grande grupo classificatório de meteoritos existente. As fichas dos meteoritos analisados exibem uma série de informações, tais como: nome (normalmente fazendo referência ao local onde foram encontrados); data (quando caiu ou quando foi encontrado); se apresenta características de uma queda ou se foi ocasionalmente achado; local da descoberta; sinônimo (caso houver); classificação (química e estrutural); análise química; peso (do total encontrado e das amostras existentes); coordenadas geográficas; e dados históricos, entre outras entradas que ajudem a caracterizar cada um especificamente e ajudam o pesquisador a obter mais informações sobre o material analisado [2]. Além disso, deverão ser anexadas fotos de todas as amostras catalogadas (contendo a mesma entrada), além da inovação implantada com imagens em terceira dimensão (3D). O desenvolvimento deste trabalho mostrou que, apesar de um desempenho insatisfatório devido a constante mudança de versões deste software e incompatibilidade entre as mesmas, o Access ainda é utilizado por não ter sido encontrado ainda, outro meio alternativo mais eficiente que possa ser adotado no momento. Referências: [1] Derby, O. A., Notas sobre os meteoritos brasileiros, 1888. [2] Grady, M.M. (Mônica M.), Catalogue of Meteorites, The Natural History Museum, 5ª Edição, London, Editora Cambridge University Press, 2000, pág. 1-4.

Código: 2774 - Análise de Folhas Fósseis do Cretáceo da Ilha James Ross, Península Antártica

NATHÁLIA PAIXÃO VIEIRA (Sem Bolsa)

Área Básica: PALEOBOTÂNICA

Orientação: MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO

LUCIANO GANDIN MACHADO

LUCIANA WITOVISK GUSSELLA

Na expedição da 25ª Operação Antártica (OPERANTAR XXV) à Península Antártica, restos de folhas fósseis foram coletados na Ilha James Ross, Antártica. O objetivo principal deste trabalho é identificar os morfotipos de folhas fósseis encontradas na Ilha de James Ross e inferir sobre os processos tafonômicos envolvidos em sua formação. Os exemplares estudados estão depositados na Coleção de Paleobotânica do Museu Nacional/UFRJ, totalizando 22 números de registros catalogados, sendo cerca de 300 amostras. Das 300 amostras catalogadas, 143 foram analisadas e descritas. O material está preservado de três maneiras distintas: impressões carbonificadas, impressões com resto e moldes em arenito fino e siltito das Formações Santa Marta, Hidden Lake e Whisky Bay, representando o Cretáceo Médio a Superior da Ilha James Ross.

Os restos de folhas variam entre dois até dez centímetros de comprimento. As amostras apresentam-se como: 1) conjuntos de exemplares pouco preservados, com folhas muito fragmentadas em meio a muitos restos vegetais não identificáveis, constituindo um emaranhado. Ocasionalmente são encontradas folhas bem preservadas, juntas aos emaranhados de restos vegetais; 2) exemplares isolados, geralmente bem preservados. A preservação das estruturas foliares é variada, ocorrendo desde a preservação apenas das nervuras centrais e secundárias, até raramente, a preservação das nervuras terciárias e quaternárias. As margens, quando presentes, estão bem delimitadas e preservadas, possibilitando observar as regiões do ápice e base da lâmina foliar. Para este estudo foi realizada a análise macroscópica dos exemplares a olho nu e sob estereomicroscópio. As determinações taxonômicas serão baseadas na afinidade botânica com famílias atuais e fósseis, principalmente aquelas já registradas na Península Antártica. Sete morfotipos foram identificados, quatro pertencentes provavelmente às pteridófitas, indicando a presença de *Microphylopteris* sp., *Coniopteris* sp. e *Sphenopteris* sp.; e outros três morfotipos relacionados à folhas de Eudicotiledôneas (Angiospermas), sendo que apenas uma pode estar relacionada ao gênero *Phyllopteroides*. O prosseguimento do trabalho prevê a aplicação de uma metodologia para o resgate das informações da anatomia da epiderme, baseada em película de acetato “peel”, que permitirá a determinação de níveis taxonômicos mais apurados e inferências paleoclimáticas e paleoambientais. Este é um estudo de grande importância, pois as florestas que ocorriam na Península Antártica durante o Cretáceo representam um paleoambiente único, sem analogia atual e complementará as pesquisas em andamento no Laboratório de Paleocologia Vegetal (MN/UFRJ), que analisam fósseis de madeira, fósseis de madeira carbonizada, pólenes e palinofácies da Sub-bacia James Ross.

**Código: 3845 - Diversidade de *Chiroptera* (Mammalia) do Quaternário de Serra da Mesa, Goiás:
Fragmentos Fósseis Associados ao Membro Anterior**

KÁYO RITTER DA COSTA (Bolsa de Projeto)
Área Básica: PALEOZOOLOGIA

Orientação: LEANDRO DE OLIVEIRA SALLES
CARLOS RODRIGUES DE MORAES NETO

O estudo da diversidade de quirópteros do Quaternário da Serra da Mesa se encontra inserido num programa de pesquisa paleontológico mais amplo para o Cenozóico da região. De fato, os primeiros investimentos que buscaram retratar a diversidade Holo-pleistocênica de quirópteros de Serra Mesa foram centrados na análise de fragmentos do aparelho mastigatório, sintetizados por Fracasso & Salles (2005). Neste amplia-se o leque de evidências para registros fósseis relativos à osteologia do membro anterior, em particular dos complexos umeral e radio-ulnar. Neste sentido, até o presente foi possível identificar a seguinte diversidade fóssil e sub-fóssil de quirópteros para as quatro cavernas estudadas (a quantidade de peças explícita entre parênteses): Phyllostomidae - *Artibeus* cf. *fimbriatus* (1), *Artibeus jamaicensis* (1), *Artibeus* sp. (3), *Tonatia* sp. (3), *Lophostoma* sp. (3), *Carollia brevicauda* (23), *Carollia castanea* (2), *Carollia perspicillata* (18), *Desmodus rotundus* (5), *Mimon* cf. *crenulatum* (1), *Mimon* cf. *bennettii* (3), *Plathyrrinus* sp. (1), *Phyllostomus hastatus* (16), *Phyllostomus discolor* (2), *Vampyroides caraccioli* (1); Vespertilionidae - *Myotis albescens* (1), *Myotis riparius* (1), *Histiotus* sp. (1); Mormoopidae - *Pteronotus gymnotus* (28), *Pteronotus parnelli* (76); Molossidae - *Nyctinomops* cf. *laticaudatus* (1); Natalidae - *Natalus stramineus* (19). O total de fragmentos triados e identificados até o presente perfazem assim 210 evidências fósseis, associadas à osteologia da asa de microquirópteros.

**Código: 3026 - O Museu Nacional/UFRJ e Sua Contribuição para Educação em Ciência:
Roquette Pinto e Sólón Leontinsinis**

CAROLINA DAMAZIO MEDEIROS (Outra Bolsa)
MARIANA SAAD FERREIRA BARBOSA (Outra Bolsa)
Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS
SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO
CÉLIA MARIA GOMES MAIA

O Museu Nacional, unidade científica da UFRJ, desde o início do século XIX vem mostrando sua contribuição no campo da educação, conforme pode ser observado no regulamento n. 123, de 3 de fevereiro de 1842, que determina a realização de cursos públicos anuais sobre as ciências atinentes às seções da instituição. Por meio de pesquisas no arquivo histórico pretende-se levantar dados que permitam um entendimento rápido de dois momentos diferentes do Museu em relação ao seu papel educativo. A pesquisa está focada nas iniciativas Edgar Roquette Pinto (1884-1954), entre os anos de 1926 e 1935, na qualidade de diretor do Museu Nacional e mentor do então criado Serviço de Assistência ao Ensino de História Natural, assim como da promoção de diferentes eventos de natureza científica e cultural. Como contraponto, serão analisadas as características do serviço, no campo do ensino, cerca de sessenta anos depois, tendo a frente Sólón Leontinsinis (1928-2005). O método utilizado compreende as seguintes etapas: revisão da literatura pertinente; pesquisa exploratória das fontes primárias existentes no arquivo institucional do Museu Nacional e no arquivo privado do professor Sólón Leontinsinis, ambos sob

a custódia da Seção de Memória e Arquivo (SEMEAR), onde é realizado o estágio dos alunos bolsistas de extensão; levantamento, compilação e análise dos dados. O universo de prospecção inclui a identificação da legislação que regulou a atuação institucional e as publicações do Museu relacionadas ao tema. Como resultados parciais apresenta-se o levantamento das fontes, dando forma a um conhecimento sistematizado que servirá como instrumento de pesquisas futuras aos usuários da Seção.

**Código: 3752 - O Periódico Arquivos do Museu Nacional:
Mais de um Século de Comunicação na Ciência**

ANA BEATRIZ MARTINS NASCIMENTO (Sem Bolsa)
GUILHERME DOS SANTOS REGO (Sem Bolsa)
Área Básica: PROCESSOS DE DISSEMINAÇÃO
DA INFORMAÇÃO

Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS
CÉLIA MARIA GOMES MAIA
SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO

Os Arquivos do Museu Nacional, Archivos do Museu Nacional na grafia da época, periódico editado desde 1876 pela instituição que lhe dá o nome, hoje se constitui no mais antigo periódico científico em curso de publicação no Brasil. Foi criado pelo então Diretor Ladislau Netto por meio do Decreto número 6.116, de 09 de fevereiro de 1876, em uma época em que os cientistas necessitavam difundir suas pesquisas em meio ao mundo não globalizado e de muitas perguntas sem respostas. Os Arquivos do Museu Nacional são editados com periodicidade trimestral com a finalidade de publicar artigos científicos inéditos nas áreas de Antropologia, Arqueologia, Botânica, Geologia, Paleontologia e Zoologia, e divulgar junto à comunidade científica os resultados, ainda que parciais, de pesquisas realizadas dentro e fora do Museu Nacional/UFRJ. O trabalho se constitui de uma pesquisa exploratória com o objetivo de analisar o conteúdo publicado no referido Periódico nos seus 5 (cinco) primeiros anos de vida com vistas a mapear os cientistas e assuntos publicados nessa época. Essa é a primeira fase de uma pesquisa bem mais abrangente que envolve a comparação da ciência feita no século XIX com a realizada no século XX e XXI. Para facilitar o trabalho, foram desenvolvidas planilhas para o levantamento de autores e assuntos tratados, com vistas à elaboração de índices onomástico, já pronto, e de assuntos em fase de levantamento (1876-2009). Tais índices também serão entregues para a Comissão de Publicação do Periódico a fim de serem publicados. O trabalho envolve alunos do Programa de Iniciação Científica Júnior (PICJr), fruto de convênio do Colégio Pedro II com o Museu Nacional, cujo objetivo é permitir a vivência teórica-prática dos estudantes do ensino médio no processo ensino aprendizagem, tendo os departamentos e serviços técnicos do Museu como laboratório de iniciação técnica e científica, auxiliando nas escolhas de suas carreiras.

Código: 3769 - Alberto José de Sampaio (1881-1946) e Sua Contribuição para Botânica Brasileira

BRUNA BARROS POZES DA SILVA (Outra Bolsa)
MARCUS VINICIUS DE OLIVEIRA DA SILVA (Outra Bolsa)
THAÍS PUCU NEVES (Outra Bolsa)
Área Básica: PROCESSOS DE DISSEMINAÇÃO
DA INFORMAÇÃO

Orientação: MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS
SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO

Alberto José de Sampaio (1881-1946) tem sido um dos principais temas de pesquisa na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ, onde se encontra custodiado parte de seu arquivo, assim como o arquivo da Divisão de Botânica da qual foi titular. Botânico de renome, integrante do quadro de pesquisadores e professores do Museu Nacional entre 1912 e 1946, no seu acervo predominam os originais de seus estudos, produção intensa e profícua, sobre temas que denotam uma constante preocupação com o meio ambiente, acompanhados de desenhos e estampas, alguns de sua própria lavra, usados para ilustrar as publicações. Até bem pouco, esses estudos achavam-se apenas sumariamente descritos. O trabalho técnico compreende a identificação individualizada dos manuscritos, o subsequente acondicionamento, a reconstituição cronológica de sua produção científica, para datação aproximada dos textos com as respectivas referências da publicação. A execução dessas atividades exige habilidade na leitura de manuscritos e familiarização com a nomenclatura científica atribuída aos gêneros e espécies botânicas. Como resultados parciais apresenta-se o levantamento da produção intelectual do cientista, nas áreas de botânica e ecologia, publicada ou não (inédita), que, uma vez divulgada, subsidiará novas pesquisas na área.

Código: 3885 - A Coleção D. Pedro II e a História do Museu Nacional

FLÁVIO RENATO MORGADO F. DA SILVA (Outra Bolsa)
Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS
NADJA PARAENSE DOS SANTOS

O presente trabalho é referente à pesquisa realizada na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ e tem como intuito a constituição do Guia do Acervo Artístico, Histórico e Científico de d. Pedro II existente no Museu Nacional/UFRJ - projeto cadastrado no SIGMA (13790). Seus objetivos principais são: demonstrar a importância da iniciação do aluno de graduação em História na pesquisa institucional e a relevância de tal ofício. Quanto ao primeiro ponto, será ressaltado o aspecto metodológico da pesquisa, que visa trabalhar com fontes primárias (documentos administrativos, em sua grande parte correspondências diversas, tais como, atas, requerimentos, avisos e ofícios), mais tarde correlacionadas às peças e coleções científicas que pertenceram ao acervo de d. Pedro II. Com relação ao segundo objetivo, trataremos da importância do acervo histórico para compor a história da instituição que se envolve com a do desenvolvimento das ciências naturais no Brasil do século XIX. Serão apresentados, portanto os resultados iniciais já alcançados, iniciados em 2009, assim como os futuros caminhos a serem traçados.

**Código: 3888 - Iniciação à Pesquisa Institucional:
O Levantamento Documental para a História do Museu Nacional**

FELIPPE SANTOS DA COSTA (Sem Bolsa)
Área Básica: HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS

Orientação: REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS
GUSTAVO ALVES CARDOSO MOREIRA

O presente trabalho apresenta a atividade de um aluno do Colégio Pedro II atuando em estágio avançado na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ (SEMEAR) como parte do Programa de Iniciação Científica Junior (Convênio Museu Nacional/UFRJ/Colégio Pedro II), em especial, no projeto de pesquisa: Guia do Acervo Artístico, Histórico e Científico de D. Pedro II existente no Museu Nacional/UFRJ - registrado no SIGMA (13790). A atividade básica para a pesquisa, que pretende contribuir para a História do Museu Nacional/UFRJ, é iniciada com um levantamento documental, porém o trabalho a ser exposto versará sobre a identificação de periódicos que está sendo realizada na Biblioteca Central do Museu Nacional. Trata-se do momento avançado da atividade de investigação de informações sobre a instituição, pois a primeira etapa do levantamento documental foi realizada durante o ano de 2009 na Seção de Memória e Arquivo do Museu Nacional/UFRJ. Serão apresentados os resultados iniciais da atividade do aluno do Ensino Médio do Colégio Pedro II no periódico *Auxiliador da Indústria Nacional* com a orientação e coordenação de historiadores do Museu Nacional.

FCC

Forum de Ciência e Cultura

ÍNDICE REMISSIVO

ÍNDICE POR AUTOR

A	ALDO CACCAVO DE ARAÚJO	28
	ALEXANDRE VERÇOSA GRECO	16
	AMANDA REBOUÇAS COSTA.....	15
	ANA BEATRIZ MARTINS NASCIMENTO.....	40
	ANA LUÍSA LEMOS CORRÊA.....	17
	ANA LUIZA PAIOLA DE ALMEIDA SANTOS	6
	ANA PAOLA DA SILVA SALGADO ARAÚJO	12
	ANA PAULA AZEREDO NUNES VILA.....	25
	ANDRÉ LUIZ LOPES SAMPAIO	27
	ANNA CLÁUDIA CARMO DA SILVA COUTO	26
B	BIANCA VICTORIANO NOGUEIRA	7
	BRUNA BARROS POZES DA SILVA.....	40
	BRUNA RODRIGUES PEREIRA.....	9
C	CAMILA DE MATTOS LINS VAZ	5
	CAMILA VENTURINI SUIZANI.....	20
	CAROLINA DAMAZIO MEDEIROS	39
	CAROLINE CORDONIS BORGES DA SILVA	25
	CAROLINE MELO RIBEIRO	36
	CÁSSIA MALAFAIA FERREIRA DA SILVA.....	13
	CECÍLIA DE OLIVEIRA EWBANK	12
	CLARISSA PEREIRA COGO.....	12
	CLÁUDIA REGINA LIRA GARCIA	24
D	DANIEL FELIPPE MOTTA PINHO.....	36
	DEBORAH ACEDO GUEDES	35
	DIEGO PEREIRA SPALA.....	14, 19
	DIMITRI COSTA RIBEIRO.....	37
	DOUGLAS RUAN TAVARES LISBOA	31
F	FABIANO DE CASTRO MARIA.....	29
	FELIPPE SANTOS DA COSTA.....	41
	FERNANDA BARROS DOS SANTOS.....	21
	FERNANDA SANTA ROZA AYALA MARTINS	3
	FILIFE VIDAL CUNHA SANTA ROSA SOARES DE OLIVEIRA.....	31
	FLÁVIO RENATO MORGADO F. DA SILVA	41
	FREDERICO ZAVAM.....	34
G	GABRIEL RODRIGUES SOARES.....	13
	GABRIELLE REBOREDO MENEZES VIEIRA	14
	GISELA BARBOSA SOBRAL DE OLIVEIRA.....	29
	GISELE GISEÉ FURUKAWA.....	32, 33
	GLÓRIA CAROLINE CARVALHO DE SOUZA	20
	GUILHERME DOMINGOS RAMIRES SANTANA.....	34
	GUILHERME DOS SANTOS REGO	40
	GUILHERME PANNON VIEIRA	34, 37

I	IGNEZ MENDONÇA BATISTA.....	11
	IGOR FERNANDES RODRIGUES.....	30
	ISABELA PESSÔA BARBIERI BASTOS.....	27
	ISIS GONÇALVES DA SILVA.....	33
	IVAN GOMES DORO FILHO.....	3
J	JOÃO PEDRO DIAS.....	26
	JÚLIA OLIVEIRA FRANCESCHINI TANDETA.....	3
	JULIANA DA SILVA COELHO.....	5
	JULIANA DE SOUSA NOGUEIRA.....	4
	JULIANA DE SOUZA MARIANO.....	4
	JULIANA MORAIS DANEMBERG.....	5
	JULIANY SÁ DE CARVALHO.....	26
	JULLIANA PASSOS DOS SANTOS.....	17
K	KARINA DE FIGUEIREDO FONSECA.....	22
	KATHERINE NUNES DE AZEVEDO.....	12
	KÁYO RITTER DA COSTA.....	39
L	LEONARDO BATISTA AZEREDO QUINTANILHA.....	4
	LUANA DOS SANTOS CORREIA.....	7
	LUCAS GABRIEL POERNER SORRENTINO.....	24
	LUDMILA MOREIRA COSTA.....	10
	LUIZ FELIPE LOPES DIAS.....	31
	LUIZ GABRIEL NOGUEIRA RODRIGUES.....	23
M	MAÍRA DE OLIVEIRA RIBEIRO.....	7
	MARA ALBUQUERQUE FREIRE.....	10
	MARCELO ANTÔNIO BOGGI.....	23
	MARCUS VINICIUS DE OLIVEIRA DA SILVA.....	40
	MARIA CAROLINA ARAÚJO DE SOUZA.....	27
	MARIA CLARA COSTA DOS SANTOS.....	26
	MARIANA ORICHIO MELLO APPEL.....	16
	MARIANA ROCHA CARDOSO.....	35
	MARIANA SAAD FERREIRA BARBOSA.....	39
	MARINA JARDIM E SILVA.....	11
	MARINA PRINCIPE CARDOSO PINTO.....	8
	MARIO JARDIM CUPELLO.....	21
	MIGUEL ALENCAR ROSA TEIXEIRA MENDES.....	12
	MYRTÔ DA SILVA CUNHA.....	13
N	NATHÁLIA DE BARROS GOMES PINHEIRO.....	18
	NATHÁLIA PAIXÃO VIEIRA.....	38
P	PALOMA DE BRITO GUIMARÃES.....	31, 36
	PAMELA DE EGÍDIO COELHO.....	18
	PEDRO VITOR SAINT-CLAIR DE FREITAS.....	24
R	RACHEL TURBA DE PAULA.....	28
	RAFAEL LIRA TEIXEIRA SANTOS.....	27
	RAFAELA COUTO DE REZENDE.....	9
	RAQUEL MARIA BATISTA SOUZA DE SOUZA.....	21
	RENATA LARA FONTENELLE PICALUGA.....	8
	RICARDO AUIP WOLTER JUNIOR.....	27
	ROBERTA VERONESE DO AMARAL.....	32

R	ROBERTO ABRANTES FIRME.....	15
	RÔMULO DE CAMPOS STOHLER.....	31
	ROSA CRISTINA VITORINO DE PAULA.....	19
S/T	SABRINA QUEIROZ DE FARIAS.....	6
	TADEU BARRIA BARROSO TAVARES.....	3
	TATIANA XIAO WEI QIU.....	38
	THAÍS DE JESUS PASSOS.....	38
	THAÍS PUCU NEVES.....	40
	THIAGO VIEGAS DE OLIVEIRA.....	18
	TIAGO RODRIGUES SIMÕES.....	30
V	VERÔNICA REIS DE CASTRO.....	8
	VICTOR DE SOUZA BITTAR.....	8
	VICTOR HUGO PROENÇA SOUZA.....	31
W/Y	WAGNER PATRÍCIO PEREIRA DO NASCIMENTO.....	27
	YASMIN CAVENDISH DA SILVA.....	36

ÍNDICE POR ORIENTADOR

A	ADILSON DIAS SALLES	8
	ADRIANA LUIZA RIBEIRO DE OLIVEIRA	18
	ALEXANDER WILHELM ARMIN KELLNER	30
	ALEXANDRE DIAS PIMENTA	28
	ANA CAROLINA DA SILVA FOURNY	17
	ANA TEREZA ARAÚJO RODARTE	16, 20
	ANDRÉA CRISTINA DE BARROS QUEIROZ	12
	ANDRÉIA ALVES SOARES	36
	ANTÔNIO BRANCAGLION JUNIOR	5, 8
	ANTÔNIO CARLOS DE SOUZA LIMA	3
	ANTÔNIO CARLOS SEQUEIRA FERNANDES	11, 12
B	BÁRBARA DE SA HAIAD	13, 19
	BRUNO CARDOSO LOPES	19
C	CARLOS FAUSTO	3
	CARLOS RODRIGUES DE MORAES NETO	39
	CAROLINE FERNANDES CAROMANO	7
	CÉLIA MARIA GOMES MAIA	39, 40
	CIRO ALEXANDRE AVILA	31, 37
	CLÁUDIA BARBIERI FERREIRA MENDONÇA	14, 21
	CLÁUDIA PETEAN BOVE	18
CLÁUDIA RODRIGUES FERREIRA DE CARVALHO	8	
D	DANIEL DE OLIVEIRA LEAL	13
	DANIEL DE OLIVEIRA LEAL	19
	DÉBORA MEDEIROS	10
	DEISE DIAS REGO HENRIQUES	29
	DOUGLAS RIFF GONÇALVES	30
E	ELIZA CRISTINA CELIS CORRÊA	37
	ELSIE FRANKLIN GUIMARAES	17
F	FLÁVIA DE CARVALHO C. M. CERQUEIRA	8
	FLÁVIO DOS SANTOS GOMES	7
G	GABRIEL LUIS FIGUEIRA MEJDALANI	23, 24
	GINA FARACO BIANCHINI	5, 6, 7
	GUILHERME RAMOS DA SILVA MURICY	25
	GUSTAVO ALVES CARDOSO MOREIRA	41
H	HÉLDER DE PAULA SILVA	30
	HELOÍSA ALVES DE LIMA CARVALHO	13, 16, 20
J/K	JANDESON BRASIL DIAS	15
	JOÃO ALVES DE OLIVEIRA	25, 28, 29
	JOÃO WAGNER DE ALENCAR CASTRO	31, 36
	JORGE ROBERTO LOPES DO SANTOS	8
	KÁTIA LEITE MANSUR	32

L	LEANDRO DE OLIVEIRA SALLES	39
	LEANDRO MATTHEWS CASCON.....	33
	LUCI DE SENNA VALLE.....	10, 21
	LÚCIA HELENA SAMPAIO DA SILVA.....	8
	LUCIANA BARBOSA DE CARVALHO.....	29, 30, 32
	LUCIANA SILVA DA COSTA.....	15
	LUCIANA WITOVISK GUSSELLA.....	38
	LUCIANO GANDIN MACHADO.....	38
	LYGIA DOLORES RIBEIRO DE S FERNANDES.....	13, 14, 18, 19
M/N	MARCELO DE ARAÚJO CARVALHO.....	9, 33, 38
	MARCELO RIBEIRO DE BRITTO.....	26
	MARCELO RIBEIRO DE BRITTO.....	26
	MARCIA SOUTO COURI.....	22, 24
	MARIA CÉLIA RODRIGUES CORREIA.....	16, 20
	MARIA DA CONCEIÇÃO DE MORAES COUTINHO BELTRÃO.....	4, 36
	MARIA ELIZABETH ZUCOLOTTO.....	12, 34, 35, 38
	MARIA JOSÉ VELOSO DA COSTA SANTOS.....	13, 39, 40
	MARIANA ALBUQUERQUE DE SOUZA.....	17
	MARTHA LOCKS GUIMARAES.....	4, 36
	MIGUEL ANGEL MONNE BARRIOS.....	21
	NADJA PARAENSE DOS SANTOS.....	41
O	OLÍVIA MARIA GOMES DA CUNHA.....	3
	ORLANDO NELSON GRILLO.....	30
P	PAULO ANDREAS BUCKUP.....	24, 27
	PEDRO SEYFERTH RIBEIRO ROMANO.....	30
R	RAFAEL RIBEIRO PIMENTEL.....	14, 18
	REGINA MARIA MACEDO COSTA DANTAS.....	41
	RENATO RODRIGUEZ CABRAL RAMOS.....	32, 33, 34, 37
	RICARDO SILVA ABSALAO.....	28
	RITA SCHEEL YBERT.....	5, 6, 7
	ROBERTO LOURENÇO ESTEVES.....	20, 21
S	SÉRGIO ALEX KUGLAND DE AZEVEDO.....	29, 30, 32
	SÍLVIA MACHADO.....	8
	SÍLVIA NINITA DE MOURA ESTEVÃO.....	13, 39, 40
T	TAÍSSA RODRIGUES MARQUES DA SILVA.....	30
	THABATTA ALMEIDA GONÇALVES DA SILVA.....	19
V	VALÉRIA CID MAIA.....	11, 23
	VÂNIA GONÇALVES LOURENÇO ESTEVES.....	14, 17, 20, 21
	VERA LÚCIA DE MORAES HUSZAR.....	8, 15, 16
	VIVIANE SEGUNDO FARIA TRINDADE.....	9
W	WILSON APARECIDO LEAL BOIÇA.....	33